AUGUSTO CURY

Análise da Inteligência de Cristo 2



O Mestre da Sensibilidade

Jesus, o maior especialista no território da emoção

INTRÍNSECA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Análise da

Inteligência de Cristo

Análise da

Inteligência de Cristo

EDITORA ACADEMIA DE INTELIGÊNCIA

Copyright © Editora Academia de Inteligência

Criação, Editoração e Fotolitos:

Macquete Gráfica Produções (0XX11) 6694-6477

Revisão:

Ana Maria Barbosa

Cláudia Júlio Alves Caetano

Catalogação na Fonte do Departamento Nacional do Livro

C982m

Cury, Augusto Jorge.

O mestre da sensibilidade, vol. 2 : Análise da inteligêncida de Cristo / Augusto Jorge Cury — São Paulo: Ed. Academia de Inteligência, 2000.

219 p. ; 21 cm.

ISBN: 85-87643-02-9

1. Jesus Cristo — Personalidade e missão. 2. Jesus Cristo - Psicologia 3. Inteligência. Título. CDD-232.903

Editora Academia de Inteligência

Fone/fax: (0XX17) 342-4844

E-mail: academiaint@mdbrasil.com.br

Dedico este livro a todos aqueles que abrem as janelas de sua mente e procuram rever continuamente a sua maneira de ver a vida e reagir ao mundo, pois são eles que

encontram a sabedoria...

Prefácio..... 9

Introdução..... 11

0 1. A maturidade revelada no caos..... 15

02. O semeador de vida e de inteligência 29

03. Manifestando sua inteligência antes

de tomar o cálice 43

04. As atitudes incomuns de Cristo na última ceia:

a missão 59

05. Um discurso final emocionante 79

06. Vivendo a arte da autenticidade..... 97

07. A dor causada pelos amigos 115

08. Um cálice insuportável: os sintomas prévios 133

09. A reação depressiva de Jesus: o último estágio

da dor humana 147

010. O cálice de Cristo 173

011. O homem como ser insubstituível 193

Notas bibliográficas..... 215

O MESTRE DA SENSIBILIDADE faz parte da coleção Análise da Inteligência de Cristo. Embora haja interdependência entre eles, cada livro poderá ser lido separadamente, sem obedecer a uma seqüência.

O Mestre da sensibilidade teve uma existência pautada por desafios, perdas, frustrações e sofrimentos de toda ordem. Ele tinha todos os motivos para ter depressão durante sua trajetória de vida, mas não a adquiriu; pelo contrário, era alegre e seguro no território da emoção. Tinha também todos os motivos para ter ansiedade, mas não a adquiriu; pelo contrário, era tranqüilo, lúcido e sereno. Todavia, no Getsêmani, expressou que sua alma estava profundamente triste. O que ele vivenciou nesse momento: depressão ou uma reação depressiva momentânea? Qual a diferença entre esses dois estados? Quais procedimentos Cristo adotou para administrar seus pensamentos e superar sua dramática angústia?

Jesus disse: “Pai, se possível, afaste de mim este cálice, mas não faça como eu quero, mas como tu queres!”1. Ele hesitou diante da sua dor? Alguns vêem ali recuo e hesitação. Todavia, se estudarmos detalhadamente seus comportamentos, compreenderemos que ele expressou, naquela noite densa e fria, a mais bela poesia de liberdade, resignação e autenticidade.

Estava plenamente consciente do cálice que iria beber. Seria espancado, açoitado, zombado, cuspido; teria uma coroa de espinhos cravada em sua cabeça e, por fim, passaria por seis longas horas na cruz até a sua falência cardíaca.

A psicologia e a psiquiatria têm muito a aprender com os pensamentos e reações que o mestre expressou ao longo de sua história, principalmente nos seus últimos momentos. Diante das mais dramáticas situações, ele demonstrou ser o mestre dos mestres da escola da vida. Os sofrimentos, ao invés de abatê-lo, expandiam sua sabedoria. As perdas, ao invés de destruí-lo, refinavam-lhe a arte de pensar. As frustrações, ao invés de desanimá-lo, renovavam-lhe as forças. A missão, propósito ou objetivo de Jesus Cristo é impressionante. Não queria apenas colocar o homem numa escola de sábios, mas também imergi-lo na eternidade. Ele valorizava o homem ao máximo, por isso nunca desistia de ninguém, por mais que o frustrassem. Sob o cuidado afetivo dele, as pessoas começaram a contemplar a vida sob outra perspectiva.

Investigar a sua personalidade nos fará assimilar mecanismos para expandir nossa qualidade de vida e prevenir as mais insidiosas doenças psíquicas da atualidade: a depressão, a ansiedade e o stress. Este, como os outros livros desta coleção, não trata de religião, não é um estudo teológico, mas um estudo psicológico da humanidade de Cristo. Embora não trate de teologia, provavelmente abordarei detalhes ainda não investigados teologicamente.

Podemos estudar grandes pensadores, tais como Platão, Montesquieu, Descartes, Marx, Max Weber, Adam Smith, Hegel, Freud, Jung, Darwin, todavia ninguém foi tão complexo, interessante, misterioso, intrigante e de difícil compreensão como Cristo. Como estudaremos, ele não apenas causou perplexidade nos homens mais cultos da sua época, mas ainda hoje seus pensamentos e intenções são capazes de perturbar a mente de qualquer um que queira estudá-lo com profundidade e sem julgamentos preconcebidos.

Jesus incendiou o mundo com sua vida e sua história. Há mais de dois bilhões de pessoas que dizem amá-lo, integrantes de inúmeras religiões. Todavia, não é possível amar alguém que não se conheça. E

não é possível conhecer adequadamente a Jesus Cristo sem estudar os últimos dias de sua vida, pois ali estão contidos os segredos de sua complexa missão, bem como os mais dramáticos elementos que constituíram o seu cálice, o seu sofrimento.

Ele usou cada segundo do seu tempo, cada pensamento da sua mente e cada gota do seu sangue para mudar o destino não apenas do povo judeu, mas também de toda a humanidade. Ninguém foi como ele. Fez milagres espantosos, aliviou a dor de todas as pessoas que o procuraram ou que cruzaram o seu caminho, mas quando precisou aliviar a sua própria dor, agiu com naturalidade, esquivou-se de usar o seu poder.

O mestre da vida afirmou categoricamente: “eu vim para esta hora”2. Seu objetivo fundamental seria cumprido nos últimos momentos de sua história. Portanto, se quisermos conhecê-lo profundamente, precisamos imergir no conteúdo dos pensamentos e sentimentos que ele expressou antes de ser preso, julgado e sofrer a morte clínica. Eles revelam seus mais complexos e importantes segredos. Embora este livro tenha significativas limitações, meu desejo é que estes textos tragam uma grande ajuda para os que admiram e amam esse personagem bimilenar. Entretanto, ressalto que este livro não foi escrito

apenas para os leitores do cristianismo, mas para todas as pessoas de todo tipo de cultura e religião: judeus, budistas, islamitas etc. Ele é dirigido também aos ateus, pois estes igualmente têm direito de estimular a sua inteligência a partir das nobilíssimas funções intelectuais do mestre de Nazaré. Falando sobre o ateísmo, por ter estudado sua dimensão psíquica e filosófica, opino que não há ateu, pois todo ateu é o "deus de si mesmo". Por quê? Porque apesar de desconhecer inúmeros fenômenos da existência, tais como os mistérios do universo, os segredos do tempo e os segredos da construção da inteligência humana, os ateus possuem uma crença ateísta tão absolutista de que Deus não existe que só

um "deus" poderia ter. Todo radicalismo intelectual engessa a inteligência e fere o bom senso. Gostaria de convidar todos os leitores, ateus ou não, religiosos ou não, a estudarmos juntos a personalidade daquele que revolucionou a trajetória humana, expressa nas suas quatro biografias ou evangelhos.

Embora tenha havido excelentes escritores que discorreram diversos aspectos de sua vida, neste estudo raramente usarei alguma referência deles, pois gostaria de voltar às origens e realizar uma análise a partir do que ele falou, expressou, discursou, reagiu e deixou subentendido nas entrelinhas dos seus pensamentos e nos seus momentos de silêncio. Estudá-lo é uma aventura que todos os que pensam não devem se furtar a fazer.

O mestre de Nazaré era tão surpreendente que objetivava romper o cárcere intelectual das pessoas estimulando-as a serem livres no território da emoção. Por isso, expunha suas idéias e nunca as impunha. Naqueles ares apareceu um homem convidando as pessoas a pensar nos mistérios da vida. As convicções pessoais pertencem ao leitor, que deve procurá-las com liberdade e consciência crítica. A divindade de Cristo é uma dessas convicções. Entretanto, independente de tais convicções, a personalidade do mestre de Nazaré é tão intrigante que é possível extrair dela sabedoria e belíssimas lições existenciais.

Em muitos textos discorrerei sobre fenômenos não observáveis, pois eles saturam os discursos finais de Cristo, tais como a superação da morte, a eternidade, os limites do tempo, o seu poder sobrenatural. No entanto, quero que o leitor tenha em mente que, ao estudá-los, não estarei investigando os itens relacionados à fé ou às convicções íntimas, mas aos intrigantes fenômenos ligados ao seu plano transcendental.

Cristo vem da palavra grega “Mashiah” (Messias), que significa o “ungido”. Jesus vem da forma grega e latina do hebraico “Jeshua”, que significa “o Senhor é a salvação”. Usarei os nomes Cristo, Jesus e mestre de Nazaré despreocupadamente, sem a intenção de explorar os significados de cada um. Apenas em alguns textos darei preferência específica a um ou outro e, quando o fizer, o próprio texto deixará

clara minha intenção.

Muitos leitores do primeiro livro da série “Análise...” me enviaram e-mails e cartas dizendo que, após sua leitura, abriram as janelas de suas mentes e ficaram surpresos com a personalidade de Cristo. Entretanto, neste segundo livro, creio que ficaremos mais encantados e até perplexos com a ousadia e complexidade dos pensamentos do mestre de Nazaré, sendo que diversos deles foram produzidos no auge da sua dor.

C A P Í T U L O 1

A MATURIDADE REVELADA

NO CAOS

É fácil reagirmos e pensarmos com lucidez quando o sucesso bate à nossa porta, mas é difícil conservarmos a serenidade quando as perdas e as dores da existência nos invadem. Muitos revelam irritabilidade, intolerância e medo nessas situações. Se quisermos observar a inteligência e maturidade de alguém, não devemos analisá-la nas primaveras de sua vida, mas no momento em que atravessa os invernos de sua existência.

Muitas pessoas, incluindo intelectuais, comportam-se com elegância quando o mundo os aplaude, mas perturbam-se e reagem impulsivamente quando os fracassos e os sofrimentos cruzam as avenidas de suas vidas. Não conseguem superar suas dificuldades nem mesmo extrair lições de suas intempéries. Houve um homem que não se abalava quando contrariado. Jesus não se perturbava quando seus seguidores não correspondiam às suas expectativas. Diferente de muitos pais e educadores, ele usava cada erro e dificuldade dos seus íntimos não para acusá-los e diminuí-los, mas para que revisassem suas próprias histórias. O mestre da escola da vida estava menos preocupado em corrigir os comportamentos exteriores e mais preocupado em estimulá-los a pensar e a expandir a compreensão dos horizontes da vida.

Era amigo íntimo da paciência. Sabia criar uma atmosfera agradável e tranqüila, mesmo quando o ambiente à sua volta era turbulento. Por isso dizia: “Aprendei de mim, pois sou manso e humilde...”3. Sua motivação era sólida. Tudo ao seu redor conspirava contra ele, mas absolutamente nada abatia seu ânimo. Ainda não havia passado pelo caos da cruz. Sua confiabilidade era tão sólida, que de antemão proclamava a vitória sobre uma guerra que ainda não tinha travado e que, o que é pior, enfrentaria sozinho e sem armas. Por isso, apesar de ser ele quem devesse ser confortado pelos seus discípulos, ainda conseguia reunir forças para animá-los momentos antes de sua partida, dizendo: “Tende bom ânimo, eu venci o mundo”4.

Muitos psiquiatras e psicólogos possuem lucidez e coerência quando discorrem sobre os conflitos dos seus pacientes, mas quando tratam dos seus próprios conflitos, perdas e fracassos, não poucos têm sua estrutura emocional abalada e

fecham as janelas da sua inteligência. Nos terrenos sinuosos da existência é que a lucidez e a maturidade emocional são testadas. Ao longo da minha experiência como profissional de saúde mental e como pesquisador da psicologia e educação, estou convencido de que não existem gigantes no território da emoção. Podemos liderar o mundo, mas temos enormes dificuldades em administrar nossos pensamentos nos focos de tensão. Muitas vezes temos comportamentos descabidos, desnecessários e ilógicos diante de determinadas frustrações.

O mestre da escola da vida sabia das limitações humanas, sabia que nos é difícil gerenciar nossas reações nas situações estressantes. Tinha consciência de que facilmente erramos e de que facilmente punimos a nós mesmos ou aos outros. Entretanto, queria de todo modo aliviar o sentimento de culpa que esmagava a emoção e criar um clima tranqüilo e solidário entre os seus discípulos. Por isso, certo dia, ensinou-os a se interiorizarem e orarem, dizendo: “Perdoai as nossas ofensas assim como temos perdoado aqueles que nos têm ofendido”5.

Quem vive sob o peso da culpa fere continuamente a si mesmo, torna-se seu próprio carrasco e, de outro lado, quem é radical e excessivamente crítico dos outros torna-se um “carrasco social”. Na escola da vida não há graduação. Quem nela se “diploma” faz perecer sua criatividade, na medida em que não mais possui a capacidade de ficar assombrado com os mistérios que a norteiam. Tudo se torna comum para ele, nada havendo que o anime e o instigue. Nessa escola, o melhor aluno não é aquele que tem consciência do quanto sabe, mas do quanto não sabe. Não é aquele que proclama a sua perfeição, mas o que reconhece suas limitações. Não é aquele que proclama a sua força, mas o que educa a sua sensibilidade.

Todos temos momentos de hesitação e insegurança. Não há quem não sinta o medo e a ansiedade em determinadas situações. Não há quem não se irrite diante de determinados estímulos. Todos temos fragilidades. Só não as enxerga quem é incapaz de viajar para dentro de si mesmo. Uns derramam lágrimas úmidas; outros, secas. Uns exteriorizam seus sentimentos; outros, numa atitude inversa, os represam. Alguns, ainda, superam com facilidade determinados estímulos estressantes, parecendo inabaláveis, mas tropeçam em outros aparentemente banais.

Diante da sinuosidade da vida, como podemos avaliar a sabedoria e a inteligência de alguém: quando o sucesso lhe bate à porta ou quando enfrenta o

caos?

É fácil expressar serenidade quando nossas vidas transcorrem num jardim, difícil é quando nos defrontamos com as dores da vida. Os estágios finais da vida de Cristo foram pautados por dores e aflições. Teria ele conservado seu brilho intelectual e emocional nas suas causticantes intempéries?

O mestre brilhou na adversidade: uma síntese das funções da sua inteligência No primeiro livro estudamos a inteligência insuperável de Cristo. Ele não freqüentou escola, era um simples carpinteiro, mas para nossa surpresa expressou as funções mais ricas da inteligência: era um especialista na arte de pensar, na arte de ouvir, na arte de expor e não impor as idéias, na arte de pensar antes de reagir. Era um maestro da sensibilidade e um agradável contador de histórias. Sabia despertar a sede do saber das pessoas, vaciná-las contra a competição predatória e contra o individualismo, estimulá-las a serem pensadoras e a desenvolver a arte da tolerância e da cooperação social. Além disso, era alegre, tranqüilo, brando, lúcido, coerente, estável, seguro, sociável e, acima de tudo, um poeta do amor e um excelente investidor em sabedoria nos invernos da vida. Cristo foi visto ao longo dos séculos como um sofredor que morreu na cruz. Tal conceito é pobre e superficial. Temos de analisá-lo na sua grandeza. Apenas no parágrafo anterior listei vinte características notáveis da sua inteligência. Quem na história expressou as características do mestre de Nazaré?

Raramente alguém reúne meia dúzia dessas características em sua própria personalidade. Elas são universais, por isso foram procuradas de forma incansável pelos intelectuais e pensadores de todas as culturas e sociedades.

Apesar de Cristo ter possuído uma complexa e rica personalidade, dificilmente alguém fala confortavelmente dele em público, tal como nas salas de aula de uma universidade ou numa conferência de recursos humanos. Sempre que nele se fala há o receio de que se esteja vinculando-o a uma religião. Entretanto, é necessário discorrer sobre ele de maneira aberta, desprendida e inteligente. Aquele que teve a personalidade mais espetacular de todos os tempos tem de ser investigado à altura que merece. Porém, infelizmente, até nas escolas de filosofia cristã, sua vida e sua inteligência são pouco investigadas, quando muito são ensinadas nas aulas de ensino religioso.

Há pouco tempo, minha filha mais velha mostrou-me um livro de história geral.

Por estranho que pareça, este livro resumiu em apenas uma frase a vida daquele que dividiu a história da humanidade. Como isto é possível? Nele, apenas relata-se que Jesus havia nascido em Belém na época do imperador romano Augusto e morrido na época de Tibério. Nem os livros de história o honram. A superficialidade com que a história tratou Jesus Cristo, bem como outros homens que brilharam na sua inteligência, é um dos motivos que conduzem os jovens de hoje a não crescer, em sua maioria, no rol dos que pensam.

Os educadores não têm conseguido extrair o brilho da sabedoria de Cristo. Não conseguem inseri-lo nas aulas de história, de filosofia, de psicologia. Eles são tímidos e contraídos, não conseguem dizer aos alunos que irão discorrer sobre Jesus sem uma bandeira religiosa, mas ressaltando a sua humanidade e sua complexa personalidade. Eu realmente creio que, mesmo numa escola que despreza qualquer valor espiritual, como aconteceu na Rússia, o ensino sistemático da história de Cristo poderia revolucionar a maneira de pensar dos seus alunos.

Até mesmo nas escolas de filosofia budista, hinduísta, islamita, judia, se fossem ensinadas as características fundamentais da inteligência do mestre de Nazaré, tanto aos alunos do ensino fundamental como aos do ensino médio e universitário, os estudantes teriam mais condições de se tornarem pensadores, poetas da vida, homens que irrigariam a sociedade com solidariedade e sabedoria. Uma crise na formação de pensadores no

terceiro milênio

Uma importante pesquisa que realizei com mais de mil educadores de centenas de escolas apontou que 97% deles consideram que as características da inteligência, que foram vividas e ensinadas exaustivamente pelo mestre de Nazaré, são fundamentais para a formação da personalidade humana. Entretanto, para o nosso espanto, mais de 73% dos educadores relataram que a educação clássica não tem conseguido desenvolver tais funções. Isto indica que ela, apesar de conduzida por professores dedicados, que são verdadeiros heróis anônimos, atravessa uma crise dramática. A educação pouco tem contribuído para o processo de formação da personalidade e para com a arte de pensar. A escola e os pais estão perdidos e confusos quanto ao futuro dos jovens. No VII Congresso Internacional de Educação* ministrei uma conferência sobre “O funcionamento da mente e a formação de pensadores no terceiro milênio”. Na ocasião, comentei com os educadores que, no mundo atual, apesar de terem se multiplicado as

escolas e as informações, não multiplicamos a formação de pensadores. Estamos na era da informação e da informatização, mas as funções mais importantes da inteligência não estão sendo desenvolvidas.

Ao que tudo indica, o homem do século XXI será menos criativo do que o do século XX. Há um clima no ar que denuncia que os homens do futuro serão repetidores de informações, e não pensadores. Será um homem com mais capacidade de dar respostas lógicas, mas com menos capacidade de dar respostas para a vida, ou seja, com menos capacidade de superar seus desafios, de contemplar o belo, de lidar com suas dores, enfrentar as contradições da existência e perceber os sentimentos mais ocultos das pessoas. Infelizmente, será um homem com menos capacidade de proteger a sua emoção e com mais possibilidade de se expor a doenças psíquicas e psicossomáticas.

A culpa não está nos professores, pois estes possuem um trabalho estressante e, apesar de nem sempre terem salários dignos, ensinam freqüentemente como poetas da inteligência. A culpa está no sistema educacional que se arrasta por séculos, que possui teorias que compreendem pouco tanto o funcionamento multifocal da mente humana como o processo de construção dos pensamentos*. Por isso, enfileira os alunos nas salas de aula e os transforma em espectadores passivos do conhecimento, e não em agentes modificadores da sua história pessoal e social.

O mestre de Nazaré queria produzir homens que se interiorizassem e que fossem ricos e ativos nos bastidores da inteligência. Entretanto, vivemos numa sociedade que exterioriza o homem. A competição predatória, a paranóia da estética e a paranóia do consumismo têm ferido o mundo das idéias, têm contraído o processo de interiorização e a busca de um sentido mais nobre para a vida. Invertemos os valores: a embalagem vale mais que o conteúdo, a estética mais do que a realidade. O

resultado disso? Infelizmente está nos consultórios de psiquiatria e de clínica médica. A depressão, os transtornos ansiosos e as doenças psicossomáticas ocuparão os primeiros lugares entre as doenças do homem do século XXI. Por favor, não vamos culpar excessivamente a famosa serotonina contida no metabolismo cerebral por estes transtornos psíquicos. Precisamos ter uma visão multifocal e perceber que há importantes causas psíquicas e psicossociais na base deles. Os jovens, bem como os adultos, não aprendem a viver a vida como um espetáculo. Não se alegram por pertencerem a uma espécie que possui o

maior de todos os espetáculos naturais, o espetáculo da construção de pensamentos. Como é possível um ser humano, tanto um intelectual quanto alguém desprovido de qualquer cultura acadêmica, conseguir em milésimos de segundos acessar a memória e, em meio a bilhões de opções, resgatar as informações que constituirão as cadeias de pensamentos? Você

não fica pasmado com a mente humana? Eu fico assombrado com a construção da inteligência. É

possível se encantar e perceber complexidade até na inteligência de uma criança deficiente mental ou autista.

Na minha experiência com crianças autistas, cujo córtex cerebral está preservado, quando estimulamos os fenômenos que constroem os pensamentos, muitas delas desabrocham para a convivência social como uma flor que recusa a solidão e quer pertencer a um jardim. Quem não é capaz de se encantar com o espetáculo dos pensamentos nunca penetrou em áreas mais profundas do seu próprio ser.

Os pensamentos mais débeis que produzimos são, ainda que não percebamos, construções complexas. Tão complexas que a psicologia ainda se sente uma "ciência menina" para compreender os fenômenos que delas participam.

Quem é incapaz de contemplar a vida também não consegue homenageá-la a cada manhã. Não consegue acordar e bradar: "Que bom! Eu estou vivo. Posso viver o espetáculo da vida por mais um dia". Quantas vezes olhamos para o universo e declaramos que, embora sejamos tão pequenos e possuamos tantas dificuldades e erros, somos um ser único e exclusivo; um ser que pensa e tem consciência de que existe? Cristo vivia a vida como um espetáculo. Tédio não fazia parte da sua história. Contrapondo-se às sociedades modernas

O mestre de Nazaré tinha posições contrárias às das sociedades modernas. Ele provocava a inteligência das pessoas que o circundavam e as arremetia para dentro de si mesmas. Conduzia-as a viver a vida como um espetáculo de prazer e de inteligência. A presença dele animava o pensamento e estimulava o sentido da vida. Um dia, apontando um deficiente físico, algumas pessoas querendo saber o motivo dessa deficiência, indagaram-lhe: "Quem pecou, ele ou os seus pais?"6. Aquelas pessoas esperavam que ele dissesse que a deficiência era devido a um erro que ele mesmo havia cometido ou que os seus pais tivessem cometido no

passado. Tais pessoas estavam escravizadas pelo binômio do certo e errado, do erro e da punição. Mas, para surpresa delas, ele disse uma frase de difícil interpretação: “Nem ele nem seus pais, mas aquela deficiência era para a glória de Deus”7. Aparentemente suas palavras eram estranhas, mas por meio delas ele colocou as dores da existência em outra perspectiva. Todos nós abominamos as dores e dificuldades da vida. Procuramos bani-las a qualquer custo de nossas histórias. Entretanto, o mestre da escola da vida queria dizer que o sofrimento deveria ser trabalhado e superado no âmago do espírito e da alma. Tal superação produziria algo tão rico dentro da pessoa deficiente que a sua limitação se tornaria uma “glória para o Criador”. De fato, as pessoas que superam as suas limitações físicas e emocionais (depressão, síndrome do pânico etc.) ficam mais bonitas, exalam um perfume de sabedoria que denuncia que a vida vale a pena ser vivida, mesmo com suas turbulências.

Jesus queria expressar que era possível ter deficiências e dificuldades e, ainda assim, viver a vida como um espetáculo de prazer. Um espetáculo que somente pode ser vivido por aqueles que sabem caminhar dentro de si mesmos e se tornar agentes modificadores de sua história. A lógica do mestre tem fundamento

Do ponto de vista psiquiátrico, o mestre estava coberto de razão, pois se transformamos as pessoas que sofrem em pobres miseráveis, em vítimas da vida, nós matamos a sua capacidade de criar e de transcender as suas dores. Transformar um paciente numa pobre vítima de sua depressão é um dos maiores riscos da psiquiatria. O homem que enfrenta com inteligência e crítica a sua depressão tem muito mais chances de superá-la. Aqueles que têm medo da dor, não apenas têm mais dificuldade de superá-la, mas mais chances de ficar dependentes do seu terapeuta. O homem moderno, principalmente o jovem, não sabe lidar com suas limitações, não sabe o que fazer com suas dores e frustrações. Muitos querem que o mundo gravite em torno de si mesmos. Eles têm grande dificuldade de enxergar algo além das suas próprias necessidades. Neste ambiente, a alienação social, a busca do prazer imediato, a agressividade e a dificuldade de se colocar no lugar do outro se cultivam amplamente. Diante dessas características, a educação não os alcança e, portanto, não rompe a rigidez intelectual em que eles se encontram. Somente uma revolução na educação pode reverter este quadro.

Três a quatro anos que os alunos ficam enfileirados passivamente nas salas de aula no ensino fundamental são suficientes para causar um rombo no processo de formação de suas personalidade. Eles nunca mais conseguirão, sem despender

um custo emocional alto, levantar suas mãos em público e expor suas dúvidas. O fato de os alunos não serem colocados como agentes ativos do processo educacional trava a criatividade e a liberdade de expressão dos pensamentos, mesmo quando estiverem na universidade ou cursando mestrado e doutorado.

Uma das características fundamentais de Cristo era transformar os seus seguidores em pessoas ativas, dinâmicas e que soubessem expressar seus sentimentos e pensamentos. Ele não queria um grupo de pessoas passivas, tímidas e que anulassem as suas personalidades. A cada momento ele instigava a inteligência deles e procurava libertá-los do seu cárcere intelectual. Os textos das suas biografias são claros. Ele ensinava perguntando, instigando a inteligência e procurando romper toda timidez e toda a distância com ele. Ele nem mesmo gostava de ser exaltado. Embora fosse reconhecido como o filho de Deus, cruzava a sua história com a deles e os tomava como seus amados amigos. C A P Í T U L O 2

O SEMEADOR DE VIDA E DE

INTELIGÊNCIA

O semeador da Galiléia superando métodos da educação moderna

Há duas maneiras de se fazer uma fogueira: com as sementes ou com um punhado de lenha. Qual maneira você escolheria? Fazer fogueira com uma semente parece um absurdo, loucura. Todos, certamente, escolheríamos a lenha. Entretanto, o mestre de Nazaré pensava a longo prazo, por isso sempre escolhia as sementes. Ele as plantava, esperava que as árvores crescessem, dessem milhares de outras sementes e, aí sim, fornecessem a lenha para a fogueira.

Se escolhesse a lenha, acenderia a fogueira apenas uma vez, mas como preferia as sementes, a fogueira que acendia nunca mais se apagava. Um dia ele comparou a si mesmo a um semeador que semeia no coração dos homens. Um semeador do amor, da paz, da segurança, da liberdade, do prazer de viver, da dependência recíproca.

Quem não consegue enxergar o poder contido em uma semente nunca mudará o mundo que o envolve, nunca influenciará o ambiente social e profissional que o cerca. Uma mudança de cultura só

será legítima e consistente se ocorrer por intermédio das singelas e ocultas sementes plantadas na mente dos homens e não por intermédio da imposição de pensamentos.

Gostamos das labaredas instantâneas do fogo, das idéias-relâmpagos dos livros de auto-ajuda, mas não temos paciência e, às vezes, habilidade para semear. Um semeador nunca é um imediatista, presta mais atenção nas raízes do que nas folhagens. Vive a paciência como uma arte. Os pais, os educadores, os psicólogos, os profissionais de recursos humanos só conseguirão realizar um belo e digno trabalho se aprenderem a ser mais do que provedores de regras e de informações, mas simples semeadores. Os homens que mais contribuíram com a ciência e com o desenvolvimento social foram aqueles que menos se preocuparam com os resultados imediatos. Uns preferem as labaredas dos aplausos e do sucesso instantâneo, outros preferem o trabalho anônimo e

insidioso das sementes. O que preferimos?

De nossa escolha dependerá a nossa colheita.

Cristo sabia que logo iria morrer, mas, ainda assim, não era apressado, agia como um inteligente semeador. Não queria transformar seus discípulos em heróis e nem exigia deles o que não podiam lhe dar; por isso, permitiu-lhes que o abandonassem no momento em que foi preso. As sementes que ele plantava dentro dos galileus incultos que o seguiam um dia germinariam. Tinha esperança de que elas criariam raízes no cerne do espírito e da mente deles e mudariam para sempre suas histórias. Essas sementes, uma vez desenvolvidas, tornariam aqueles homens capazes de mudar a face do mundo. É incrível, mas este fato ocorreu. Eles incendiaram o mundo com os pensamentos e propósitos do carpinteiro da Galiléia. Que sabedoria se escondia no cerne da inteligência de Cristo!

Nietzsche disse há um século uma famosa e ousadíssima frase: “Deus está morto”*. Ele expressava o pensamento dos intelectuais da época, que acreditavam que a ciência resolveria todas as misérias humanas e, por fim, destruiria a fé. Provavelmente este intrépido filósofo achasse que um dia a procura por Deus seria apenas lembrada como objeto de museus e dos livros de história. Os filósofos ateus morreram e hoje são esquecidos ou pouco lembrados, mas aquele afetivo e simples carpinteiro continua cada vez mais vivo dentro dos homens. Nada conseguiu apagar a fogueira acendida pelo semeador da Galiléia... Depois que Gutenberg inventou as técnicas modernas de imprensa, o livro que o retrata, a Bíblia, se tornou invariavelmente o maior best-seller de todos os tempos. Todos os dias, milhões de pessoas lêem algo sobre ele.

O mestre de Nazaré parecia ter uma simplicidade frágil, mas a história demonstra que ele sempre triunfou sobre aqueles que quiseram sepultá-lo. Aliás, o maior favor que alguém pode fazer a uma semente é sepultá-la. Jesus foi uma fagulha que nasceu entre os animais, cresceu numa região desprezada, foi silenciado pela cruz, mas incendiou a história humana. O mestre deu um banho de inteligência na educação moderna. Ele provocou uma revolução no pensamento humano jamais sonhada por uma teoria educacional ou psicológica. Há uma chama que se perpetua dentro daqueles que aprenderam a amá-lo e conhecê-lo. Nos primeiros séculos, muitos dos seus seguidores foram impiedosamente destruídos por causa desta chama. Os romanos fizeram dos primeiros cristãos pastos para as feras e um espetáculo de dor nas batalhas

ocorridas no Coliseu e, principalmente, no circu máximo. Alguns foram queimados vivos, outros mortos ao fio da espada. Todavia, as lágrimas, a dor e o sangue destes homens não destruíram o ânimo dos amantes do semeador da Galiléia; pelo contrário, tornaram-se adubos para cultivar novas safras de sementes.

A liberdade gerada pela democracia política em contraste com o cárcere intelectual Apesar de o mestre de Nazaré ter provocado uma revolução no pensamento humano e inaugurado uma nova forma de viver, as funções mais importantes da inteligência que ele expressou não têm sido incorporadas nas sociedades modernas. Vivemos na era da alta tecnologia, tudo é muito veloz e sofisticado. Parece que tudo o que ele ensinou e viveu é tão antigo que está fora de moda. Porém seus pensamentos são atuais e suas aspirações ainda são, como veremos, chocantes. Perdemos o contato com as coisas simples, perdemos o prazer de investir em sabedoria. Um dos maiores riscos do uso da alta tecnologia, principalmente dos computadores, é engessar a capacidade de pensar. Lembremos que aqueles que são viciados nas calculadoras muitas vezes se esquecem de como fazer

as operações matemáticas mais simples.

Tenho escrito sobre a tecnofobia ou fobia de novas técnicas. O medo de usar novas técnicas pode refletir um sentimento de incapacidade de incorporar novos aprendizados. Todavia, apesar de apoiar o uso de novas técnicas e discorrer sobre a tecnofobia, a “internetdependência” e a tecnodependência podem engessar a criatividade e a arte de pensar.

Os EUA são a sociedade mais rica do globo. Além disso, são o estandarte da democracia. Entretanto, a farmacodependência, a discriminação racial e a violência nas escolas são sinais de que a riqueza material, o acesso à alta tecnologia e à democracia política são insuficientes para expandir a qualidade de vida psíquica e social do homem.

A tecnopedagogia, ou seja, a tecnologia educacional, não tem conseguido produzir homens que amam a tolerância, a solidariedade, que vençam a paranóia de ser o número um, que têm prazer na cooperação social e se preocupam com o bem-estar dos consócios de sua sociedade. A democracia política produz a liberdade de expressão, mas ela não é por si mesma geradora da liberdade de pensamento. A liberdade de expressão sem a liberdade do pensamento provoca

inúmeras distorções, uma das quais é a discriminação. Por incrível que pareça, as pessoas não compreendem que dois seres humanos que possuem os mesmos mecanismos de construção da inteligência não podem jamais ser discriminados pela fina camada de cor da pele, por diferenças culturais, nacionalidade, sexo e idade.

Jesus vivia numa época na qual a discriminação fazia parte da rotina social. Os que tinham a cidadania romana se consideravam acima dos mortais. De outro lado, a cúpula judaica, por carregar uma cultura milenar, se considerava acima da plebe. Abaixo da plebe havia os publicanos ou coletores de impostos que eram uma raça odiada pelo colaboracionismo com Roma, os leprosos que eram banidos da sociedade e as prostitutas que eram apenas dignas de morte.

Contudo, apareceu um homem que colocou de pernas para o ar aquela sociedade tão bem definida. Sem pedir licença e sem se preocupar com as conseqüências do seu comportamento, entrou naquela sociedade e revolucionou as relações humanas. Ele dialogava afavelmente com as prostitutas, jantava na casa de leprosos e era amigo dos publicanos. E, para espanto dos fariseus, Jesus ainda teve a coragem de dizer que publicanos e meretrizes os precederiam no reino de Deus. Cristo escandalizou os detentores da moral de sua época. O regime político sob o qual ele vivia era totalitário. Tibério, imperador romano, era o senhor do mundo. Porém, apesar de viver num regime antidemocrático, sem nenhuma liberdade de expressão, ele não pediu licença para falar. Por onde ele andava, trazia alegria, mas não poucas vezes também problemas, pois amava expressar o que pensava, era um pregador da liberdade. Mas, por se preocupar mais com os outros do que consigo mesmo, sua liberdade era produzida com responsabilidade.

Milhões de jovens estão estudando nas sociedades modernas. Eles vivem num ambiente democrático, que lhes propicia a liberdade de expressão. Contudo, são livres por fora, mas não no território dos pensamentos. Por isso, são presas fáceis da discriminação, da violência social, da autoviolência, da paranóia da estética e das doenças psíquicas. Muitos desses jovens superdimensionam o valor de alguns artistas, políticos e intelectuais e gravitam em torno das suas idéias e comportamentos e não sabem que, ao superdimensioná-los, estão diminuindo a si mesmos, reduzindo o seu próprio valor. Aprender a construir uma liberdade com consciência crítica, a proteger a emoção e a desenvolver a capacidade de ver o mundo também com os olhos dos outros são funções importantíssimas da inteligência, mas têm sido pouco desenvolvidas no mundo democrático.

Vivemos uma crise educacional sem precedentes. Estamos resolvendo nossos problemas externos, mas não os internos. Somos uma espécie única entre dezenas de milhões de espécies na natureza. Por pensar e ter consciência do fim da vida, colocamos grades nas janelas para nos defender, cintos de segurança para nos proteger, contratamos o pedreiro para corrigir as goteiras do telhado, o encanador para solucionar o vazamento da torneira, todavia não sabemos como construir a mais importante proteção, a proteção emocional. À mínima ofensa, contrariedade e perda, detonamos o gatilho instintivo da agressividade.

A história de sangue e violação dos direitos humanos depõe contra a nossa espécie. Nas situações de conflitos usamos mais os instintos do que a arte de pensar. Nessas situações, a violência sempre foi uma ferramenta mais utilizada do que o diálogo.

Os homens podiam ser violentos com Cristo, mas ele era dócil com todos. Quando os homens vieram prendê-lo, ele se adiantou e perguntou a quem procuravam. Ele não admitia não apenas a violência física, mas até mesmo a violência emocional. Disse: “Qualquer um que irar contra seu irmão está sujeito ao julgamento”8. Até a ira não expressa não era admitida. Os que andavam com ele tinham de aprender não apenas a viver em paz dentro de si mesmos, mas até mesmo a se tornar pacificadores. No sermão do monte das Oliveiras, bradou eloqüentemente: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”9.

Nas sociedades modernas, os bem-aventurados são aqueles que têm status social, dinheiro, cultura acadêmica. Todavia, para aquele mestre incomum, os bem-aventurados são aqueles que exalam a paz onde quer que estejam, que atuam como bombeiros da emoção, que são capazes de abrandar a ira, o ódio, a inveja, o ciúme e, ainda por cima, estimular o diálogo entre as pessoas com as quais convivem. No seu pensamento, se formos incapazes de realizar tal tarefa, não somos felizes nem privilegiados. Nas sociedades modernas, as pessoas amam o individualismo e se preocupam pouco com o bemestar dos outros. A troca de experiências de vida se tornou uma mercadoria escassa. Falam cada vez mais do mundo exterior e cada vez menos de si mesmos. Infelizmente, as pessoas só conseguem falar de si mesmas quando vão a um psiquiatra ou psicoterapeuta.

Lembro-me de uma paciente que, no auge dos seus cinqüenta anos, disse-me que quando adolescente procurou sua mãe para conversar sobre um conflito que estava atravessando. A mãe, atarefada, disse que não tinha tempo naquele

momento. O gesto dessa mãe mudou a história de vida dessa filha. Por não conseguir decifrar a angústia de sua filha, ela, com um simples gesto, sepultou a comunicação entre elas. A filha nunca mais a procurou para conversar sobre suas dores e dúvidas. O mestre de Nazaré era o maior de todos os educadores. Ele era o mestre da comunicação. Não que falasse muito, mas criava uma atmosfera prazerosa e sem barreiras. Conseguia ouvir o que as palavras não diziam. Conseguia perscrutar os pensamentos clandestinos. As pessoas se surpreendiam pela maneira como ele se adiantava e proferia os pensamentos que estavam represados dentro delas. Se só

conseguimos ouvir o que as palavras acusam, não temos sensibilidade, somos mecanicistas. Jesus não cativava as pessoas apenas pelos seus milagres, mas muito mais pela sua sensibilidade, pela maneira segura, afável e penetrante de ser. Não queria que as pessoas o seguissem pelos seus atos sobrenaturais, nem procurava simpatizantes que o aplaudissem, mas como garimpeiro do coração procurava homens que o seguissem com liberdade e consciência. Procurava homens que compreendessem sua mensagem, que vivessem uma vida borbulhante dentro de si mesmos, para depois mudarem o mundo que os circundava.

Uma experiência educacional

Ultimamente, devido às minhas pesquisas sobre a inteligência de Cristo, tenho dado conferências em diversos congressos educacionais sobre um tema ousado e incomum: “A Inteligência do Mestre dos Mestres Analisada pela Psicologia e Aplicada na Educação”.

Os educadores, antes de ouvirem a minha abordagem, têm ficado intrigados com o tema proposto. Uma nuvem de pensamentos perturbadores circula nos bastidores de suas mentes. Afinal de contas, nunca tinham ouvido ninguém falar sobre esse assunto. Ficam chocados e, ao mesmo tempo, curiosos para saber como será abordada a personalidade de Cristo e que tipo de aplicação poderá ser feita na psicologia e na educação. Alguns indagam: como é possível estudar um tema tão complexo e polêmico?

O que um psiquiatra e pesquisador da psicologia tem a dizer a este respeito? Será que ele fará um discurso religioso? Será que é possível extrair sabedoria de uma pessoa que só é abordada teologicamente?

Antes de iniciar essas palestras, sabia que os educadores constituíam uma platéia de pessoas heterogêneas, tanto em cultura, quanto em religião e habilidades intelectuais. Sabia também que suas mentes estavam em suspense e saturadas de preconceitos. Como tenho aprendido a ser ousado e fiel à

minha consciência, eu não me importava com os conflitos iniciais. Após começar a discursar sobre a inteligência de Cristo, os professores começavam pouco a pouco a se encantar. Começavam a relaxar e a se recostar cada vez mais em suas poltronas: o silêncio era total, a concentração era enorme e a participação deles se tornava uma poesia do pensamento.

Após o término dessas palestras, muitos educadores se levantavam e aplaudiam entusiasticamente, não a mim, mas ao personagem sobre quem eu havia discorrido. Relatavam a uma só voz que nunca compreenderam Cristo dessa forma. Nunca pensaram que ele fosse tão sábio e inteligente e que o que ele viveu poderia ser não apenas aplicado na psicologia e na educação, mas também em suas próprias vidas. Nunca imaginaram que seria possível discorrer sobre ele sem tocar em uma religião, deixando uma abertura para que cada um seguisse o seu próprio caminho.

Não poucos relataram que ao compreender a humanidade elevada de Cristo suas vidas ganharam um outro sentido e a arte de ensinar ganhou um novo alento. Contudo, não me entusiasmo muito, pois demorará anos para que a sua personalidade seja estudada e aplicada no currículo escolar e para que os alunos e os professores discorram sobre ele sem temores. De qualquer forma, uma semente foi plantada e talvez, no futuro, germine.

As salas de aula têm se tornado um ambiente estressante, às vezes uma praça de guerra, um campo de batalha. Educar sempre foi uma arte prazerosa, mas atualmente tem sido um canteiro de ansiedade. Se Platão vivesse nos dias de hoje, ele se assustaria com o comportamento dos jovens. Este afável e inteligente filósofo discorreu que o aprendizado gerava um raro deleite. Todavia, o prazer de aprender, de incorporar o conhecimento está cambaleante. É mais fácil dar tudo pronto aos alunos do que estimulálos a pensar. Por isso, infelizmente, temos assistido a um fenômeno educacional paradoxal:

“Aprendemos cada vez mais a conhecer o pequeníssimo átomo e o imenso espaço, mas não aprendemos a conhecer a nós mesmos, a ser caminhantes nas trajetórias do nosso próprio ser”. Alguns dos discípulos do mestre de Nazaré

tinham um comportamento pior do que muitos alunos rebeldes da atualidade, mas ele os amava independentemente dos seus erros. O semeador da Galiléia estava preocupado com o desafio de transformá-los. Ele era tão cativante que despertou a sede do saber naqueles jovens, em cujas mentes não havia mais do que peixes, aventura no mar, impostos e preocupação com a sobrevivência.

Algo aconteceu no cerne da alma e do espírito deles e de milhares de pessoas. A multidão, cativada, levantava de madrugada e procurava por aquele homem extremamente atraente. Por que os homens se sentiam atraídos por ele? Porque viram nele algo além de um carpinteiro, algo mais do que um corpo surrado pela vida. Enxergaram nele aquilo que os olhos não conseguem penetrar. O mestre os colocou numa escola sem muros, ao ar livre. E, por estranho que pareça, nunca dizia onde ele estaria no dia seguinte, onde seria o próximo encontro, se na praia, no mar, no deserto, no monte das Oliveiras, no pórtico de Salomão ou no templo. O que indica que ele não pressionava as pessoas a segui-lo, mas desejava que elas o procurassem espontaneamente: “Quem tem sede venha a mim e beba”10.

Os seus seguidores entraram numa academia de sábios, numa escola de vencedores. As primeiras lições dadas àqueles que almejavam ser vencedores eram: aprender a perder, reconhecer seus limites, não querer que o mundo gravitasse em torno de si, romper o egoísmo e amar ao próximo como a si mesmo.

Almejava que eles se conhecessem intimamente e fossem transformados intrinsecamente. Os textos das suas biografias são claros, ele ambicionava mudar a sua natureza humana, e não melhorá-la ou reformá-la.

C A P Í T U L O 3

MANIFESTANDO

SUA INTELIGÊNCIA

ANTES DE

TOMAR O

CÁLICE

Os partidos políticos de Israel

Antes de discorrer sobre o cálice de Cristo, gostaria de comentar sinteticamente sobre a cúpula judaica que o condenou. Na sua última semana de vida, a inteligência do mestre foi intensamente testada pelos partidos políticos que compunham a cúpula judaica: os fariseus, os saduceus e os herodianos. Apesar de testado, o mestre de Nazaré silenciou todos os intelectuais de Israel. Os fariseus pertenciam à mais influente das seitas do judaísmo no tempo de Cristo. Por serem judeus ortodoxos, o zelo pela lei mosaica os levava a uma observância estrita da lei e de suas tradições, embora externa e degenerada. Conheciam as Escrituras11, jejuavam e oravam; entretanto, viviam uma vida superficial, pois se preocupavam mais com o exterior do que com o interior. Os fariseus eram os inimigos mais agressivos de Jesus. Eles davam ordens aos homens que eles mesmos não conseguiam cumprir e se consideravam justos aos seus próprios olhos12.

Os escribas pertenciam geralmente ao partido dos fariseus. Eram membros de uma profissão altamente respeitada em sua época. Reuniam à sua volta discípulos a quem instruíam sobre as possibilidades de interpretação da lei, pois eram estudantes profissionais da lei e das suas tradições. Também atuavam como advogados, sendo-lhes confiada a condição de juízes no sinédrio13. Os saduceus, cujos membros provinham principalmente das classes mais abastadas e do sacerdócio, eram os anti-sobrenaturalistas da época de Cristo. Não criam na ressurreição corporal e no juízo futuro14. Embora defendessem a lei escrita, criticavam as tradições orais observadas pelos fariseus. Eram o partido das famílias dos sumo sacerdotes de Jerusalém, com interesses diretos no aparelho de culto do templo e freqüentemente colaboravam com os governantes romanos. Opunham-se a Cristo com igual veemência à dos fariseus e foram por ele condenados com igual severidade, embora com menos freqüência15.

Os herodianos eram um partido minoritário de Israel. Eram malvistos pelos

demais partidos pela ideologia que carregavam de conviver com o Império Romano.O nome herodiano deriva do rei

“Herodes, o grande”. Herodes, como veremos, se tornou o grande rei da Judéia e da Galiléia. Era um rei poderoso e criativo, mas, ao mesmo tempo, um carrasco sanguinário. Foi ele quem mandou matar as crianças menores de dois anos objetivando destruir o menino Jesus. Um perturbador da ordem social

O mestre implodiu a maneira de pensar e de viver dos homens que constituíam a cúpula de Israel. A cúpula de Israel era rígida, radical, moralista. Como disse, ela odiava os coletores de impostos e apedrejava as prostitutas. Não se misturava com as pessoas simples e pouco se importava com suas necessidades básicas. Entretanto, apareceu naqueles ares um homem simples, mas que possuía uma eloqüência incomum.

Surgiu um homem sem aparência, mas que encantava as multidões. Um homem que tinha coragem de expressar que era o próprio filho de Deus, filho único do autor da existência. Para o espanto da cúpula judaica, não bastasse essa “heresia”, ele ainda discursava sobre a linguagem do amor e era afável com os miseráveis de Israel. Este homem pervertia a moral reinante naquela sociedade milenar. Chegava até a perdoar erros, falhas, “pecados”. Para os judeus, somente o Deus altíssimo poderia ter tal atributo. Apareceu um homem que não tinha medo de ser morto e nenhum receio de dizer o que pensava, pois além de chamar a maquiagem moralista dos fariseus de hipocrisia, teve a coragem de desafiar o governo de Roma. Mandou um recado destemido ao violento Herodes Antipas (filho de “Herodes, o Grande”), governador da Galiléia, aquele que mandou cortar a cabeça de João Batista. Chamou-o de raposa e disse com uma ousadia incomum que não morreria na Galiléia, mas que caminharia hoje, amanhã e depois, até

chegar à Judéia, “porque não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém”16. Herodes queria matá-lo, mas ele não o temia, apenas queria morrer em Jerusalém, e não na Galiléia. Jesus perturbava tanto os intelectuais de Israel que causava insônia em quase todos eles. Os seus pensamentos e sua maneira de ser se confrontavam com a deles. Apenas Nicodemos, José de Arimatéia e alguns outros fariseus foram seduzidos por ele. A grande massa da cúpula judaica, que compunha o sinédrio, odiava-o e queria matá-lo de qualquer maneira. Mas como matá-lo se o povo o amava e estava continuamente ao seu lado? Então começaram a testar a sua inteligência para ver se ele caía em

contradição e se autodestruía com suas próprias palavras. Testaram a sua capacidade de pensar, sua integridade, sua perspicácia, seu conhecimento sobre as Escrituras antigas, sua relação com a nação de Israel e com a política romana.

Não podemos nos esquecer de que a cultura de Israel sempre foi uma das mais brilhantes e que os intelectuais dessa sociedade tinham grande capacidade intelectual. Portanto, ao testá-lo, eles lhe prepararam perguntas que eram verdadeiras armadilhas intelectuais. Dificilmente alguém conseguiria escapar dessas armadilhas.Para algumas dessas perguntas simplesmente não existiam respostas. Entretanto, aquele homem, mais uma vez, deixou-os confusos com sua inteligência. Alguns até ficaram perplexos diante da sua sabedoria. Vejamos um exemplo.

Silenciando os fariseus e os herodianos

Jesus causou tanta indignação aos seus opositores que produziu alguns fenômenos políticos quase impossíveis de ocorrer. Os homens de partidos radicalmente opostos se uniram para destruí-lo. Os fariseus tinham grande rixa política com os herodianos. Entretanto, por considerarem o carpinteiro de Nazaré uma grande ameaça, eles se associaram para estabelecer uma estratégia comum para matá-lo. Aquele simples homem da Galiléia foi considerado uma ameaça à nação de Israel maior do que a causada pelo poderoso Império Romano. A cúpula de Israel tinha medo de que ele fosse contaminar a nação com suas idéias. De fato, ela tinha razão de temê-lo, pois suas idéias eram altamente contagiantes. Sem pegar em qualquer tipo de arma, o mestre de Nazaré causou a maior revolução da história da humanidade...

Os fariseus e os herodianos engendraram uma excelente estratégia para destruí-lo. Eles produziram uma pergunta, cuja resposta o autodestruiria, pois o colocaria contra Roma ou contra a nação de Israel. Vieram até ele e, inicialmente, começaram a fazer célebres bajulações. Elogiaram sua inteligência e capacidade. Disseram: “Mestre, sabemos que falas e ensinas corretamente e não consideras a aparência dos homens, antes ensinas o caminho de Deus com toda a verdade”17. Após essa longa e falsa sessão de elogios, desferiram o golpe mortal. Propuseram uma pergunta praticamente insolúvel. Disseram:

“Mestre, é lícito pagar imposto a César, ou não?”18.

Qualquer resposta que desse o comprometeria: ou o colocaria como traidor da

nação de Israel ou em confronto direto com o Império Romano. Se defendesse a liberdade de Israel e dissesse que era ilícito pagar imposto a César, os seus opositores o entregariam a Pilatos para que fosse executado, embora também considerassem injusto tal tributo. Se dissesse que era lícito pagar tributo a César, aqueles homens o jogariam contra o povo que o amava, pois o povo passava fome na época, e um dos motivos era o jugo de Roma. Não havia solução, a não ser que se intimidasse e se omitisse. Suas palavras certamente abririam a vala da sua sepultura.

Nas sociedades democráticas ninguém é condenado por expressar seus pensamentos e convicções. Porém, imperando numa sociedade o autoritarismo, as palavras podem condenar alguém à morte. Na Rússia de Stalin muitos homens foram condenados por algumas palavras ou gestos. Entrar na rota de colisão com Moscou era assinar a sentença de morte. Milhões de homens foram mortos injustamente por Stalin, que se mostrou um dos maiores carrascos da história. Matou quase todos os seus amigos de juventude. Havia uma verdadeira política de terror percorrendo os vasos sangüíneos daquela sociedade. Muitos morreram apenas porque interpretaram distorcidamente seus pensamentos. O

autoritarismo esmaga a liberdade de expressão.

Na época de Cristo, a vida valia muito pouco. Havia escravos em toda parte. Roma era detentora das leis mais justas dos povos antigos, tanto assim que essas leis influenciaram o direito nas sociedades modernas. Entretanto, a eficácia da lei depende da interpretação humana. As leis, ainda que justas e democráticas, manipuladas por pessoas autoritárias são distorcidas ou não aplicadas. Ninguém podia afrontar o regime de Roma. Há décadas o poder de Roma havia se transferido do senado para o autoritarismo de um imperador. Tibério, o imperador romano na época, mandou matar muitas pessoas que se opunham a ele. Pilatos, o governador preposto da Judéia, também era um homem brutal. Questionar o império era assinar a sentença de morte.

Os fariseus sabiam disso, pois muitos judeus foram mortos devido a pequenas revoltas e motins. Devem ter pensado: já que Roma é um inimigo cruel, por que não colocar Jesus contra o regime? Ou então: se não conseguirmos colocá-lo contra Roma, então, certamente, conseguiremos colocá-lo contra o povo.

A pergunta que lhe fizeram era ameaçadora. O impasse era grande. Qualquer um sentiria medo e calafrios ao respondê-la. Quando somos submetidos a um

intenso foco de tensão, fechamos as janelas da inteligência. Imagine um carro freando em cima de nós. Temos reações instintivas imediatas, tais como taquicardia, aumento da pressão sangüínea, da freqüência respiratória. Tais reações nos preparam para lutar ou fugir (to fight or to flight) dos estímulos estressantes. Assim, quando submetido a um stress intenso, o corpo reage e a mente se retrai. Sob o risco de vida, travamos nossa capacidade de pensar. Se Cristo bloqueasse sua capacidade de pensar, estaria morto.

Sabia que logo iria morrer, mas não queria morrer naquela hora e nem de qualquer maneira. Queria morrer num dia determinado e de um modo peculiar; morrer crucificado, que era o modo mais indigno e angustiante que os homens já tinham inventado. Mas como ele poderia escapar da insolúvel pergunta que os herodianos e os fariseus lhe propuseram? Como ele poderia abrir a inteligência daqueles homens que estavam sedentos de sangue?

Uma resposta surpreendente

Cristo teria de dar uma resposta que não apenas saciasse os seus opositores, mas uma que causasse uma reação surpreendente na mente deles. Não podia ser uma resposta apenas inteligente, tinha de ser espetacular, pois somente assim ela estancaria o ódio e os faria desistir daquele iminente assassinato. O mestre possuía uma sabedoria incomum. O ambiente ameaçador não o perturbava. Nas situações mais tensas, ele, ao invés de travar a leitura da memória e agir por instinto, abria o leque do pensamento e conseguia dar respostas brilhantes e em tempo recorde. Quando todos pensavam que não havia outra alternativa, a não ser pender para o lado de Israel ou para o lado de Roma, ele os surpreendeu. O mestre mandou pegar uma moeda, o dracma, e olhou para a efígie nela cunhada. Nela estava inscrito: “Tibério Cezar deus”*. Após olhar a efígie, fitou aqueles homens e perguntou: “De quem é essa efígie?”. Disseram: “De César”. Então, para surpresa deles, disse: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”19.

Tibério, como imperador romano, queria ser o senhor do mundo. É comum o poder cegar a capacidade de pensar e fazer com que os que o detêm olhem o mundo de cima para baixo e tenham ambições ilógicas. Na efígie, imagem gravada no dracma, estavam cunhadas as intenções de Tibério. Tibério era um simples mortal, mas queria ser deus. Por outro lado, Cristo, que tinha poderes sobrenaturais e tinha o status de Deus para os seus íntimos, queria ser um homem, o filho do homem. Que paradoxo!

O mestre não se perturbou com a ambição de Tibério expressa na efígie, mas usou-a para torpedear os seus opositores. Sua resposta não estava no rol das possibilidades esperadas pelos fariseus e herodianos. Ela os deixou perplexos. Ficaram paralisados, sem ação. É difícil descrever as implicações da sua resposta. Eles esperavam uma resposta que fosse o “sim ou o não”, ou seja, se era lícito ou não pagar o tributo, mas ele respondeu o “sim e o não”. Nesta resposta, ele não negou o governo humano, tipificado pelo Império Romano, nem a sobrevivência dele por meio do pagamento de impostos. Nela, ele também não negou a história de Israel e sua busca por Deus.

“Dai a César o que é de César” revela que Cristo admite que haja governos humanos, tipificados por César, e que são financiados pelos impostos. “Dai a Deus o que é de Deus” revela que para ele há um outro governo, um governo misterioso, invisível e “atemporal”, o “reino de Deus”. Este é sustentado não pelo “dracma”, pelo dinheiro dos impostos, mas por aquilo que emana do cerne do homem, pelas suas intenções, emoções, pensamentos, atitudes.

Nas sociedades modernas, os consócios financiam a administração pública com seus impostos e esta os retorna em benefícios sociais: educação, saúde, segurança, sistema judiciário etc. Nos regimes autoritários, bem como em determinadas sociedades democráticas, esse retorno é freqüentemente insatisfatório. No caso de Roma, os impostos pagos pelas nações objetivavam sustentar a pesada máquina do império. Portanto, muitas nações financiavam as mordomias romanas às custas do suor e do sofrimento do seu povo.

Jesus disse aos seus inimigos que deveriam dar a César o que é de César, mas não disse a quantia que se deveria dar a Roma. E quando falava de César não estava se referindo apenas ao Império Romano, mas ao governo humano. Por meio dessa resposta curta, mas ampla, ele transferiu a responsabilidade de financiamento de um governo não para si, mas para os próprios homens. Ao olharmos para as máculas da história, tais como a fome, as doenças, as guerras, é difícil não fazermos as seguintes perguntas: se há um Deus no universo por que Ele está alienado das misérias humanas? Por que Ele não extirpa as dores e injustiças que solapam as sociedades?

Jesus não negava a importância dos governos humanos e nem estava alheio às mazelas sociais. Contudo, para ele, estes governos estavam nos parênteses do tempo. Seu alvo principal era um governo que estava fora destes parênteses, portanto, eterno. Segundo o seu pensamento, o “eterno” triunfaria sobre o

temporal. Tendo uma vez triunfado, o Criador faria uma prestação de contas de cada ser humano, incluindo todos os governantes e, assim, repararia toda violência e toda lágrima derramada. Em suas biografias, pode se compreender que, ao contrário do governo humano que primeiramente cobra os impostos e depois os retorna em benefícios sociais, o "reino de Deus" não cobra nada inicialmente. Ele primeiramente supre uma série de coisas ao homem: dá o espetáculo da vida, o ar para se respirar, a terra para se arar, a mente para pensar e um mundo belo para se emocionar. Após dar gratuitamente todas essas coisas durante a curta existência humana, ele cobrará o retorno. Para alguém que deu tanto, era de se esperar uma cobrança enorme, tal como a servidão completa dos homens. Mas para o nosso espanto, Cristo discursou que a maior cobrança do Criador será a mais sublime emoção, o amor. Para ele, aquilo que os poetas viram em suas miragens, o amor, deveria permear a história de cada ser humano.

Esse mestre era perspicaz. Nenhuma exigência é tão grande e tão singela como a de amar. O amor cumpre toda justiça e substitui todo código de leis. Essa foi a história do seu discípulo tardio Paulo. Este vivera outrora embriagado de ira, mas reescrevera a sua história com as tintas desse amor. Por isso, foi açoitado, apedrejado, rejeitado, esbofeteado e até considerado como escória humana por amor daqueles que um dia odiou.

Um reino dentro do homem

Jesus era seguro e misterioso. Proclamava que seu Pai era o autor da existência. Porém, em vez de desfrutar de privilégios e se assentar à mesa com Tibério e os senadores romanos, preferiu se mesclar com as pessoas que viviam à margem da sociedade.

Ao que tudo indica, com alguns milagres poderia fazer com que o mundo se prostrasse aos seus pés, inclusive o imperador romano. Todavia, não queria o trono político. Almejava o trono dentro do homem. Discursava naquelas terras áridas algo jamais pensado pelos intelectuais e pelos religiosos. Relatava convictamente que Deus, embora eterno, invisível e onipotente, queria instalar o seu reino no espírito humano.

Não é esse desejo estranho? Embora haja tanto espaço no universo para o Todo-poderoso recostar a sua "cabeça", segundo o carpinteiro de Nazaré, Ele procura o homem como sua morada, embora este seja tão saturado de defeitos. Por isso ensinou os homens a orar pela vinda deste reino: "Venha a nós o teu reino, seja

feita a tua vontade”20. Chegou até a bradar altissonante: “Buscai primeiro o reino de Deus e todas as outras coisas vos serão acrescentadas”21.

Rompendo o cárcere intelectual

das pessoas rígidas

Os fariseus e os herodianos foram derrotados com apenas uma frase. Eles queriam, em seu radicalismo, matar aquele dócil homem.

Toda pessoa radical não consegue fazer uma leitura multifocal da memória e extrair informações que lhe permitam pensar em outras possibilidades além daquela na qual rigidamente pensa. Jesus foi vítima do preconceituosismo dos líderes de Israel. Eles estavam engessados em suas mentes. Não conseguiam ver nele nada mais do que um agitador, um revolucionário ou então um nazareno digno de desprezo.

A rigidez é o câncer da alma. Ela não apenas fere os outros, mas pode se tornar a mais drástica ferramenta autodestrutiva do homem. Até pessoas interiormente belas podem se autoferir muito, se forem rígidas e estreitas na maneira de pensar seus transtornos psíquicos. Em psicoterapia, uma das metas mais difíceis de ser alcançada é romper a rigidez intelectual dos pacientes, principalmente se já

passaram por tratamentos frustrantes, e conduzi-los a abrir as janelas de suas mentes e renovar as suas esperanças.

As pessoas que acham que seu problema não tem solução criam uma barreira intransponível dentro de si mesmas. Assim, até doenças tratáveis, como a depressão, o transtorno obsessivo e a síndrome do pânico, se tornam resistentes.

Não importa o tamanho do nosso problema, mas a maneira como o vemos e o enfrentamos. Precisamos desengessar nossas inteligências e enxergar as pessoas, os conflitos sociais e as dificuldades da vida sem medo, de maneira aberta e multifocal.

A esperança e a capacidade de se colocar como aprendiz diante da vida são os adubos fundamentais do sucesso. O mestre de Nazaré estava querendo produzir um homem livre, sempre disposto a aprender e saturado de esperança. Objetivava desobstruir a mente daqueles que o circundavam, tanto dos seus seguidores como dos seus opositores. Estava sempre querendo hastear a bandeira

da liberdade das pessoas, por isso aproveitava todas as oportunidades para expandir a capacidade de julgamento e o leque de possibilidades do pensamento, o que fazia dele um mestre inigualável. Nós provocamos as pessoas rígidas e as tornamos mais agressivas ainda. Ele, ao contrário, com brandura instigava a inteligência delas e acalmava as águas da emoção. Sabia que os seus opositores queriam matá-lo ao propor-lhe aquela pergunta, mas como conseguia ouvir o que as palavras não diziam e compreender os bastidores da inteligência humana, deu uma resposta aberta e inesperada. Sua resposta foi tão intrigante que desobstruiu a mente dos seus opositores, aplacando-lhes a ira.

Aqueles homens transitavam pelas avenidas do binômio do certo/errado, moral/imoral, feio/bonito. O mundo deles tinha apenas duas alternativas, sim e não, mas o mundo intelectual do mestre de Nazaré

tinha inúmeras outras possibilidades.

Nas situações mais tensas, ele não se embaraçava nem se preocupava em ter reações imediatas. Ele pensava antes de reagir e não reagia antes de pensar. De fato, mergulhava dentro de si mesmo e abria as janelas da sua mente para encontrar as idéias mais lúcidas para uma determinada pergunta, dificuldade ou situação. Deste mergulho interior emanavam seus pensamentos. Maravilhados com sua sabedoria, os fariseus e os herodianos se retiraram de sua presença.

Infelizmente, somos diferentes. Grande parte dos nossos problemas surge porque reagimos antes de pensar. Nas situações mais tensas reagimos com impulsividade, e não com inteligência. Infelizmente, nos sentimos obrigados a dar respostas imediatas diante das dificuldades que enfrentamos. Travamos nossa capacidade de pensar pela necessidade paranóica de produzir respostas sociais, pois temos medo de passarmos por tolos ou omissos se não respondermos imediatamente. Precisamos aprender a proteger nossas emoções quando ofendidos, agredidos, pressionados, coagidos e rejeitados, caso contrário, a emoção sempre abortará a razão. A conseqüência imediata dessa falta de defesa emocional é reagirmos irracional e unifocalmente, e não multifocalmente. Precisamos abrir o leque de nossas mentes e pensar em diversas alternativas diante dos desafios da vida. O mestre, antes de dar qualquer resposta, honrava sua capacidade de pensar e pensava com liberdade e consciência, depois desferia suas brilhantes idéias. Somente alguém que é livre por dentro não é escravo das respostas.

Quem gravita em torno dos problemas e não aprende a fazer um “stop introspectivo”, ou seja, parar e pensar antes de reagir, faz das pequenas barreiras obstáculos intransponíveis, das pequenas dificuldades problemas insolúveis, das pequenas decepções um mar de sofrimento. Infelizmente, por não exercitar a arte de pensar, tendemos a transformar uma barata num dinossauro. Precisamos aprender com o mestre da escola da vida a ser caminhantes nas trajetórias de nosso próprio ser e não ter medo de pensar.

C A P Í T U L O 4

AS ATITUDES

INCOMUNS DE CRISTO NA

ÚLTIMA CEIA:

A MISSÃO

A última noite

Jesus estava para ser preso. Em algumas horas, começaria o seu martírio. A última noite que passou com seus discípulos foi incomum. Uma noite diferente de todas as outras. A partir dela, ele seria preso, julgado, torturado, crucificado e morto. O ambiente dessa noite poderia inspirar angústia e medo em qualquer um. Porém o personagem principal daquele cenário estava tranqüilo. Quando estamos na proximidade de sofrer um grande trauma, o tempo não passa, cada minuto é uma eternidade. Contudo, o mestre de Nazaré estava reunido com seus discípulos ao redor de uma mesa, tomando a sua última refeição. O chão ruía aos seus pés, mas ele permanecia inabalável. Nesse clima, ele teve atitudes inesperadas.

Chocando os discípulos com o lavar dos pés

Naquela altura os discípulos o valorizavam intensamente, o consideravam nada menos que o próprio

“filho de Deus”. Entretanto, naquela noite, ele tomou algumas atitudes que chocaram todos eles. Nenhum ser humano esteve em uma posição tão alta como a dele. Todavia, paradoxalmente, ninguém se humilhou tanto como ele. Ele, como comentei no primeiro livro da série Análise..., querendo dar profundas lições de vida nos últimos momentos antes de sua morte, teve a coragem de abaixar-se até os pés dos seus incultos discípulos e lavá-los silenciosamente.

O mestre de Nazaré, por meio de sua intrigante e silenciosa atitude, vacinou seus discípulos contra o individualismo. Inaugurou uma nova forma de viver e de se relacionar. Introduziu no cerne deles a necessidade de tolerância, de busca de ajuda mútua, de aprender a se doar. Os computadores agem por princípios

lógicos. Eles podem até aplicar leis e estabelecer a justiça sem as falhas humanas. Entretanto, jamais desenvolverão a arte da tolerância, solidariedade, percepção da dor do outro. Essas funções da inteligência ultrapassam os limites da lógica. Uma pessoa é mais madura quando é mais tolerante e menos rígida em seus julgamentos.

Naquela noite havia um forte clima de emoção, eles estavam confusos diante das atitudes do mestre. Estavam tristes também porque ele anunciara sistematicamente que iria ser preso, sofrer nas mãos dos principais judeus e ser morto. Seus discípulos não entendiam como alguém tão poderoso poderia sofrer da maneira como ele descrevia. Àquela altura, para os discípulos, a morte do seu mestre era mera ficção. Jesus lavou os pés de todos os seus discípulos, inclusive os de Judas. Ele sabia que Judas o trairia, mas ainda assim foi complacente com ele e não o expôs publicamente. Vocês conhecem, na história, alguém que tenha lavado os pés do seu próprio traidor? Não suportamos mínima ofensa, mas ele não apenas suportou a traição de Judas, mas lavou as crostas de sujeira dos seus pés. Após o lavar dos pés dos discípulos, Judas saiu para o trair.

Esperando ansiosamente a última ceia

Era a última ceia, a chamada santa ceia. Jesus disse aos seus discípulos: “Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta páscoa, até que ela se cumpra no reino de Deus”22. Relata sem rodeios que esperava há anos aquela última ceia. Esperava por ela dia e noite. Por que aquele momento era tão importante? Poderia uma ceia representar tanto para ele, a ponto de dizer palavras incomuns no seu vocabulário, ou seja, dizer que “a esperava ansiosamente”? Nunca havia dito antes que esperava algo com tanta emoção.

Para os discípulos, era mais um banquete à mesa, mas para o mestre de Nazaré aquela ceia era diferente de todas as outras. Ela representava a história dele, a sua grande missão. A páscoa era uma festa comemorada anualmente para lembrar a libertação do povo de Israel do Egito. Antes de sua partida do Egito, cada família imolara um cordeiro e aspergira seu sangue sobre os umbrais das portas, e a sua carne, uma vez ingerida, supriu forças para o povo iniciar sua jornada pelo deserto, uma jornada em busca da tão sonhada terra de Canaã, a terra prometida. Portanto, a páscoa era uma festa alegre, radiante, um brinde à liberdade. Todavia, os seus íntimos não sabiam se choravam ou se alegravam. Por um lado, a mesa estava posta, o alimento saciaria a fome e despertaria o prazer. Por outro, havia no ar uma insuportável tristeza, o mestre anunciara que

iria partir. Os discípulos não haviam entendido que Jesus queria se identificar com o cordeiro da páscoa, para nutrir, alegrar e libertar não apenas o povo de Israel, mas também toda a humanidade. João Batista, ao se deparar com o mestre de Nazaré, produziu uma frase de grande impacto e incompreensível aos seus ouvintes: “Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”23. Ele considerou o carpinteiro da Galiléia como o redentor do mundo. Ninguém, antes ou depois de Jesus, assumiu tarefa tão estonteante. O próprio Jesus, corroborando o pensamento de João Batista, se posicionou de tal maneira como o

“cordeiro de Deus” e planejou morrer no dia da páscoa. Sabia que os homens que detinham o poder, mais cedo ou mais tarde, o matariam. Mas não queria morrer em qualquer dia nem em qualquer lugar. Por diversas vezes havia se livrado da morte. Livrou-se não porque tivesse medo dela, mas porque não havia chegado o momento e o lugar certos.

Esperava ardentemente por aquela páscoa porque ela representava o capítulo final de sua história, expressava o seu plano transcendental. Na festa da libertação de Israel do Egito, ele iria morrer pela liberdade da humanidade. A humanidade ficaria livre das suas mazelas existenciais. Os discípulos ainda não entendiam o que estava acontecendo. Eles não aceitavam a idéia de separarse daquele que lhes deu um novo sentido de vida, daquele que os ensinou a recitar a poesia do amor. Uma boa parte de seus seguidores era de meros pescadores galileus. Só pensavam em barcos e peixes. Todavia, passara alguém por ali e lhes provocou a maior avalanche interior. Alguém que lhes abriu os horizontes da vida discursando sobre os mistérios da existência, sobre os segredos da eternidade, ensinando-lhes a amar uns aos outros e a se doar uns pelos outros. A visão desses jovens galileus se expandiu. A vida ganhou outro significado. Portanto, era insuportável a partida do mestre. Um discurso surpreendente

Naquela noite incomum, Cristo não apenas lavou os pés dos seus discípulos e os estimulou a desenvolver as funções mais altruístas da inteligência, mas também os abalou com um diálogo surpreendente.

Todos estavam reclinados sobre a mesa, saboreando o cordeiro da páscoa. Então, Cristo interrompeu a ceia, olhou para eles e proferiu seu mais intrigante discurso. Um discurso pequeno, mas que perturbou profundamente seus discípulos. Um discurso que é capaz de deixar qualquer pensador da psicologia e da filosofia estarrecido se o analisar. Os discípulos estavam comendo tranqüilos a páscoa,

mas de repente, Jesus tomou o pão, o partiu e disse de maneira segura e espontânea: “Tomai, comei; isto é o meu corpo”. E tomou um cálice e, tendo dado graças, deu-lhes, dizendo: “Bebei dele todos; porque isto é meu sangue da aliança, que é derramado por muitos, para perdão de pecados”.

Nunca na história alguém teve a coragem de discursar sobre o seu corpo e seu sangue dessa maneira, e muito menos de dar um significado à sua morte como ele deu. Vejamos. O sangue da nova aliança

Quando alguém vai ser martirizado ou está sob um grave risco de vida, um temor invade o palco de sua emoção. O medo contrai o pensamento e esfacela a segurança. A voz se torna embargada e trêmula. Estes mecanismos inconscientes e instintivos aconteceram com Jesus na sua última ceia? Não! Ele sabia que enfrentaria o suplício da cruz. Tinha consciência de que morreria no dia posterior de maneira lenta. Seu corpo se desidrataria e o sangue verteria dos seus punhos, mãos, cabeça e costas. Mas, em vez de ficar amedrontado com sua morte e procurar um lugar para se proteger, ele discorreu sobre a sua própria morte num jantar e, ainda por cima, deu um significado surpreendente a ela. Disse categoricamente que o vinho que estavam bebendo iria iniciar uma nova era, uma nova aliança. O seu martírio não seria apenas uma execução humana, mas tinha um papel eterno. Ele seria derramado em favor da humanidade.

Na sociedade, as pessoas que cometem crimes são levadas às barras da justiça e, a não ser que haja distorções em seus julgamentos, elas são passíveis de sofrer punições. Jesus proclamava um reino misterioso, o reino de Deus. Segundo o seu pensamento, assim como há uma justiça humana que exerce o direito social, há uma justiça divina que exerce o direito celestial no reino de Deus. Ele veio justificar o homem perante Deus, queria perdoar cada ser humano diante do tribunal divino. Na cruz, seu objetivo foi levado às últimas conseqüências. Como pode o sangue de apenas um homem aliviar os erros e injustiças da humanidade inteira? O seu sangue estabeleceria uma aliança eterna.

Embora a temporalidade da vida seja breve, ela é suficientemente longa para se errar muito. Temos atitudes individualistas, egocêntricas, simulatórias, agressivas. Julgamos sem tolerância as pessoas que mais amamos. Rejeitamos as pessoas que nos contrariam. Prometemos a nós mesmos que iremos, de agora em diante, pensar antes de reagir, mas o tempo passa e, freqüentemente, continuamos vítimas de nossa impulsividade. Temos enormes dificuldades de enxergar o mundo com os olhos dos outros. Queremos que primeiramente o

mundo gravite em torno de nossas necessidades para depois pensarmos nas necessidades daqueles que nos circundam. Somos rápidos para reclamar e lentos para agradecer. Produzimos um universo de pensamentos absurdos que conspiram contra a nossa própria qualidade de vida e não temos disposição e, às vezes, nem habilidade para reciclá-los. Todos falhamos continuamente em nossa história de vida. Só não consegue admitir sua fragilidade quem é incapaz de olhar para dentro de si mesmo ou quem possui uma vida sem qualquer princípio ético. Por detrás das pessoas mais moralistas, que vivem apontando o dedo para os outros, existe, no palco de suas mentes, um mundo de idéias nada puritanas.

Somos senhores do mundo em que estamos, mas não senhores do mundo que somos. Governamos máquinas, mas não governamos alguns fenômenos inconscientes que lêem a memória e constroem as cadeias de pensamentos. Todos temos grandes dificuldades de administrar a energia emocional. Por isso, apesar de possuirmos uma inteligência tão sofisticada, somos frágeis e passíveis de tantos erros. Somos uma espécie que claudica entre os acertos e erros de toda sorte. Todavia, agora vem um galileu que não freqüentou escolas e diz, para o nosso espanto, que veio para nos dar o inacreditável: a vida eterna. E, ao invés de nos cobrar grandes atitudes para consegui-la, de determinar com severidade que não cometamos qualquer tipo de erro ou imoralidade, ele não exige nada de nós, apenas de si mesmo. Ele morre para que não morramos, sofre para que não soframos. Exige derramar o seu próprio sangue para nos justificar perante o autor da existência. Só não se perturba com as idéias de Cristo quem é incapaz de analisá-las.

Jesus é, sem dúvida, uma pessoa singular na história. Qualquer um que se der o trabalho de pensar minimamente na dimensão dos seus gestos ficará “assombrado”. Milhões de cristãos contemplam semanalmente os símbolos do vinho e do pão no mundo cristão, porém aquilo que parece um simples ritual revela de fato as intenções de uma pessoa surpreendente.

O sangue é formado de hemácias, leucócitos, plaquetas e inúmeras substâncias. Todos temos este líquido precioso que circula milhões de vezes ao longo da vida para nutrir as células e transportar todas as impurezas para serem metabolizadas no fígado e excretadas na urina. Todavia, morre o corpo e o sangue se deteriora, perde suas características e funções. Entretanto, o mestre de Nazaré deu um significado ao seu sangue que ultrapassou os limites da sua materialidade. Sua vida e seu sangue seriam tomados como ferramenta de justiça e perdão. Seriam usados tanto para aliviar os sentimentos de culpa do homem como para aliviar

todo débito perante o Criador. Segundo ele, o rigor da lei do reino vindouro teria ele mesmo como o mais excelente advogado de defesa.

Como pode alguém dizer que o sangue que pulsa nas suas artérias poderia estancar o sentimento de culpa contido no cerne da alma? Como pode o sangue de um homem tornar a nossa pesada e turbulenta existência uma suave e serena trajetória de vida? Muitas vezes as pessoas fazem psicoterapia por anos a fio para tentar aliviar o peso do seu passado e resolver seus sentimentos de culpa e nem sempre têm grande sucesso. No entanto, agora vem Jesus de Nazaré e diz que ele poderia instantaneamente aliviar toda a mácula do passado, todos os erros e mazelas humanas.

Freud foi um judeu ateu, entretanto, se ele tivesse investigado a história de Jesus, ficaria intrigado e encantado com sua proposta. Todos os pais da psicologia, que compreenderam que a história registrada no "inconsciente da memória" tem um peso enorme sobre as reações do presente, se tivessem tomado pleno conhecimento sobre a proposta do mestre de Nazaré, perceberiam que ela é arrebatadora. O que é mais admirável é que ele não queria apenas aliviar o peso do passado sobre o presente, mas também introduzir a eternidade dentro do homem e fazê-lo possuir uma vida irrigada tanto com um prazer pleno como com as funções mais importantes da inteligência. Já imaginou possuirmos uma vida inextinguível, sem qualquer sentimento de culpa e, ainda por cima, saturada de prazer e imersa numa esfera onde reina a arte de pensar, o amor mútuo, a solidariedade, a cooperação social? O mestre de Nazaré queria riscar as dores, o tédio, as lágrimas, a velhice e todas as misérias psíquicas, físicas e sociais de nossos dicionários. Nem a psicologia sonhou tanto. Nem os filósofos no ápice dos seus devaneios humanísticos imaginaram uma vida tão sublime para o homem. Temos de confessar que a pretensão dele ultrapassa os limites de nossa previsibilidade. O corpo retratando o acesso à natureza de Deus

O mestre também deu um significado incomum ao seu corpo: "E, tomando o pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: 'Isto é o meu corpo oferecido por vós'"24. Não apenas o pão estava sendo usado como símbolo do seu próprio corpo, mas o cordeiro imolado e morto que estava sendo servido naquela ceia tipificava o seu próprio ser. O "cordeiro de Deus" estava sendo oferecido como pão aos seus discípulos.

Se estivéssemos naquela ceia e não fôssemos íntimos de Cristo, fugiríamos daquela cena desesperadamente. Ficaríamos escandalizados com suas palavras.

Comer a carne de um homem?

Saborear o seu corpo? Nunca ouvi falar de alguém que estimulasse os outros a comerem o seu próprio corpo.

Todos ouvimos histórias de canibais. Essas histórias nos dão calafrios, pois é angustiante imaginarmos alguém se banqueteando com nossos próprios órgãos. Entretanto, Cristo estava se referindo ao pão simbolicamente. O mestre não estava querendo dizer sobre seu corpo físico, mas sobre a sua natureza, o Espírito Santo dado a eles após a sua ressurreição. Aqui novamente está inserido o conceito de eternidade.

Anteriormente, ele já havia dito, inclusive aos seus opositores, que quem não bebesse o seu sangue e não comesse a sua carne não teria a vida eterna25. Por meio dessas palavras ele havia antecipado os acontecimentos que se desdobrariam na sua última ceia.

A ousadia de Cristo era tanta que ele não apenas disse que transcenderia a morte, mas também que se tornaria um tipo de “pão”, de alimento, que saciaria o espírito e a alma humana. Nenhum homem na história, a não ser Cristo, reuniu seus amigos ao redor de uma mesa e discursou sobre os destinos do seu sangue e seu corpo. Algumas pessoas ficam angustiadas e até desmaiam quando vêem uma gota do seu sangue. Todavia, o mestre, com a maior naturalidade, comentava sobre o sangue que verteria de suas costas, após os açoites; de sua cabeça, após a coroação com espinhos; e de seus punhos e pés, após a crucificação.

Com o decorrer do tempo, ficamos insensíveis diante das palavras originais proferidas por Jesus. Não percebemos o impacto delas. Imagine se alguém nos convidasse em sua casa e, de repente, nos fitasse nos olhos e nos estimulasse a beber o seu sangue e comer o seu corpo, ainda que simbolicamente. Que tipo de reação teríamos? Pavor, desespero, embaraço, vontade de fugir rapidamente desse cenário constrangedor . Consideraríamos o nosso anfitrião o mais louco dos homens. Ainda que os discípulos soubessem que Cristo era dócil, amável, coerente e inteligente, as suas palavras foram inesperadas, surpreendentes.

Eles não sabiam como reagir. Suas vozes ficaram embargadas. Suas emoções flutuavam entre o choro, a ansiedade, o desespero. Não ousavam perguntar nada a Jesus, pois sabiam que, embora ímpares, as suas palavras discorriam sobre seu

fim, sobre a sua verdadeira missão. Ele deixou claro por diversas vezes que se seu sangue não fosse derramado e seu corpo não fosse crucificado, o homem não seria perdoado perante Deus e, portanto, o mortal não alcançaria a imortalidade. Nunca alguém articulou um projeto tão ambicioso. Nunca na história alguém usou, como Jesus Cristo, a sua própria morte para

“curar” as misérias da humanidade e transportá-la para uma vida inesgotável... Apesar de as suas palavras na Santa Ceia entrarem na esfera que transcende a lógica científica, entrarem no território da fé, a ciência não pode furtar-se a analisá-las. Notem que os sofrimentos pelos quais passamos freqüentemente expandem nossa tristeza e destroem os nossos sonhos. Entretanto, o mestre vivia princípios contrários aos esperados. Iria morrer dali a algumas horas, mas transformava a sua morte num estandarte eterno. Quanto mais ele sofria e se deparava com aparentes derrotas, mais pensava alto, mais sonhava altaneiramente. Onde deveria imperar o medo e o retrocesso, ele fazia florescer as metas e a motivação.

Fazei isto em memória de mim

Jesus disse aos discípulos que eles deveriam repetir a cena da última ceia em memória dele. Somente uma pessoa que crê que a morte não extinguirá a consciência existencial faz um pedido deste. Se alguém crê que a morte introduz a si mesmo num estado de silêncio eterno, num vácuo inconsciente, não se importará com o que aqueles que ainda estão vivos no breve palco da existência farão com suas palavras. Somente aqueles que têm esperança da continuidade da existência, ainda que não tenham consciência, desejam que sua memória seja preservada.

Se olharmos para a morte sem misticismos, perceberemos que suas implicações psicológicas são seriíssimas. A morte esmigalha o ser, destrói o cérebro, reduz a pó os segredos contidos na memória do córtex cerebral. A morte finda o espetáculo da vida.

Cristo morreria no dia seguinte, a sua memória seria esfacelada pela decomposição do seu cérebro. Entretanto, no discurso da última ceia, Cristo fala com uma incrível espontaneidade sobre a morte. Ele estava absolutamente certo de que venceria aquilo que os médicos jamais sonharam em vencer. Para ele, a morte não introduziria o nada existencial, a perda irrecuperável da consciência, mas abriria as janelas da eternidade.

O pedido inusitado de Jesus para repetir, em sua memória, os símbolos daquela ceia, é feito por milhões de cristãos pertencentes a inúmeras religiões do mundo todo e indica sua plena convicção de que não apenas sairia ileso do caos da morte, mas também cumpriria seu plano transcendental. A morte, a única vencedora de todas as guerras, seria vencida pelo carpinteiro de Nazaré. O mestre banqueteia antes da sua morte: ausência de anorexia

J. A. é um executivo brilhante. Tem uma excelente capacidade intelectual: é lúcido, coerente e eloqüente. Todas as manhãs, reúne seus gerentes, discute as idéias, toma consciência da produtividade e do desempenho da sua empresa e lhes dá as diretrizes básicas. Promove uma reunião mensal aberta a todos os funcionários. Ele os ouve e discursa sem constrangimento, animando-os, elevando a autoestima e criando vínculos entre eles e a empresa. J. A. é um homem acessível, carismático, inteligente e forte. Todavia, não sabe lidar com suas frustrações e fracassos. Aceita os problemas e os encara como desafios, mas quando não cumpre suas próprias metas ou quando ocorre falha na sua liderança, ele se torna um carrasco de si mesmo. Fica tranqüilo diante das dores dos outros e lhes dá orientações precisas quando necessário, mas se perturba diante de suas próprias dores. À mínima tensão começa a sentir diversos sintomas psicossomáticos, como perda de apetite, fadiga excessiva, dor de cabeça, taquicardia, sudorese. A perda de apetite é sua marca psicossomática registrada quando está sobressaltado pela ansiedade. O apetite é o instinto que preserva a vida. Quando ele está alterado, indica um sinal vermelho de que a qualidade de vida emocional está ruim a tal ponto que a vida não está sendo mais preservada. Dificilmente uma pessoa não tem o seu apetite alterado quando está tensa: aumenta-o (hiperfagia) ou o diminui (anorexia).

A anorexia é mais comum do que a hiperfagia. Existem vários graus de anorexia, incluindo a anorexia nervosa, que é uma doença psiquiátrica grave, na qual ocorre a perda completa do apetite, associada à crise depressiva e ao distúrbio da auto-imagem. A auto-imagem está tão distorcida, que o comer é uma agressão ao corpo, ainda que a pessoa esteja magérrima. Ganhar alguns gramas significa ganhar um peso insuportável. O psicoterapeuta, quando não consegue romper o vínculo doentio que ela mantém com sua auto-imagem, não consegue resgatá-la para a vida.

Quero ressaltar aqui uma das características da personalidade de Cristo expressas nos focos de tensão. Ninguém conseguiria manter seu apetite intacto sabendo que dali a algumas horas iria sofrer intensamente e, por fim, morrer. Nessa

situação só haveria espaço para chorar e se desesperar. Todavia, o mestre banqueteou com seus discípulos na sua última ceia. Tal atitude é totalmente inusitada. Ele comeu e bebeu fartamente com seus íntimos. Comeu o pão e o cordeiro pascal e tomou o vinho. Seus inimigos o conduziriam a passar por longas sessões de torturas, mas a impressão que se tinha é

que ele não possuía inimigos. De fato, para ele, os inimigos não existiam. Só sabia fazer amigos. Por que não fazia inimigos? Porque não se deixava perturbar pelas provocações que lhe faziam, não se deixava invadir pelas ofensas e agressividades que o rodeavam.

Nós freqüentemente agimos de maneira diferente. Fazemos de nossas emoções uma lata de lixo. Qualquer atitude agressiva dirigida a nós nos invade e nos perturba por dias. Um simples olhar indiferente tira-nos a tranqüilidade. Cristo não se importava com sua imagem social. Era seguro e livre no território da emoção.

O mundo à sua volta podia conspirar contra ele, mas ele transitava pelas turbulências da vida como se nada estivesse acontecendo. Por isso, se alimentou fartamente na noite anterior à sua morte, não se deixando abater antes da hora.

Como pode alguém que está para ser cravado numa cruz não estar deprimido? Como pode alguém que vai passar por um espetáculo de vergonha e dor para o mundo ter estrutura emocional para se relacionar de maneira agradável com seus íntimos diante de uma mesa?

Uma estrutura emocional sólida

Se já é difícil compreendermos como Cristo preservou o instinto da fome horas antes do seu martírio, imagine se dissermos ao leitor que ele não apenas banqueteou, mas cantou antes de morrer. Pois bem, foi isto o que aconteceu. O registro de Mateus diz: “Tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras”26.

Que disposição alguém teria para cantar às portas do seu fim? O maior amante da música cerraria seus lábios, pois diante das dores nossa emoção nos aprisiona, mas ele diante das suas dores se libertava. Se nossas dores forem brandas, ainda é possível sermos impelidos a cantar, mas diante do caos nosso ânimo se esgota.

A canção cantada por ele não tinha sido elaborada na hora, era uma letra

conhecida pelos discípulos, pois todos a cantaram, o que é confirmado pelo texto que diz “tendo cantado um hino, saíram...”27. Penso que tal canção não deveria ser melódica, triste, que retratasse a sua partida. Creio que a letra dessa música fosse alegre, por isso, como de costume, eles provavelmente até bateram palmas enquanto cantavam 28.

A conclusão a que chegamos é que o mestre de Nazaré era um excelente gerente da sua inteligência. Ele administrava com extrema habilidade seus pensamentos e emoções nos focos de tensão. Não sofria antecipadamente, embora tivesse todos os motivos para pensar no seu drama, que em algumas horas se iniciaria no Jardim do Getsêmani.

Um amigo meu, que ia sofrer uma cirurgia para a extração de um tumor, não estava com o rosto abatido dias antes da cirurgia. Contudo, à medida que o tempo se aproximava, sua ansiedade aumentava. No dia anterior à cirurgia, estava tão angustiado e tenso que essa emoção se refletia em toda sua face. Tinha um rosto contraído e preocupado. Nada o animava. Qualquer conversa o irritava. Sua mente estava ancorada no ato operatório.

Se um ato cirúrgico nos causa tanta tensão, ainda que seja feito com anestesia e assepsia, imagine como o carpinteiro de Nazaré tinha motivos para ficar abatido. Seu corpo seria sulcado com açoites e pregado num madeiro sem anestesia. Todavia, sua emoção embriagava-se de uma serenidade arrebatadora. Além de não se deixar perturbar, ainda tinha fôlego para discursar com a maior ousadia sobre a sua missão e sobre o modo como seria cortado da terra dos viventes. A psicologia foi tímida e omissa em investigar os pensamentos e as entrelinhas do comportamento de Jesus de Nazaré. Permitam-me dizer com modéstia que este livro, apesar de suas imperfeições, vem resgatar uma dívida da ciência com este mestre dos mestres da escola da existência. Ao investigá-lo, é

difícil não concluirmos que ele foi um exímio líder do seu mundo interior, mesmo quando o mundo exterior desabava sobre sua cabeça. Não acredito que algum psiquiatra, psicólogo ou qualquer pensador da filosofia tenha chegado perto da maturidade do mestre de Nazaré, amplamente expressa no gerenciamento da sua psique diante dos múltiplos cenários estressantes que o cercavam. Muitas pessoas são infelizes, embora com excelentes motivos para serem alegres. Outras tiveram uma vida difícil, saturada de perdas. Todavia, em vez de superarem suas perdas, se tornam reféns do passado, reféns do medo, da insegurança, da hipersensibilidade. Colocam-se como vítimas desprivilegiadas

da vida. Nunca conseguem construir um oásis nos desertos que atravessam. Jesus construiu uma trajetória emocional inversa. Poderia ser um homem angustiado e ansioso, mas, ao invés disso, era tranqüilo e sereno. Sua emoção era tão rica que ele chegou ao impensável: teve a coragem de dizer que ele mesmo era uma fonte de prazer, de água viva, para matar a sede da alma29. Isso explica um comportamento seu quase incompreensível que teve cerca de catorze-dezoito horas antes de morrer, ou seja, o de cantar e de se alegrar com seus amigos. Em Cristo, a sabedoria e a poesia habitaram intensamente na mesma alma.

C A P Í T U L O 5

UM DISCURSO

FINAL

EMOCIONANTE

O discurso final revela os segredos do coração

O mestre de Nazaré, após banquetear-se, discursar sobre seu sangue e seu corpo e cantar, saiu do cenáculo. Fora, a campo aberto, ele iniciou um longo e profundo diálogo com seus discípulos. Havia uma atmosfera incomum de emoção. Nessa atmosfera, ele revelou os segredos ocultos do seu coração. À mesa, discursou brevemente sobre sua missão, porém um clima de dúvida reinava entre aqueles galileus. Agora, ao ar livre, ele se abria a eles como nunca. Revelou os pensamentos mais íntimos que habitavam dentro de si. Nunca, como agora, havia rasgado a sua alma e falado de maneira cristalina sobre seu projeto transcendental. Nunca havia discorrido de maneira tão transparente sobre seu objetivo de vida e mostrado uma borbulhante preocupação com o destino dos seus íntimos e com todos aqueles que se agregariam a ele após a sua morte. Os discípulos ficaram impressionados com seu discurso. Disseram-lhe: “Agora é que fala-nos claramente, sem parábolas”30.

Quem transcreveu tal discurso? João. Esse amável e íntimo discípulo estava velho, no fim da vida, quando resgatou essas passagens e as escreveu em seu evangelho. Mais de meio século já havia se passado desde a morte de Jesus. Os demais discípulos já haviam morrido, muitos tinham sido perseguidos e martirizados, entre eles Pedro e Paulo. João não tinha mais seus amigos antigos. Foi nessa fase que escreveu a quarta biografia de Cristo, o quarto evangelho. Milhares de novos discípulos de todas as nações e culturas haviam entrado para “o caminho”. A maioria deles não tinha uma visão clara sobre a personalidade, pensamentos, desejos e propósito do mestre. João queria conduzi-los ao primeiro amor, transportá-los para as palavras vivas e originais do seu mestre. Então, deixou-nos o legado dos seus escritos.

João desejava colocar colírios nos olhos dos discípulos que não viveram com Jesus. Em seu evangelho, ele faz uma profunda imersão nos momentos históricos que precederam a crucificação de Cristo. Quase a metade do

evangelho de João refere-se às últimas 48 horas de vida do mestre. Muitos têm me dito que escrevo sobre Cristo de uma maneira que nunca viram antes, embora o tenham estudado por décadas. Não tenho mérito algum. O crédito pertence ao personagem central desse livro, que indubitavelmente possui uma personalidade magnífica, mesmo se investigado pelos mais céticos. Tenho comentado que para interpretar a história é necessário manter um distanciamento dos preconceitos e julgamentos superficiais pertinentes à nossa própria história, arquivada em nossa memória. Precisamos estar lá, contemplar atenta e embevecidamente as palavras, as imagens, os ambientes e participar de cada uma das cenas existentes. É necessário nos transportarmos para a história viva expressa pelas letras mortas, respirarmos o ar que os personagens históricos respiraram, sentirmos o semblante dos seus rostos, percebermos a "pressão arterial" deles e perscrutarmos as emoções que expressaram nos focos de tensão. Caso contrário, as letras impressas se tornarão um véu que bloqueará a interpretação, levando-nos a resgatar uma história morta, vazia e excessivamente distorcida. João conduziu seus leitores a fazer uma belíssima interpretação da história. Em seus escritos, ele transportou os amantes tardios do mestre para participarem das cenas mais importantes da história dele. Os capítulos 14 a 16 contêm diversas cenas e situações com intenso calor emocional. Neles está

registrado o mais longo e completo discurso de Cristo.

João registra que naquela época os discípulos eram jovens, frágeis e não lapidados pela vida. Não admitiam o sofrimento nem a morte do seu mestre. O medo e a dor tinham invadido suas emoções. Então, relembra a amabilidade do seu mestre, que, precisando ser confortado, pois ele é quem enfrentaria o caos, os confortava dizendo que, apesar de passarem por diversas aflições e problemas, não deveriam se desanimar, mas tê-lo como espelho: "Eu venci o mundo"31.

João imerge os seus leitores na esfera de amor criada por Jesus. Revela que, embora eles fossem intempestivos, egoístas e pouco solidários uns com os outros, o mestre cuidava deles afavelmente. Não sabiam amar alguém além de si mesmos ou dos seus íntimos, mas Jesus entrou em suas vidas e sorrateiramente os ensinou a linguagem do amor, por meio de palavras incomuns e gestos inusitados, um amor que está além dos limites da sexualidade, dos interesses próprios e da expectativa do retorno, um amor que mata o germe do individualismo e corta as raízes da solidão. O mestre dizia incansavelmente àqueles jovens com alto débito emocional: "Amai-vos uns aos outros como eu

vos amei”32. João também comenta que o mestre dissera palavras até então impensáveis sobre uma habitação eterna, uma morada que ultrapassava a materialidade: “Na casa de meu pai há muitas moradas”33. Relata destemidamente ainda: “Porque eu vivo, vós também vivereis”34. Comenta o desejo ardente que ele tinha pela unidade entre os que o amam, em detrimento de todas as suas diferenças. João descreve muitos pontos sobre o discurso final de Cristo. Há muito o que comentar sobre cada um deles, mas não é o objetivo deste livro. Gostaria de me deter mais prolongadamente não no discurso que Cristo fez perante seus discípulos, mas no discurso contido na oração que ele fez para o Pai. No capítulo 17 do evangelho de João, Jesus revela que tem um Pai, um Pai diferente de todos os outros pais. Nesse texto ele faz um diálogo íntimo, apaixonante e misterioso com Ele. Vejamos. O discurso final encerrado em uma oração

Jesus eleva seus olhos ao céu e começa sua oração. O gesto de olhar para o céu indica que ele não estava mais, como disse, no cenáculo da última ceia, mas a caminho do seu martírio. Olhar para o céu também indica que o mestre estava olhando não para as estrelas, mas para uma outra dimensão, uma dimensão fora dos limites do tempo e do espaço, além dos fenômenos físicos. Seu discurso, antes de ir para o Getsêmani, é encerrado com esta oração. Diga-se de passagem, ela é

bela e encharcada de sentimentos. Ele estava para cumprir sua missão fundamental. Estava para ser preso e impiedosamente morto. Ele fitava os seus discípulos e estava comovido por deixá-los, preocupando-se com o que aconteceria com eles após a sua morte. Nesse clima, ele dialoga com o Pai. Quem está diante do fim da vida, não tem mais nada para esconder. O que está represado dentro dele borbulha sem receios. Devido à proximidade do seu fim, Cristo expressou algo que estava na raiz do seu ser. Seus desejos mais íntimos, seus planos mais submersos e suas emoções mais clandestinas fluíram sem restrições.

Após dizer aos seus amados discípulos para que eles tivessem ânimo porque ele vencera o mundo, levanta os olhos para o céu e diz: “Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti; assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e agora, glorifica-me, ó Pai,

contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo”35.

O conteúdo desse diálogo é intrigante. Orou somente para seu Pai ouvir e para ninguém mais. Entretanto, como estava cheio de emoção, não fez uma oração silenciosa, mas em voz altissonante, por isso os discípulos a ouviram. As palavras que ele disse calaram fundo no jovem João. Ele jamais as esqueceu. Por isso, depois de tantas décadas, as registrou.

Revelando uma outra identidade

Nessa oração Jesus fez uma afirmação surpreendente. Ele disse que seu Pai era o Deus eterno. Mas ele não era o filho de Maria e de José? Ele não era apenas um carpinteiro de Nazaré? Nessa oração ele assume sem rodeios que não era apenas um homem completo, mas era também o Deus filho, a segunda pessoa da misteriosa trindade. O mais intrigante dos homens, aquele que nunca procurou fama e ostentação, assume o seu status de Deus, e não apenas de um ser humano inteligente, especial, inusitado. Estamos acostumados à expressão “filho de Deus”, mas na época tal expressão era para os judeus uma grande heresia. Eles adoravam o Deus todo-poderoso, criador dos céus e da terra, que não tem princípio de dias nem fim de existência. Para eles, os homens são apenas criaturas de Deus. Jamais admitiriam que um homem pudesse ser filho do imortal, do todo-poderoso. Dizer-se filho de Deus, para os judeus, era o mesmo que dizer que possuía a mesma natureza de Deus e, portanto, era se fazer igual a Deus. Uma blasfêmia inaceitável para eles. Como pode um homem simples, que não reivindica poder e não procura a fama, ser o próprio filho do Deus altíssimo? Isso era inconcebível para os mestres da lei.

Uma vida além dos limites do tempo

No conteúdo da sua longa oração, o mestre de Nazaré revelou algumas coisas perturbadoras. Entre elas, disse que sua existência extrapolava sua idade temporal, sua idade biológica. Tinha pouco mais de 33 anos, mas disse: “Glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo”36.

A palavra grega usada no texto para mundo significa “cosmos”. Cristo revelou que antes que houvesse o mundo, o cosmos, ele estava lá, junto com o Pai na eternidade passada. Há bilhões de galáxias no universo, mas antes que houvesse

o primeiro átomo e a primeira onda eletromagnética, ele estava lá. Por isso, João disse que nada tinha sido feito sem ele. Aqui novamente ele afirmou sua natureza divina, postulando que, como Deus filho, sua vida extrapolava os limites do tempo. Expressou que sua história ultrapassava os parâmetros do espaço e do tempo contidos na teoria de Einstein. Por intermédio de suas palavras surpreendentes, ele se colocou até mesmo acima do pensamento filosófico que busca princípio existencial. Que mistérios se escondiam nesse homem para que ele se colocasse acima dos limites da física? Como pode alguém afirmar que estava no princípio do princípio, no início antes do início, no estágio antes do big bang ou antes de qualquer princípio existencial? O que nenhum ser humano teria coragem de dizer sobre si mesmo, ele disse com a mais alta segurança. Certa vez, os fariseus o indagaram seriamente sobre sua origem. O mestre fitou-os e golpeou-os com a seguinte resposta: “Antes de Abraão existir, eu sou”37. Assombrou-os a tal ponto com essa resposta que eles desejaram matá-lo. Não disse que antes de Abraão existir “eu já existia”, mas sim que “Eu sou”. Ao responder “Eu sou” não queria dizer apenas que era temporalmente mais velho do que Abraão, o pai dos judeus, mas usou uma expressão incomum para se referir a si mesmo. A mensagem foi entendida por aqueles estudiosos da lei. Eles sabiam que nada podia ser tão ousado quanto usar a expressão “Eu sou”. Por quê? Porque usou uma expressão que somente foi usada no Velho Testamento pelo próprio Deus de Israel, para descrever sua natureza eterna. Ao se definir, Deus disse a Moisés, no monte Sinai:

“Eu sou o que sou”38.

Aos olhos da cúpula judaica, se alguém dissesse que era mais velho do que Abraão, que morrera há

séculos, ela o diagnosticaria como um louco, mas se usasse a expressão “Eu sou” seria considerado como o mais insolente blasfemo. Cristo, ao dizer tais palavras, estava declarando que tinha as mesmas dimensões alcançadas pela conjugação dos tempos verbais do verbo ser: ele é, era, será. Usamos o verbo existir quando nos referimos a nós mesmos, pois estamos confinados ao tempo, e, portanto, somos finitos. Tudo no universo está em contínuo processo de caos e reorganização. Nada é

estático, tudo é destrutível. Até o Sol, daqui a alguns milhões de anos, não mais existirá e, conseqüentemente, não haverá mais a Terra. Entretanto, ele se coloca como auto-existente, sempiterno, ilimitado. Ele é o soneto da humildade, mas

em algumas oportunidades revela uma identidade que está

acima dos limites de nossa imaginação.

O tempo é o “senhor” da dúvida. O amanhã não pertence aos mortais. Não sabemos o que nos acontecerá daqui a uma hora. Entretanto, Cristo foi tão ousado que inferiu que ele estava além dos limites do tempo. Em qualquer tempo ele “é”. O passado, o presente e o futuro não o limitam. As respostas do mestre são curtas, mas suas implicações deixam embaraçado qualquer pensador... Em sua oração, Jesus disse: “É chegada a hora”39. Já era noite quando orou. No dia seguinte, às nove horas da manhã, seria crucificado. A hora do seu martírio tinha chegado, o momento crucial pelo qual tanto esperava batia-lhe à porta. Então, roga ao Pai para que ele fosse glorificado com a glória que tinha antes que houvesse o mundo, o cosmos.

Que glória é esta? Ele era um galileu castigado pela vida desde a infância. Passou fome, frio, sede, ficou noites sem dormir e não tinha tempo para cuidar de si mesmo. Se estivéssemos lá e olhássemos para ele, certamente não veríamos a beleza com que os pintores do passado o retrataram. Não havia nele beleza nem glória exteriores. Todavia, ele comenta que possuía uma glória antes que houvesse o cosmos. Embora estivesse vestido pela humanidade, rogava ao seu Pai que desejava reaver sua natureza ilimitada.

É difícil entender a glória sobre a qual ele se referia. Talvez se referisse a uma transfiguração do seu ser, tal como a expressa numa passagem misteriosa no “monte da transfiguração”, onde ele transmutou o seu corpo 40. Talvez estivesse se referindo ao resgate de uma estrutura essencial inabalável, uma natureza sem deterioração temporal, sem limitação física, sem as fragilidades humanas. Todos os dias vemos os sofrimentos e as marcas da velhice estampadas nas pessoas. Ao nascer, a natureza nos expulsa do aconchegante útero materno para a vida; choramos e todos se alegram. Ao morrer, retornamos a um útero, ao útero frio de um caixão; não choramos, mas os outros choram por nós.

Não há quem escape do primeiro e do último capítulo da existência. Entretanto, vem um homem chamado Jesus e nos diz que sua história ultrapassa os limites de toda existência perceptível aos órgãos dos sentidos. Como pode um homem de carne e ossos expressar, a poucas horas de sua morte, um desejo ardente de resgatar um estado essencial indestrutível, sem restrições, imperfeições, angústias, dores?

Que segredos se escondiam por trás de suas palavras?

Possuindo autoridade para

transferir a eternidade

Cristo proclamou ao Pai dizendo: “Assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste”41. O nome “carne” é usado pejorativamente, indicando que, apesar de sermos uma espécie que possui o espetáculo da inteligência, somos feitos de

“carne” e ossos, que se deterioram nas raias do tempo.

Ele queria plantar a semente da eternidade dentro do homem. Por isso, dizia: “Se o grão de trigo não morrer, fica ele só, mas se morrer, produz muito fruto”42. Queria que a vida ilimitada que possuía, mas que estava escondida pela “casca” da sua humanidade, fosse liberada por meio de sua morte e ressurreição.

Estamos alojados num corpo limitado, morremos um pouco a cada dia. Uma criança de um dia de vida já é suficientemente velha para morrer. Todavia, ele queria nos eternizar. Veio estancar o dilema do fim e materializar o mais ardente desejo humano, o da continuação do espetáculo da vida. A história de Sócrates ilustra bem este desejo.

Sócrates foi um dos filósofos mais inteligentes que pisou nesta terra. Foi um amante da arte da dúvida. Questionava o mundo que o circundava. Perguntava mais do que respondia e, por isso, não poucas vezes deixava a mente dos homens mais confusa do que antes. A ele atribui-se a frase “conhecete a ti mesmo”. Sócrates não escreveu nada sobre si, mas os filósofos ilustres que cresceram aos seus pés, dos quais se destaca Platão, escreveram sobre ele.

Devido ao incômodo que as suas idéias causaram na sociedade grega, Sócrates foi condenado à

morte. Alguns acreditam que ele teria sido poupado se tivesse restaurado a antiga crença politeísta; se tivesse guiado o bando de seus discípulos para os templos sagrados e sacrificado aos deuses de seus pais. Mas Sócrates considerava isso uma orientação perdida e suicida*. Ele acreditava em um só Deus e tinha esperanças de que a morte não iria destruí-lo por completo. Por se contrapor ao pensamento reinante em sua época, esse dócil filósofo foi

condenado a tomar cicuta, um veneno mortal. Se negasse as suas idéias, seria um homem livre. Mas não queria ser livre por fora e preso por dentro. Optou por ser fiel às suas idéias e morrer com dignidade. Seu destino foi o cálice da morte. O

veneno, em minutos, o anestesiaria e lhe produziria parada cardiorrespiratória. Seu cálice foi diferente do cálice de Cristo. Sócrates morreu sem dor. Cristo atravessaria as mais longas e impiedosas sessões de tortura física e psicológica.

Platão descreve os momentos finais de Sócrates numa das passagens mais belas da literatura. Ao tomar o veneno, seus discípulos começaram a chorar. O filósofo silenciou-os dizendo-lhes que um homem deveria morrer em paz. Sócrates queria derramar um pouco de veneno ao Deus que cria. Mas o carrasco disse àquele dócil pensador que só havia preparado o suficiente para ele. Então começou a rezar, pois disse que queria preparar a sua vida para uma viagem para outro mundo. Após esse momento de meditação, tomou rápida e decididamente o veneno.

Em poucos minutos o veneno o mataria. Primeiramente, suas pernas começaram a paralisar-se. Aos poucos já não sentia mais o seu corpo. Em seguida, deitou-se até que o veneno interrompesse os seus batimentos cardíacos. Foi assim que a cicuta matou aquele afável homem das idéias. Porém, não maculou a fidelidade à sua consciência nem matou seu desejo de continuar a existência. Sócrates tanto almejava a transcendência da morte como cria nela. O mundo das idéias o ajudou a amar a vida. Dificilmente alguém produziu palavras tão serenas como as deste filósofo no final de sua vida. Até

Platão se sentiu envergonhado pelas suas lágrimas. Entretanto, Cristo, no final de sua vida, foi muito mais longe. Ele, como estudaremos, produziu as reações mais sublimes diante das condições mais miseráveis que um ser humano possa passar.Bradou: “Eu sou o pão da vida, quem de mim comer viverá

eternamente!”43.

Não há semelhante ousadia na história. Ninguém havia afirmado, até então, que tinha o poder de fazer do frágil e mortal ser humano um ser imortal. Ninguém afirmou que sua morte abriria as janelas da eternidade. Sócrates tinha esperança de viajar para um outro mundo. Cristo, entretanto, se colocou como o piloto e como o próprio veículo dessa intrigante viagem para esse tal mundo. Jesus era um homem inacreditável. Não queria fundar uma corrente de pensamento ou de

dogmas. Não! Ele almejava libertar o homem do parêntese do tempo e imergi-lo nas avenidas da eternidade. Retornando como num relâmpago do céu para a terra

Ninguém, mesmo no ápice do delírio, tem coragem e mesmo capacidade intelectual para discursar as palavras que ele proferiu nesta longa e complexa oração. O que é mais interessante é que, ao mesmo tempo em que olhou para o céu e discursou sobre uma vida infindável, ele se voltou, na mesma oração, como um relâmpago para a “terra” e mostrou uma preocupação extremamente afetiva com a vida e a história dos seus discípulos.

Proclamou ao seu Pai: “Quando estava com eles, guardava-os em teu nome...”; “Não rogo apenas por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da tua palavra, a fim de que todos sejam um44”. Jesus, apesar de estar próximo da mais angustiante série de sofrimentos, ainda tinha ânimo para cuidar dos seus íntimos e discursar sobre o amor no seu mais belo sentido. Queria que um clima de cuidado mútuo e solidariedade envolvesse a relação entre seus amados discípulos. Nunca lhes prometeu uma vida utópica, uma vida sem problemas e contrariedades. Pelo contrário, almejava que os percalços da existência pudessem lapidá-los. Afinal de contas, sabia que o oásis é mais belo quando construído no deserto e não nas florestas.

Suas palavras denunciavam que, para ele, Deus, embora invisível, era um ser presente, um ser que não estava acima das emoções humanas, mas que também sofria e se preocupava com cada ser humano em particular. Ao estudarmos a história das religiões, detectamos que freqüentemente o homem fala de Deus de uma maneira intocável, acima da condição humana, mais preocupado em punir erros de conduta do que em manter uma relação estreita e afetiva com o ser humano. Mas no conceito de Cristo, o seu Pai é um Deus acessível, afetivo, atencioso e preocupado com as dificuldades que atravessamos e que, embora nem sempre retire as dificuldades da vida, propicia condições para superá-las. O filho e o Pai estavam participando juntos, passo a passo, de um plano para transformar o ser humano. Nessa oração, Jesus diz que enquanto estava no mundo ele cuidava dos seus discípulos, estimulava-os a se interiorizarem, a conhecerem os mistérios da existência e a se amarem mutuamente. Mas agora sua hora havia chegado e ele teria de partir. Na despedida, roga ao Pai que não os tire do mundo, mas que cuide deles nos inevitáveis invernos da existência. Conhecia as sinuosidades que os homens atravessariam, mas queria que eles aprendessem a transitar com maturidade e segurança por elas, ainda que nas curvas da existência pudessem derramar algumas lágrimas e tivessem momentos

de hesitação.

O mestre nem sempre queria tirar as pedras do caminho que perturbavam suas trajetórias, mas desejava que elas se tornassem tijolos para desenvolver neles uma humanidade elevada. Procurando gerar alegria num ambiente de tristeza

Os discípulos estavam para perder o seu mestre. Este, por sua vez, além da dor imensa da partida, teria de enfrentar noite adentro e na manhã seguinte o seu martírio. O momento era de grande comoção. Todavia, num clima onde só havia espaço para chorar, Jesus mais uma vez toma uma atitude imprevisível. No meio da sua oração ele discursa sobre o prazer. Ele roga ao Pai para que todos os seus seguidores não fossem pessoas tristes, angustiadas e deprimidas, mas que tivessem um prazer pleno. Disse: "... para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos"45. A personalidade de Cristo é difícil de ser investigada. Ela foge completamente à previsibilidade lógica, por isso é capaz de deixar perplexo qualquer pesquisador da psicologia. Como pode alguém discorrer sobre alegria na iminência de morrer? Como pode alguém ter disposição para discursar sobre o prazer se o mundo conspira contra ele para matá-lo? Ninguém que ama a vida e a arte de pensar pode deixar de investigar a personalidade de Cristo, ainda que a rejeite completamente. Nessa oração, ele ainda tem disposição para se preocupar com a qualidade do relacionamento entre seus discípulos. Clama pela unidade entre eles. Comovido, suplica que seus amados galileus e todos aqueles que viessem a se agregar a seu projeto transcendental fossem aperfeiçoados na unidade. Como grande mestre da escola da vida, sabe que a unidade é a única base segura para o aperfeiçoamento e a transformação da personalidade. Daria a sua vida aos seus discípulos e ambicionava que eles superassem as disputas predatórias, os ciúmes, as contendas, as injúrias, o individualismo, o egocentrismo. Queria que essas características doentias da personalidade fossem relíquias de uma vida passada superficial e sem raízes.

Almejava que uma nova vida fosse alicerçada nos pilares do amor, da tolerância, da humildade, da paciência, da singeleza, do afeto não fingido, da preocupação mútua. Provavelmente, neste discurso final, tenha chorado pela unidade, ainda que com lágrimas clandestinas, imperceptíveis aos olhos daqueles que não conseguem perscrutar os sentimentos represados no território da emoção. Termina sua oração dizendo: "... a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles esteja"46. A análise psicológica destas breves palavras tem grandes implicações que se contrapõem a conceitos triviais.

Quando pensamos sobre o que Deus requer do homem, temos em mente um código de ética, a observância de leis e regras de comportamentos que estabeleçam os limites entre o bem e o mal. Entretanto, no final do seu diálogo com o Pai, Jesus rompe nossos paradigmas e proclama eloqüentemente que ele simplesmente quer que o homem aprenda a transitar pelas doces, ricas e ilógicas avenidas do amor.

O sofrimento do povo de Israel era grande. A escassez de alimentos era enorme e a violência de Roma a todos os que se contrapunham à sua dominação era forte. Nesse ambiente árido ninguém falava de amor e dos sentimentos mais nobres da existência. Os poetas estavam mortos. Os salmistas enterrados. Não havia cânticos alegres naqueles ares. Mas veio um homem dizendo-se filho do Deus eterno. Seu discurso foi incomum. Ele encerra sua curta vida terrena discorrendo não sobre regras, leis e sistemas de punição, mas simplesmente sobre o amor.

Somente o amor pode cumprir espontânea e prazerosamente todos os preceitos. Somente ele dá

sentido à vida e faz com que ela, mesmo com todos os seus percalços, seja uma aventura tão bela que rompe a rotina e renova as forças a cada manhã. O amor transforma miseráveis em homens felizes; a ausência do amor transforma ricos em miseráveis.

C A P Í T U L O 6

VIVENDO

A ARTE DA

AUTENTICIDADE

O ambiente do Jardim do Getsêmani

O alimento e a bebida ingeridos por Cristo na última ceia foram importantes para sustentá-lo. Eles não lhe dariam pão nem água durante o seu tormento. Sabia o que lhe esperava, por isso nutriu-se calmamente para suportar o desfecho de sua história.

Após sua oração sacerdotal, foi sem medo ao encontro de seus opositores. Entregou-se espontaneamente. Procurou um lugar tranqüilo, sem o assédio da multidão, pois não desejava qualquer tipo de tumulto ou violência. Não queria que nenhum dos seus corresse perigo. Preocupou-se até mesmo com a segurança dos homens encarregados de prendê-lo, pois censurou o ato agressivo de Pedro a um dos soldados.

O mestre era tão dócil que por onde ele passava florescia a paz, nunca a violência. Os homens podiam ser agressivos com ele, mas ele não era agressivo com ninguém. Um odor de tranqüilidade invadia os ambientes em que transitava. Será que onde estamos criamos um agradável clima de tranqüilidade ou estimulamos a irritabilidade e a tensão? O amor que Jesus sentia pelo ser humano o protegia do calor escaldante dos desertos da vida. Chegou ao absurdo de amar seus próprios inimigos. Quão diferentes nós somos! Nosso amor é circunstancial e restrito, tão restrito que, às vezes, não sobra energia nem para amar a nós mesmos e sentir um pouco de auto-estima. A ira do mestre no momento certo, pelo motivo certo e na medida certa Na única vez que ele se irou, estava no templo.Viu homens fazendo negócios na casa de seu “Pai”: comercializando animais e cambiando moedas. O templo de oração tinha virado o templo do comércio. Aquela cena incomodou-o profundamente e, por isso, embora estivesse no território de pessoas que o odiavam, derrubou a mesa dos cambistas e expulsou aqueles homens do templo. Disse: “Não façais da casa de meu Pai casa de negócio”47.

Alguns judeus, irritados com sua atitude, perguntaram-lhe qual era o motivo e com que autoridade ele fazia aquelas coisas. Jesus estava aborrecido, mas não intensamente. A ira nunca engessava seu raciocínio. Por isso, respondeu-lhes com serenidade e ousadia: “Destruí este santuário, e em três dias o

reconstruirei”48. Tal resposta não era jamais a que eles esperavam ouvir. A pergunta era desafiadora, mas a resposta foi bombástica. Suas palavras soaram como uma afronta para aqueles homens. Por isso, imediatamente replicaram-lhe: “Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu, em três dias, o levantarás?”49.

O templo de Jerusalém era uma das maiores obras de engenharia da civilização humana. Seus materiais foram preparados por muitos anos pelo rei Davi. Entretanto, somente seu filho, o rei Salomão, o edificou. Para isso, usou milhares de trabalhadores. Poucas obras demoraram tantos anos para serem construídas.

O templo era o símbolo dos judeus, o lugar sagrado deles. Tocar no templo era mexer nas raízes da sua história. Entretanto, surgiu um homem da Galiléia, uma região desprezada pelos judeus, que dizia que aquele templo milenar não era um lugar apenas sagrado para ele, mas a sua própria casa, a casa de seu Pai. Tal homem toma posse daquele lugar como se fosse a sua propriedade e expulsa aqueles que ali trocavam moedas e comercializavam animais. E, ainda por cima, disse com a maior intrepidez que em três dias o destruiria e reedificaria.

Cada vez que Jesus abria a sua boca, os judeus ficavam estarrecidos. Eles não sabiam se consideravam-no um louco ou o mais blasfemo dos homens. Jesus já tinha sido ameaçado de morte várias vezes pelos judeus; agora ele, sem expressar qualquer tipo de medo e sem dar muitas explicações, proferiu pensamentos que implodiram a maneira de pensar deles. Como pode alguém tomar posse do templo sagrado dos judeus? Como é possível um homem destruir e edificar em três dias uma das mais ousadas obras de engenharia humana?

Jesus, em breves palavras, revelava seu grande projeto. O templo físico, que demorou décadas para ser construído, seria transferido para o interior do homem. Por meio da sua morte, a humanidade seria redimida, abrindo caminho para que Deus pudesse habitar no espírito humano. Como pode o arquiteto de um universo de bilhões de galáxias se fazer tão pequeno a ponto de habitar numa ínfima criatura humana? Esse era o objetivo central do mestre de Nazaré.

Paulo, o apóstolo tardio, que outrora fora um agressivo opositor, dando seguimento a este pensamento, teve a coragem de declarar que as discriminações raciais seriam extirpadas, que as distâncias entre os homens seriam abolidas e que haveria uma unidade jamais pensada na história, ou seja, judeus e os demais povos (gentios) pertenceriam à mesma família, “sois da família de Deus”50. Eles

estariam “...sendo edificados para habitação de Deus no Espírito”51. O belíssimo sonho do apóstolo Paulo, que estava em sintonia com o plano de Jesus, ainda não foi cumprido, nem mesmo entre os cristãos. Somos uma espécie que ainda cultiva toda sorte de discriminações. Os homens ainda não aprenderam a linguagem do amor. Amamos mais as diferenças do que a solidariedade. Pela fina camada da cor da pele, por alguns acres de terra, por alguns dólares no bolso, por alguns títulos nas paredes, nos dividimos de maneira tola e ilógica. Jesus, ao dizer que em três dias destruiria o templo e o reedificaria, estava se referindo ao desfecho da sua história. Ele, como o templo de Deus, morreria e no terceiro dia ressuscitaria. Mais uma vez ele expressou que transcenderia a morte e mais uma vez deixou seus opositores assombrados. Embora o templo fosse o lugar sagrado do povo judeu, muitos deles tinham perdido a sensibilidade e o respeito por ele. Jesus teve, ao longo da sua vida, muitos motivos para ficar irritado, mas exalava tranqüilidade. Foi profundamente discriminado, mas acolheu a todos; cuspiram-lhe no rosto, suportou; caluniado, procurou conciliação; esbofeteado, tratou com gentileza seus agressores; açoitado como o mais vil dos criminosos, expressou mansidão.

Aquele que foi o estandarte da paz somente se ofendeu uma única vez, quando desrespeitaram a casa de seu Pai. Entretanto, não dirigiu a sua ira aos homens, mas às suas práticas e ao seu desrespeito. Por isso, logo se refez e não guardou mágoa e rancor de ninguém. Portanto, ainda que estivesse sob a mais drástica frustração, era possível observar lucidez e coerência em seu único momento de ira. Aristóteles era um filósofo humanista, mas ele não viveu todo o seu discurso. Havia escravos por toda a Grécia, mas ele não teve coragem de se levantar contra a desumanidade da escravidão. Calou-se quando devia gritar. Jesus não foi assim. Por diversas vezes, antes de ser crucificado, correu o risco de morrer por se colocar ao lado das pessoas discriminadas, por almejar libertá-las dentro e fora delas e aqui, nesse episódio, por fazer uma faxina no templo do seu Pai. Nele se cumpriu o pensamento de Aristóteles: “O difícil é irar-se no momento certo, pelo motivo certo e na medida certa”. Precisamos aprender com o mestre de Nazaré a fazer uma “faxina” no templo de nosso interior. Virar a “mesa” dos pensamentos negativos. Extirpar o “comércio” do medo e da insegurança. Reciclar nossa rigidez e rever o superficialismo com que reagimos aos eventos da vida. Quem não é capaz de causar uma revolução dentro de si mesmo nunca conseguirá mudar as rotas sinuosas de sua vida. A maior miséria não é aquela que habita os bolsos, mas a alma. Traído pelo preço de um escravo

O Getsêmani era um jardim. Num jardim começou seu intenso inverno

existencial. Não havia lugar melhor onde ele pudesse ser preso. Aquele que fora o mais excelente semeador da paz tinha de ser preso num jardim, e não na aridez do deserto. O jardineiro da sabedoria e da tolerância foi preso no jardim do Getsêmani.

Getsêmani significa azeite.O azeite é produzido quando as azeitonas são feridas, esfoladas e esmagadas. Lá, no Getsêmani, aquele homem dócil e gentil começaria a ser ferido e “esmagado” pelos seus inimigos. Seu drama seguiria noite adentro, percorreria o dia posterior e terminaria com seu corpo em uma cruz.

Por onde ele andava, seus discípulos não o deixavam. Embora assaltados pela tristeza, ainda assim caminhavam com ele os seus últimos passos. Todos, à exceção de Judas, foram com ele àquele jardim. Judas estava ausente, preparava o processo de traição.

Por trinta moedas de prata ele o entregaria no momento certo, distante da multidão e de qualquer tumulto. Cristo, para nossa surpresa, facilitou a traição e, conseqüentemente, sua prisão. Por um lado, sua morte seria produzida pela vontade dos homens, pois esses jamais aceitariam a sua revolução interior, mas, por outro, era uma realização da vontade do Pai.

Judas tinha andado com o seu mestre, mas não o conhecia. Ouvia as suas palavras, mas elas não penetravam nele, pois não sabia se colocar como aprendiz. Não há pessoas desinteligentes, mas pessoas que não sabem ser um aprendiz. Ele não precisava sujar suas mãos, pois era o desejo de Jesus morrer pela humanidade. Sem qualquer resistência, ele se entregaria na festa da páscoa. Judas cometeu uma das mais graves traições da história. Por quanto ele o traiu? Por trinta moedas de prata, que na época representavam apenas o preço de um escravo. Nunca alguém tão grande foi traído por tão pouco. O homem que abalou o mundo foi traído pelo preço de um escravo... Três amigos em particular

Apesar de todos os seus discípulos terem ido com ele para o Getsêmani, Jesus chamou em particular Pedro, Tiago e João para revelar não o seu poder, mas a sua dor, o lado mais angustiante de sua humanidade. Não revelou a todos os seus discípulos a sua angústia, mas a três em particular. Os demais discípulos, bem como o mundo, conheceram a dor de Cristo pelo depoimento desses três amigos. A atitude dele indicava que existia diferente grau de intimidade com os discípulos. O comportamento de Cristo evidencia que ele amava intensamente

todos os seus discípulos. Ele declarava continuamente que os amava. Numa época em que os homens pegavam em armas para se defender, em que havia escravos por toda parte e as relações sociais eram pautadas pela frieza, apareceu um homem incomum, cujos lábios não se cansavam de dizer: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”52. Muitos pais amam seus filhos e vice-versa, mas não têm canal de veiculação deste amor. Não conseguem dialogar abertamente e ser amigos uns dos outros. No velório de um deles, as lágrimas que derramam denunciam que um não vive sem o outro, porém, infelizmente, morrem sem declarar que se amam, morrem sem nunca ter dito “eu preciso de você”, “você é especial para mim”. Jesus, sem qualquer inibição, declarava seu amor pelas pessoas, mesmo que não tivesse grandes laços com elas. Se aprendêssemos a elogiar as pessoas que nos rodeiam e a declarar nossos sentimentos por elas, como o poeta de Nazaré nos ensinou, tal atitude, por si só, já causaria uma pequena revolução em nossas relações sociais.

O mestre, por amar igualmente os seus discípulos, dava a todos a mesma oportunidade para que fossem íntimos dele, mas nem todos se aproximavam da mesma maneira, nem todos ocupavam o mesmo espaço. Ao que tudo indica, Pedro, Tiago e João eram os três discípulos mais íntimos de Cristo. Aqui farei uma pequena síntese da personalidade deles. Quando estudarmos o perfil psicológico dos amigos de Cristo, no próximo livro, entraremos em mais detalhes sobre a personalidade de cada um. Pedro errava muito, era rápido para reagir e lento para pensar. Era intempestivo e geralmente impunha suas idéias. Entretanto, aproveitava as oportunidades para ser amigo de Cristo, estava sempre próximo dele. Queria até mesmo protegê-lo, quando na realidade era o próprio Pedro que precisava de proteção. Apesar dos transtornos freqüentes causados por Pedro, ele amava o seu mestre e era o que tinha mais disposição para agradá-lo e servi-lo. Jesus o conhecia profundamente, sabia das suas intenções, por isso, em vez de se irar com ele, o corrigia pacientemente e usava cada um dos seus erros para dar preciosas lições a todos os demais. Aliás, paciência era a marca registrada do mestre. Não importava quantas vezes os seus discípulos erravam, nunca perdia a esperança neles. Pedro brilhou na sua história porque aprendeu muito com seus erros. Sua personalidade foi tão lapidada e sua inteligência tão desenvolvida que chegou a escrever duas epístolas contendo grande riqueza poética e existencial, o que é magnífico para alguém que foi desprovido de qualquer cultura clássica.

João era considerado o discípulo amado. Talvez fosse o mais jovem e, sem dúvida, o mais afetivo deles. Não há indícios de que Cristo o amasse mais do

que os demais discípulos, mas há indícios de que João expressava mais seu amor pelo seu mestre. Apesar de João ser conhecido como o apóstolo do amor, ele não era tão polido na sua juventude, tinha um lado agressivo e radical. Ele e seu irmão Tiago eram chamados pelo mestre de “filhos do trovão” devido à impetuosidade com que reagiam. Não se comenta muito de Tiago nas biografias de Cristo, mas pelo fato de ser irmão de João, onde João estava,Tiago também devia estar. Assim, ele também conquistou maior intimidade com o mestre. A conclusão a que chegamos é que os amigos mais próximos de Cristo não eram os mais perfeitos nem os mais eloqüentes, mas os que mais aproveitavam as oportunidades para ouvi-lo, para penetrar em seus sentimentos e para expor as suas dúvidas. Hoje, muitos querem a perfeição absoluta, mas se esquecem das coisas mais simples que o mestre valorizava e que financiava a intimidade com ele: um relacionamento íntimo, aberto, espontâneo, ainda que acompanhado de erros e dificuldades. Quem mais cometia erros: Judas ou Pedro, João ou Tiago? Judas devia ser o mais moralista e o mais bem-comportado dos discípulos 53. Entretanto, seu moralismo era superficial, pois de fato ele estava preocupado mais com seu bolso e interesses pessoais do que com os outros. Nos textos das biografias de Jesus, há poucos relatos sobre Judas expondo seus comportamentos. Ele não aparece, como os três amigos íntimos de Jesus, competindo e errando. Todavia, ele escondia sua verdadeira face atrás do seu bom comportamento.

O que é melhor: manter um moralismo superficial e maquiar os comportamentos ou expor os pensamentos e sentimentos, ainda que imaturos e saturados de erros? Para o mestre, sábio não era aquele que não errava, mas o que reconhecia seus erros. Por isso, ele declarou a um dos fariseus que aquele que mais errou foi o que mais o amou.

Pedro, Tiago e João, apesar de errarem muito, conquistaram a tal ponto a intimidade do seu mestre que ele lhes expôs aquilo que estava represado no âmago do seu ser. Ao ouvi-lo, eles ficaram surpresos com a dimensão da sua dor.

Vivendo a arte da autenticidade e procurando amigos íntimos

Cristo, durante a sua vida, mostrou um poder fora do comum. Suas palavras deixavam extasiadas as multidões e atônitos os seus opositores. Ao se pronunciar no Jardim do Getsêmani, mostrou uma face que os discípulos nunca pensavam ver, a face da sua fragilidade. Nós temos comportamentos opostos. Temos uma necessidade paranóica de que as pessoas conheçam os nossos sucessos e nos

aplaudam, mas ocultamos nossas misérias, não gostamos de mostrar nossas fragilidades. O mestre teve a coragem de confessar aos seus três íntimos amigos aquilo que estava contido dentro de si. Ele disse com todas as letras: “A minha alma está profundamente triste até a morte”54. Como pode alguém tão forte, que curou leprosos, cegos e ressuscitou mortos, relatar que estava envolvido numa profunda angústia? Como pode alguém que não teve medo de ser politraumatizado por apedrejamento dizer, agora, que sua alma estava profundamente deprimida até a morte?

Os discípulos estavam acostumados à fama e ao poder do mestre, mas agora ficaram drasticamente abalados com a sua dor e fragilidade. Nunca esperavam que ele dissesse tais palavras. Eles consideravam Jesus mais do que um super-homem, alguém que tinha a natureza divina. No conceito humano, Deus não sofre, não tem medo, não sente dor nem ansiedade e, muito menos, desespero. Deus está acima dos sentimentos que perturbam a humanidade. Contudo, apareceu na Galiléia alguém que proclama com todas as letras ser o próprio filho de Deus e que tanto ele como seu Pai têm emoções, ficam preocupados, amam cada ser humano em particular. O pensamento de Jesus revolucionou o pensamento dos judeus que adoravam um Deus inatingível, imarcescível. Os discípulos também tiveram seus paradigmas religiosos rompidos. Eles não conseguiam entender que aquele que consideravam o filho de Deus estava revestido da natureza humana, que ele era um homem genuíno.

Os discípulos não tinham consciência de que o mestre seria condenado, ferido e crucificado não como o filho de Deus, mas como o filho do homem. Todo o sofrimento que Cristo passou foi como homem, um homem como qualquer outro. Os açoites, os espinhos e os cravos da cruz penetraram num corpo físico humano. Ele sentiu as dores como qualquer ser humano sentiria se passasse pelos mesmos sofrimentos.

Durante anos, aqueles jovens galileus contemplaram o maior espetáculo da terra. Viveram com uma pessoa que os protegeu, consolou e cuidou. Andaram com uma pessoa com poderes sobrenaturais. Um dia, uma viúva da cidade de Naim perdeu seu único filho. Ela estava chorando inconsolada seguindo o cortejo fúnebre desse filho. Cristo olhou para as suas lágrimas e ficou profundamente sensibilizado com sua dor e solidão. Então, sem que ela soubesse quem ele era, parou o cortejo e tocou o esquife em que jazia o seu filho e o ressuscitou.

As pessoas ficaram espantadas com o que ele fez, nunca tinham ouvido falar de

alguém que tivesse tal poder. Quinze minutos em que o cérebro fica sem irrigação sangüínea é suficiente para causar lesões irreversíveis na memória, causando grandes prejuízos para a inteligência. O filho daquela mulher já

estava morto há horas, entretanto ele o ressuscitou. Que poder tinha este homem para realizar esse extraordinário feito?

Os discípulos estavam delirando quando escreveram sobre este milagre ou de fato ele o realizou?

Isso entra na esfera da fé, o que não é objeto deste livro. Contudo, no livro anterior, defendi uma importante tese psicológica evidenciando que não seria possível a mente humana criar um personagem com as características de personalidade como a de Jesus, pois ela foge aos limites da previsibilidade lógica. Portanto, apesar de ser possível rejeitar tudo o que ele foi e propôs ao homem, se analisarmos sua personalidade nos convenceremos que, de fato, ele andou e respirou nesta terra. No Getsêmani, Jesus teve gestos inesperados. Como pode alguém que é o portador de um poder jamais visto em toda a história da humanidade, ter a coragem de dizer que sua alma estava profundamente triste? Como pode alguém que se colocou como Deus eterno e infinito, precisar de amigos mortais e finitos para declarar sua dramática angústia? Que homem na história reuniu essas características diametralmente opostas em sua personalidade?

Os discípulos, encantados com o poder de Cristo, jamais pensaram que ele sofreria e precisaria de algo deles. Então, de repente, o mestre não apenas comentou que estava profundamente triste, mas que gostaria da companhia e da oração deles naquele momento. Jesus Cristo viveu na plenitude a arte da autenticidade. Os discípulos pasmados não entenderam nem suportaram a sinceridade do seu mestre. Jesus não escondia seus sentimentos mais íntimos, enquanto nós os represamos. Somos impiedosos e autopunitivos conosco. Parece que não podemos falhar, fragilizar, errar. Alguns jamais expõem seus sentimentos. Ninguém os conhece por dentro, seja o cônjuge, filhos e amigos mais íntimos. Eles são um poço de mistérios, apesar de ter a necessidade íntima de dividir suas emoções. O mestre dos mestres da escola da vida deixou-nos um modelo vivo de uma pessoa emocionalmente saudável. Ele se entristeceu ao máximo, mas não teve medo nem vergonha de declarar abertamente as emoções aos seus amigos. Estes registraram em papiros essa característica de sua personalidade e a expuseram ao mundo.

Até hoje, a maioria das pessoas não entende que tal característica reflete uma pessoa encantadora. Somente os fortes conseguem admitir suas fragilidades. Aqueles que são fortes por fora são de fato frágeis, pois se escondem atrás de suas defesas, de seus gestos agressivos, de sua auto-suficiência, de sua incapacidade de reconhecer erros e dificuldades.

O mestre era poderoso, sabia se fazer pequeno e acessível. Posicionava-se como imortal e parecia inabalável, mas, ao mesmo tempo, gostava de ter amigos finitos e de dividir com eles seus sentimentos mais ocultos. Muitos querem ser “deus” ou se comportar como “anjos”, mas Jesus amava os gestos mais simples.

Diversas pessoas, incluindo muitos cristãos, não têm uma vida intelectual e emocional saudável, pois não observam esses princípios. Sofrem intensamente, mas não conseguem admitir seus sofrimentos ou não conseguem ter amigos para dividir seus conflitos. Alguns querem compartilhá-los, mas não conseguem encontrar alguém que os ouça sem preconceitos e sem pré-julgamentos. Algumas se suicidam simplesmente porque não têm um amigo para segredar suas dores. O homem que não tem alguns amigos íntimos, capazes de gostar dele pelo que ele é e não pelo que ele tem, não tem uma das mais ricas experiências existenciais.

Tenho procurado reunir minha esposa e minhas três filhas para falar de nós mesmos. É enriquecedor penetrar no mundo delas e deixá-las falar sobre o que pensam e sentem. É prazeroso dividirmos mutuamente nossos sentimentos e deixá-las apontar quais comportamentos elas gostariam que eu mudasse. Às vezes, peço desculpas às minhas filhas por alguns comportamentos mais ásperos ou porque trabalho muito e não lhes dou a atenção que merecem.

Minha atitude, aparentemente frágil, se torna um poderoso instrumento educacional para que elas aprendam a se interiorizar, pensar nas conseqüências de seus comportamentos e enxergar o mundo também com os olhos do outro. Embora haja muito que caminhar, estas reuniões fazem com que nos apaixonemos cada vez mais uns pelos outros e cultivemos uma amizade mútua. Vivemos ilhados na sociedade. Infelizmente, por participarmos de uma sociedade mutista, muitas pessoas só têm coragem de falar de si mesmas quando estão diante de um terapeuta. Creio que menos de um por cento das pessoas tem amigos com vínculos profundos.

A maioria das pessoas que chamamos de amigos mal conhecem a sala de visita

de nossas vidas, muito menos nossas áreas mais íntimas. Na grande maioria dos casamentos não se encontram amigos. Marido e esposa dormem na mesma cama e respiram o mesmo ar, mas são dois estranhos que pensam que se conhecem bem. Pais e filhos também repetem a mesma história, sendo freqüentemente belos grupos de estranhos.

Não sabemos penetrar nos sentimentos mais profundos das pessoas. Sempre oriento psicólogos e educadores para que nunca deixem de conversar sobre as idéias mais áridas que permeiam as vidas das pessoas, mesmo aquelas ligadas ao suicídio. Aparentemente, parece não ser confortável falar sobre esse assunto, mas dividir os sentimentos é importante e aliviador. Um diálogo aberto pode prevenir o suicídio e traçar algumas estratégias terapêuticas.

Um dia, após proferir uma palestra sobre o funcionamento da mente e sobre as doenças psíquicas, uma coordenadora educacional disse-me, com lágrimas nos olhos, que se tivesse ouvido esta palestra anteriormente teria evitado o suicídio de uma aluna. A aluna queria conversar com ela, mas a coordenadora não pensou que a aluna estivesse tão deprimida, embora revelasse um comportamento estranho. Por isso, deixou para um dia posterior a possibilidade de diálogo. Não deu tempo; a jovem se matou.

Precisamos aprender a penetrar no mundo das pessoas. A arte de ouvir deveria fazer parte de nossa rotina de vida. Todavia, pouco a desenvolvemos. Somos ótimos para julgar e apontar o dedo para a falha dos outros, mas péssimos para ouvi-los e acolhê-los. Para desenvolver a arte de ouvir é preciso ter sensibilidade, é preciso ouvir aquilo que as palavras não dizem, é preciso escutar o silêncio... O mestre de Nazaré sabia tanto ouvir como falar de si mesmo. Ao expor a sua dor, estava treinando seus discípulos a serem abertos e autênticos uns com os outros, a dividirem as suas angústias, a aprenderem a arte de ouvir. Por amar aqueles jovens galileus, ele não se importou em usar a própria dor como instrumento pedagógico para conduzi-los a se interiorizar e construir uma vida saudável e sem representação.

Cristo não buscava heroísmos

Qualquer pessoa que quisesse fundar uma religião ou ser um herói nos anais da história esconderia os sentimentos que Cristo expressou no jardim do Getsêmani. Isso demonstra que, de fato, ele não queria fundar uma nova religião que competisse com as outras. Suas metas eram superiores. Como disse, ele queria

redimir o homem e introduzi-lo na eternidade. Não buscava heroísmo, mas simplesmente cumprir aquilo para que estava designado, cumprir seu projeto transcendental. O momento crucial desse projeto chegou: beber o seu cálice, atravessar o seu martírio. Naquele escuro jardim, ele precisava se preparar para suportar essa tormenta. Nesse processo de preparação, ele revela a sua dor e começa a dialogar sobre ela com o Pai. Foi somente aí que os seus amigos começaram a perceber que sua morte estava mais próxima do que imaginavam.

Alguns, por analisar superficialmente os pensamentos e as reações de Cristo na noite em que foi preso, vêem ali fragilidade e recuo. Eu vejo ali a mais bela poesia da liberdade, resignação e autenticidade. Tinha liberdade de omitir seus sentimentos, mas não o fez. Nunca alguém tão grande foi tão autêntico.

A partir de agora analisarei passo a passo todas as etapas de sofrimentos vividas por Cristo até a sua morte clínica. No próximo capítulo, estudaremos o primeiro grupo de sofrimentos, que foi aquele causado pelos seus discípulos. No capítulo 8, analisarei o estado de tristeza vivenciado por Cristo e o seu surpreendente pedido ao Pai para afastar de si o seu cálice.

C A P Í T U L O 7

A DOR CAUSADA PELOS

SEUS

AMIGOS

Não confortado pelos amigos

O cálice de Cristo se constitui de dezenas de sofrimentos, iniciados no jardim do Getsêmani até ao Gólgota, local da crucificação. Neste livro, estudaremos as dores que vivenciou no Getsêmani, à exceção da negação de Pedro. No próximo, analisaremos todas as etapas do seu julgamento e de sua crucificação. Qual foi o primeiro tipo de sofrimento que ele experimentou? Foi o causado pelos seus três amigos. A dor mais aguda é causada pelas pessoas que mais amamos. No ápice da sua dor o mestre pediu o conforto e a companhia de Pedro, João e Tiago, mas eles não conseguiram retribuir-lhe o pedido. Ele não apenas lhes disse: “A minha alma está profundamente triste até a morte”. Mas também emendou:

“Ficai aqui e vigiai comigo”55.

Nunca esperavam que ele declarasse que estava triste, nem jamais pensaram que um dia o mestre, tão forte e inabalável, precisasse de companhia. Estudaremos aqui qual o resultado daquele que viveu a arte da autenticidade, qual o resultado da sua declaração e do seu pedido aos discípulos. Ao ouvir tais palavras e observar o semblante angustiado do mestre, aqueles jovens galileus ficaram profundamente estressados e, conseqüentemente, mergulharam num estado de sonolência. O stress intenso rouba energia do córtex cerebral, energia esta que será usada nos órgãos da economia do corpo, por exemplo, a musculatura. O resultado desse roubo de energia é um cansaço físico exagerado e inexplicável. Grande parte das pessoas ansiosas e deprimidas ou que tem trabalho intelectual intenso vive essa sintomatologia. Por pensarem e se estressarem muito, estão sempre roubando energia do cérebro, por isso estão continuamente fatigadas e não sabem o motivo. Não fizeram exercício físico, mas estão sem energia. Quando a fadiga é intensa, gera-se uma sonolência, que é um recurso de defesa cerebral, pois dormindo repomos a energia biopsíquica. Lucas, autor do terceiro evangelho, era um excelente médico. Sua característica fundamental era ser detalhista. De origem provavelmente grega, devia ter herdado a capacidade de

observação do pai da medicina, Hipócrates. Talvez tenha sido um dos primeiros médicos que viu a correlação entre a mente e o corpo. Lucas disse: “Eles dormiam de tristeza”56.

Discorreu que o sono dos discípulos estava ligado a um estado de ansiedade e humor triste. Inferiu que aquele sono não era fisiológico, natural, mas decorrente do fato de não suportarem a dor do mestre, de não aceitarem a sua separação. Com essa constatação, inaugurou a medicina psicossomática, pois há

tantos séculos já sabia das manifestações da psique ansiosa no soma (organismo), já conhecia algumas conseqüências do stress. O sono dos discípulos era uma grande defesa inconsciente. Uma defesa que objetivava evitar vislumbrar a agonia do mestre e, ao mesmo tempo, repor a energia cerebral consumida excessivamente pelo processo de hiperaceleração de pensamentos e tensão. Pedro, Tiago e João eram homens fortes, acostumados a passar a noite no mar. Dificilmente algo os abalava. Todavia, Jesus cruzou com a história deles e os fez enxergar a vida em outra perspectiva. O

mundo passou a ter uma nova dimensão. O mestre de Nazaré lhes havia ensinado a arte de amar e discursado amplamente sobre um reino onde não mais haveria morte, dor ou tristeza. Entretanto, quando ele disse que sua alma estava profundamente angustiada, uma avalanche de idéias negativas solapou a mente dos discípulos. Parecia que o sonho tinha acabado. Os olhos deles ficaram “pesados”, mergulharam num sono incontido.

Após ter dito essas palavras, Jesus se afastou algumas dezenas de metros dos seus amigos e foi orar só. Queria se interiorizar, orar e refletir sobre o drama que passaria. Passada a primeira hora de oração, veio ver os seus, mas os achou dormindo. Apesar de frustrado, não foi intolerante com eles. Acordou-os afavelmente. É difícil entender tamanha gentileza diante de tanta frustração. Deveria ter ficado irritado com eles e censurar-lhes a fragilidade, mas foi amável. Provavelmente nem queria despertá-los, mas precisava treiná-los para enfrentar as dificuldades da vida, queria fazê-los fortes para lidar com as dores da existência.

Muitos de nós somos intolerantes quando as pessoas nos frustram. Não toleramos seus erros, não aceitamos suas dificuldades nem a lentidão em aprender determinadas lições. Esgotamos nossa paciência quando os comportamentos delas não correspondem às nossas expectativas. O mestre era

diferente, nunca desanimava dos seus amados discípulos, nunca perdia a esperança neles, ainda que o decepcionassem intensamente. Com o mestre da escola da vida, aprendemos que a maturidade de uma pessoa não é medida pela cultura e eloqüência que possui, mas pela esperança e paciência que transborda, pela capacidade de estimular as pessoas a usarem os seus erros como tijolos da sabedoria. Ao despertá-los disse a Pedro: “Nem por uma hora pudeste vigiar comigo?”57. É como se ele quisesse dizer ao seu ousado discípulo: “Você me disse, há algumas horas, que se fosse necessário até

morreria por mim. Entretanto, só pedi para você ficar junto comigo na minha dor e você nem por uma hora conseguiu?”. Pedro podia estar indagando: “Eu mais uma vez decepcionei o mestre e ele mais uma vez foi gentil comigo. Eu mereceria ser repreendido seriamente, mas ele apenas me levou a repensar minhas limitações...”. Após ter dito isto, retornou à viagem que fazia ao seu próprio interior. Foi novamente orar.

O sono que abateu os discípulos foi a primeira frustração de Cristo. Deu muito aos discípulos, mas nunca havia pedido nada para si. Na primeira vez em que lhes pediu algo, dormiram. Não pediu muito, apenas que ficassem junto dele na sua dor. Entretanto, no momento em que mais precisava de seus amigos, eles estavam fora de cena. No único momento que requereu que fossem fortes, eles foram vencidos pelo stress.

Na segunda hora, ele foi novamente até seus discípulos e outra vez os achou dormindo. Mas dessa vez nada lhes disse, apenas os deixou continuarem seu sono. Solitário, foi em busca do seu Pai. Na terceira hora, algo aconteceu. O momento de ser preso chegara.

Golpeado pela traição de Judas

A noite na qual o mestre foi preso foi a mais angustiante de sua vida. Foi a noite em que um dos seus amados discípulos resolvera traí-lo. Era uma noite densa. Ele estava orando continuamente e esperando o momento de ser preso. De repente, pressentindo que a hora havia chegado, acordou definitivamente os seus amigos e disse-lhes: “É chegada a hora, eis que o traidor se aproxima”58. Se o leitor analisar atentamente essa frase, verá que ela carrega um sabor amargo nas entrelinhas. Não disse: “Eis que uma escolta de soldados se aproxima”, mas “Eis que o traidor se aproxima”. Por que não apontou a escolta de soldados aos seus sonolentos discípulos, já que ela é que estava cumprindo as ordens do sinédrio?

Porque embora a escolta viesse com armas e o prendesse com violência, a dor que estava sentindo pela traição de Judas era maior do que a da agressividade de centenas de soldados. A dor provocada por Judas Iscariotes feria a sua alma e a dor provocada pelos soldados do sinédrio machucava o seu corpo. Ele só não foi mergulhado num mar de frustração porque protegia sua emoção e não esperava muito das pessoas pelas quais ele se doava. Por isso, logo se refazia. Não é a quantidade dos estímulos estressantes que nos faz sofrer, mas a qualidade deles. A dor da traição é indescritível. O mestre sempre tratou Judas com amabilidade. Nunca o expôs publicamente. Nunca o desprezou nem o diminuiu diante dos demais discípulos, embora soubesse das suas intenções. Se estivéssemos no lugar de Jesus e soubéssemos que Judas nos trairia, nós o teríamos exposto publicamente e banido-o da comunidade dos discípulos. Ele jamais faria parte de nossa história de vida, pois quem consegue conviver com um traidor?

Cristo conseguiu. Sabia que havia um traidor no meio dos discípulos, mas o tratou com dignidade e nunca o excluiu. Sua atitude é impensável. Ele nem mesmo impediu a traição de Judas, apenas o levou a repensar sua atitude. Que estrutura emocional escondia-se dentro deste mestre da Galiléia para que ele suportasse o insuportável? Muitas ONGs (Organizações Não-Governamentais) lutam para extinguir os crimes contra a consciência e para preservar os direitos humanos, mas Jesus foi muito mais longe. Não apenas acolheu leprosos, cuidou das prostitutas e respeitou os que pensavam contrariamente a ele, mas também chegou ao cúmulo de ser afetivo com seu próprio traidor.

Não poucas pessoas excluem de suas vidas determinados parentes, amigos e até filhos por sentiremse agredidos pelos seus comportamentos. Não toleram minimamente as pessoas que os ofendem ou os contrariam, mas o mestre de Nazaré era diferente, ele de fato foi o mestre da tolerância e da solidariedade. Ele não se deixava ser invadido pelas contrariedades. Conseguia filtrar as ofensas e agressividades dirigidas a ele, o que o tornava livre no território da emoção. Assim, ele podia amar as pessoas. Portanto, amá-las não era um sacrifício para ele, mas um exercício do prazer. Muitos não têm filtro emocional. Viver em sociedade é um problema para eles, pois, como é

impossível evitar todas as contrariedades e atritos interpessoais, estão sempre angustiados. Muitos fazem de sua emoção uma lata de lixo. Tudo o que fazem a eles é comprado por um preço caro. Angustiados, não conseguem amar os outros nem a si mesmos.

É menos traumático viver com mil animais do que com um humano. Todavia, apesar de a convivência social ser uma fonte de stress, não conseguimos viver ilhados, pois não suportamos a solidão. Nunca houve tanta separação de casais como atualmente. Entretanto, nem por isso as pessoas deixam de se unir, de se casar. O mestre de Nazaré, por ter um excelente filtro emocional, tinha prazer em conviver com as pessoas, ainda que o decepcionassem com freqüência. Ele amava o ser humano independente dos seus erros e da sua história.

Alguns administradores públicos, ao tomar posse, dizem por meio das palavras ou gestos:

“esqueçam o que eu disse”. Em algumas situações, é possível que a governabilidade política não seja compatível com o discurso das idéias. Com o mestre não era assim. Se houve uma pessoa que proferiu um discurso em sintonia com a sua prática, essa pessoa foi Jesus Cristo. Ele discursou: “Amai vossos inimigos”, e os amou até o fim. Por isso teve o desprendimento de chamar seu traidor de amigo no momento da sua traição.

O compromisso primordial de Jesus era com a sua consciência, e não com o ambiente social. Não distorcia seu pensamento nem procurava dar respostas para agradar as pessoas que o circundavam. Por ser fiel à sua consciência, freqüentemente envolvia-se em embaraços e colocava sua vida em grave perigo. Considerava a fidelidade à sua consciência mais importante do que qualquer tipo de acordo escuso ou dissimulação de comportamento.

Aquele que foi fiel à sua consciência e que ensinou seus discípulos a andarem altaneiramente no mesmo caminho recebeu um golpe pelas costas. Judas não aprendeu essa lição, foi infiel à sua consciência. A traição de Cristo foi o segundo sofrimento pelo qual ele passou. O seu cálice não começou na cruz, mas no jardim do Getsêmani.

Todos o abandonam

Agora chegamos ao terceiro tipo de sofrimento vivido por Cristo. Após Judas tê-lo traído com um beijo, ele foi preso. Quando Cristo foi preso, todos os seus discípulos o abandonaram. Ele já previra esse episódio. Disse-lhes: “Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão”59. Imagine as longas caminhadas que ele fez com seus discípulos. Quantas vezes não subiram com ele ao monte das Oliveiras ou de dentro de um barco à beira da praia o ouviram ensinar às multidões com

palavras eloqüentes e estridentes. Quantas vezes os discípulos, impelidos pela fama de Jesus, não disputaram entre si quem seria o maior entre eles na vinda do seu reino, que muitas vezes pensaram que se tratasse de um reino terreno. Diante de tanta glória desfrutada pelo carpinteiro de Nazaré, somente uma reação era esperada dos seus jovens seguidores: “jamais te abandonaremos”60. É fácil apoiar alguém forte. É fácil dar crédito a alguém que está no ápice da fama. Mas a fama é

uma das mais sedutoras armadilhas da modernidade. Muitos se entusiasmam com o ribombar dos aplausos, mas com o passar do tempo acabam tendo a solidão como a sua mais íntima e amarga companheira. Precisam sempre ter alguém ao seu lado, pois não sabem conviver consigo mesmos. Cristo sabia que um dia todos os discípulos o deixariam só. Não adiantava dizerem que jamais o abandonariam, pois ele sabia que no momento em que deixasse de usar o seu poder e fosse tratado como um criminoso, eles o deixariam. De fato, nesse derradeiro momento, ninguém foi intrépido a ponto de ficar com ele.

Todos aqueles jovens galileus que aparentemente eram tão fortes ficaram fragilizados. Foram vencidos pelo medo. Entretanto, o mestre não desistia deles. Tinha planos para eles, por isso seu desafio e objetivo fundamental não era puni-los quando erravam, mas conduzi-los a viajar para dentro de si mesmos e transformá-los interiormente.

Jesus não caminhava pelas avenidas do certo e errado, pois compreendia que a existência humana era muito complexa para ser esquadrinhada por regras comportamentais e leis. Por isso, veio não apenas para cumprir a lei mosaica, mas para imergir o homem na lei flexível da vida. Disse aos homens de Israel: “Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás... Eu porém vos digo que todo aquele que se irar contra o seu irmão estará sujeito a julgamento”61. Também disse muitas coisas relativas à mudança interior como: “Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita”62. Queria eliminar a maquiagem social. Desejava que as atitudes feitas em secreto fossem recompensadas por Deus que vê em secreto e não pelos homens.

Moisés veio com o objetivo de corrigir as rotas exteriores do comportamento, mas Cristo tinha vindo com o objetivo de corrigir o mapa do coração, o mundo dos pensamentos e das emoções. Tinha vindo para produzir uma profunda revolução na alma e no espírito humano. Mesmo com a rejeição dos discípulos, essa revolução ainda estava ocorrendo dentro deles. O germe do amor e da

sabedoria estava sendo cultivado naqueles galileus, ainda que suas atitudes não demonstrassem e ninguém pudesse perceber.

Pedro o nega

Agora chegamos ao quarto e último sofrimento causado pelos amigos de Cristo. Pedro, o mais atirado dos discípulos, o negou três vezes. Vejamos.

Pedro havia declarado que, se necessário, morreria com ele. No entanto, sabia que a estrutura emocional dele, como a de qualquer um que está sob risco de vida, é flutuante, instável. Compreendia as limitações humanas.

Pedro tinha uma personalidade forte. Era o mais ousado dos discípulos. Todavia, a coragem de Pedro não se apoiava apenas na sua própria personalidade, mas também na força do seu mestre. Esse pescador viu e ouviu coisas inimagináveis, coisas que jamais sonharia ver e ouvir. Pedro não era apenas um pescador, mas um líder de pescadores. Fazia o que lhe vinha à cabeça. Era forte para amar e rápido para errar.

Jesus foi um grande acontecimento em sua vida. Ele deixou tudo para segui-lo. O preço para seguilo era mais alto do que o pago pelos demais discípulos, pois ele era casado e tinha responsabilidades domésticas. Mas não titubeou. Ao conhecer o mestre, ele reorientou a sua história, repensou seu individualismo e começou a recitar a intrigante poesia do amor que ouvia. Pedro, de fato, entregou a sua vida para o projeto do mestre.

O caráter de Pedro se distinguia dos demais. Ele expressava seus pensamentos ainda que eles causassem transtornos aos que o rodeavam. Ao ver o poder de Jesus, ao constatar que o medo não fazia parte do dicionário de sua vida e que ele era capaz de discorrer suas idéias até no território dos seus inimigos, seu caráter, que já era forte, cresceu mais ainda. Pedro talvez pensasse: “Se até o vento e o mar lhe obedecem, quem pode deter este homem? Ele é imbatível. Portanto, se for necessário, eu enfrentarei seus inimigos junto com ele e de peito aberto, pois certamente algum milagre ele fará para nos livrar da dor e da morte”63.

Como disse, é fácil ser forte perto de uma pessoa forte, é fácil se doar para quem não está

precisando, mas é difícil estar ao lado de uma pessoa frágil. No momento em que

Cristo se despojou de sua força e se tornou simplesmente o filho do homem, o Pedro forte desapareceu. No momento em que Cristo manifestou sem rodeios a sua angústia, ninguém se candidatou, nem mesmo Pedro, para estar ao seu lado.

Na sua última ceia, Cristo comentou que, enquanto ele estava presente, os discípulos estavam protegidos e, portanto, não precisavam de “bolsa e espada”. Mas após ser preso, eles precisariam desses elementos. Cristo não se referia à bolsa e à espada física, pois era a própria bandeira da antiviolência. Queria dizer que, após ser preso e morto, eles deveriam cuidar mais de si mesmos, pois teriam de enfrentar as turbulências da vida, inclusive as perseguições que tempos depois sofreriam. Como ainda não conseguiam entender a linguagem do mestre, disseram-lhe: “Senhor, temos aqui duas espadas”64. Cristo mais uma vez tolerou a ignorância deles. Silenciou-os dizendo: “Basta!”. Quando Pedro viu o semblante triste, a respiração ofegante e o corpo suado de Jesus na noite em que foi preso, ele ficou profundamente abalado. Pela primeira vez, a sua confiança se evaporava. Talvez pensasse: “Será que tudo o que vivi foi uma miragem, um sonho que se transformou em pesadelo?”. Pedro andou por mais de mil dias com seu mestre, nunca havia visto qualquer sinal de fragilidade nele. Ele, ao contrário do que muitos pensam, não começou a negar a Jesus no pátio do sinédrio, mas no jardim escuro do Getsêmani. Entretanto, creio que se estivéssemos em seu lugar ficaríamos igualmente perturbados e, provavelmente, negaríamos o mestre se as mesmas condições fossem reproduzidas. Ao ouvir as palavras e ao ver o semblante sofrido do mestre, Pedro estressou-se intensamente. Dormiu e não esteve junto dele na sua dor. Entretanto, acordado pela prisão do mestre, resolveu resgatar a sua dívida. Foi clandestinamente ao pátio do sinédrio. Mas ele já estava tenso e fatigado. No pátio, ficou estarrecido diante do espancamento que o mestre sofria. Nunca ninguém lhe havia tocado um dedo, mas agora os homens esmurravam o seu corpo, esbofeteavam a sua face e cuspiam em seu rosto. Que cena chocante Pedro observava! Aquela cena abalou as raízes do seu ser, perturbou sua capacidade de pensar e decidir. Interrogado por simples servos, ele insistentemente afirmou: “Não conheço este homem”65.

Jesus sabia que seu amado discípulo estava lá assistindo ao seu martírio. Sabia que, enquanto estava sendo impiedosamente ferido pelos seus opositores, Pedro o estava negando. Na minha análise, tenho procurado compreender quais feridas machucaram-no mais: a imposta pelos homens do sinédrio ou aquela produzida por seu amigo Pedro. Uma lhe causava hematomas no corpo e a outra lhe golpeava a emoção.

Creio que a atitude de Pedro, de ter vergonha do mestre, de negar tudo que viu e viveu com ele, abriu, naquele momento, uma vala mais profunda na alma de Jesus do que a causada pelos soldados. No entanto, Cristo amava intensamente Pedro e conhecia o cerne do seu ser. O amor do mestre de Nazaré pelos seus discípulos é a mais bela e ilógica poesia existencial já vivida por um homem. Pedro podia excluir Jesus de sua história, mas Jesus jamais o abandonaria, pois o considerava insubstituível. Nunca alguém amou e se dedicou tanto a pessoas que o frustraram e lhe deram tão pouco retorno.

Quatro objetivos ao prever os

erros dos discípulos

Toda vez que Cristo previa um acontecimento frustrante relacionado a seus discípulos, tinha pelo menos quatro grandes objetivos. Vejamos.

Primeiro, aliviar a sua própria dor. Prevendo antecipadamente a frustração, ele adquiria defesa emocional para se proteger quando ela ocorresse. Ao ser abandonado pelos discípulos, ele não foi pego de surpresa. Amava e se doava pelo ser humano, mas não esperava muito deles. Nada preserva mais a emoção do que diminuir a expectativa que temos das pessoas que nos circundam. Toda vez que esperamos demais delas temos grandes possibilidades de cair nas raias da decepção. Ver todos os seus discípulos tendo vergonha dele e fugindo de medo como frágeis meninos era uma cena difícil de suportar. Contudo, pelo fato de ter previsto o comportamento deles, já havia se preparado para aceitar esse abandono e solidão. Como sabia que os discípulos o abandonariam? Independente da condição sobrenatural que expressava ter de prever fatos, ele era alguém que conseguia compreender as reações mais ocultas no cerne da inteligência, por isso sabia que seus discípulos seriam subjugados pelo medo, não conseguiriam gerenciar os pensamentos nos focos de tensão. Segundo, objetivava não desanimá-los, mas prepará-los para continuar suas histórias. O mestre, ao prever que Pedro o negaria e que os discípulos o abandonariam, queria mostrar que não exigia nada deles. Podia exigir, pois ensinou durante três anos e meio lições incomuns, mas não o fez. Por ser o mestre dos mestres da escola da vida, ele sabia que superar o medo, vencer a ansiedade e trabalhar as dores da existência eram as mais difíceis lições de vida.

O período que ficou com seus discípulos era insuficiente para que eles aprendessem tais lições, por isso o mestre tinha a esperança de que a semente

que havia plantado dentro deles germinasse e se desenvolvesse durante todas as suas trajetórias de vida.

Terceiro, queria mostrar aos seus amigos que eles não conheciam a si mesmos e que precisavam amadurecer. Pedro afirmou categoricamente que jamais o abandonaria e todos os discípulos também fizeram um pacto de amor. Cristo era profundamente sábio, pois sabia que o discurso deles era incompatível com a prática. Tinha plena consciência de que o comportamento humano muda diante dos estímulos estressantes. Em alguns casos, engessamos tanto a inteligência que travamos a capacidade de pensar, por isso temos uma sensação de “branco” na memória.

O mestre dava a entender, em diversos textos dos evangelhos, que conhecia intimamente a dinâmica da inteligência; que, sob ameaças, a leitura da memória fica restringida e que as reações traem as intenções. De fato, somos amantes da serenidade quando estamos tranqüilos, mas, quando angustiados, vivemos um cárcere emocional. Temos grandes dificuldades de organizar os pensamentos e reagir com lucidez e segurança.

O mestre usou a própria dor que os discípulos lhe causariam para conduzi-los a se interiorizar e expandir-lhes a compreensão da vida. Que mestre sacrificou tanto para ensinar aos seus discípulos? Ele os amava intensamente. Nunca os abandonaria, mesmo que eles o abandonassem. Quarto, queria prepará-los para que não desistissem de si mesmos, independente dos seus erros. Objetivava que não mergulhassem na esfera do sentimento de culpa e do desânimo. Sabia que eles ficariam angustiados quando caíssem em si e percebessem que o tinham rejeitado. Ao prever o comportamento de todos em geral (abandono), de Judas (traição) e de Pedro (negação) em particular, queria acima de tudo protegê-los, educá-los e dar-lhes condições para que retomassem o caminho de volta.

Infelizmente, Judas não retornou. Desenvolveu um profundo sentimento de culpa e uma reação depressiva intensa que o levou ao suicídio. Pedro ficou profundamente angustiado, mas retornou, ainda que com lágrimas. Por incrível que pareça, Jesus era tão profundo e preocupado com seus íntimos que cuidava até do sentimento de culpa deles, antes mesmo do seu surgimento. Não creio que tenha havido um homem com preo-cupações tão lúcidas e refinadas como o mestre da Galiléia. Os educadores, os pais e mesmos os executivos das empresas estão preocupados em corrigir erros imediatos, refazer as rotas do comportamento. Jesus, ao contrário, estava preocupado em levá-los a

desenvolver a arte de pensar, ainda que fosse às custas dos mais aviltantes erros. Todavia, antes de eles se sentirem culpados, já preparava o remédio para aliviá-los.

C A P Í T U L O 8

UM CÁLICE

INSUPORTÁVEL:

OS SINTOMAS PRÉVIOS

A ansiedade vital e a ansiedade doentia

Neste capítulo, estudaremos com mais detalhes a emoção de Jesus e seu intenso humor triste vivenciados no Getsêmani. Ele declarou, sem meias palavras, que estava profundamente deprimido. O

que ele realmente estava vivendo: uma doença depressiva ou um estado depressivo momentâneo? Qual a diferença entre ambas situações? Quais eram as características fundamentais da sua emoção? O mestre tinha propensão a ter depressão? Antes de abordar todos esses importantes assuntos, que certamente se tornarão um espelho para compreendermos alguns aspectos do nosso próprio território emocional, gostaria de comentar primeiro sobre a ansiedade vivida por Jesus naquele momento. Vejamos. Muitos pensam, inclusive alguns psiquiatras e psicólogos, que toda ansiedade é doentia. Existe uma ansiedade vital, normal, que anima a inteligência de cada ser humano, e que está presente na construção de pensamentos, na busca do prazer, na realização de projetos. A ansiedade vital estimula a criatividade. Como disse, até Jesus comentou:“Esperei ansiosamente por esta ceia”66. Essa ansiedade normal era fruto da sua expectativa de ver cumprido o desejo do seu coração. A ansiedade só se torna patológica ou doentia quando prejudica o desempenho intelectual e retrai a liberdade emocional. As características da ansiedade mais marcantes são: labilidade emocional (instabilidade), irritabilidade, hiperaceleração de pensamentos, dificuldade de gerenciamento da tensão, déficit de concentração, déficit de memória e o aparecimento de sintomas psicossomáticos. Existem muitos tipos de transtornos ansiosos, como a síndrome do pânico, os transtornos obsessivos compulsivos, a ansiedade generalizada, o stress pós-traumático, as fobias etc. No primeiro livro da série Análise da Inteligência de Cristo, comentei que o mestre de Nazaré era tão sábio que não requereu que os seus discípulos fossem desprovidos de

qualquer tipo de ansiedade. Solicitou, sim, que não andassem ansiosos. Entre as causas fundamentais que ele apontou sobre a ansiedade doentia estão os problemas existenciais e a postura de gravitar em torno dos pensamentos antecipatórios.

O mestre desejava que eles valorizassem aquilo que o dinheiro não compra: a tranqüilidade, a solidariedade, o amor mútuo, a lucidez, a coerência, a unidade. Almejava que conquistassem mais “o ser” do que “o ter” e aprendessem a enfrentar os problemas reais do dia-a-dia, e não os problemas imaginários criados no cenário da mente.

O mestre dos mestres da escola da vida, muitos séculos antes do nascedouro da psicologia, vacinava seus discípulos contra a ansiedade doentia, patológica. Infelizmente, até hoje, a psicologia ainda não sabe como produzir uma vacina eficaz contra os transtornos ansiosos e depressivos. A farmacodependência, a violência, a discriminação, os sintomas psicossomáticos, tão abundantes nas sociedades modernas, são testemunhos inegáveis de que as ciências que têm como alvo a personalidade humana, principalmente a psicologia e a educação, ainda são ineficientes para desenvolver as suas funções mais nobres.

Uma “vacina” psicossocial preventiva passa pela produção de um homem seguro, estável, que sabe se interiorizar, se repensar e que gerencia bem seus pensamentos e suas emoções diante das turbulências da vida. A psicologia desprezou Cristo, considerou-o distante de qualquer análise. Contudo, creio que a análise da sua inteligência poderá contribuir significativamente para a produção dessa vacina. Os jovens saem dos colégios e das universidades com diplomas técnicos e com títulos acadêmicos, sabem atuar no mundo físico, mas não sabem atuar no seu mundo, não sabem ser agentes modificadores da sua história emocional, intelectual ou social.

Os discípulos de Cristo não tinham um perfil psicológico e cultural recomendável. Será que é

possível transformar homens rudes, agressivos, sem cultura, que amam estar acima dos outros, que não sabem trabalhar minimamente em equipe, em homens que são verdadeiros vencedores, capazes de brilhar nas áreas mais ricas da inteligência e do espírito humano?

Aparentemente ele foi derrotado, pois os seus íntimos causaram-lhe as suas

primeiras quatro frustrações, mas será enriquecedor um dia publicar a trajetória de vida dos seus discípulos antes e depois da morte do seu mestre. Há dois mil anos o Mestre da Galiléia já praticava a mais bela e eficiente psicologia e educação preventiva.

A ansiedade como doença e como sintoma da depressão

A ansiedade existe tanto como doença isolada quanto como sintoma de outras doenças psíquicas, tais como os transtornos depressivos. Aliás, a ansiedade é um dos principais sintomas da depressão. As pessoas ansiosas freqüentemente apresentam variados graus de hipersensibilidade emocional. Por serem hipersensíveis, qualquer problema ou contrariedade provoca um impacto tensional importante, o que gera um humor instável e flutuante. Num instante estão tranqüilas e noutro se mostram irritáveis, impulsivas e impacientes.

O mestre de Nazaré, apesar de ter atingido o ápice da ansiedade no Getsêmani, não teve como sintomas da depressão a irritabilidade, a hipersensibilidade e a labilidade emocional, mas apenas um estado intenso de tensão, associado a sintomas psicossomáticos. Ele ainda conseguia administrar sua emoção e gerenciar seus pensamentos, o que explica a gentileza e amabilidade expressas no momento em que Judas o traiu e quando os discípulos o frustraram.

No ápice da sua angústia, ele ainda brilhava em sua humanidade. Abatido, ainda cuidava das pessoas e era afetivo com elas. Nunca descarregou sua tensão nas pessoas que o circundavam. Nunca fez delas depósito da sua dor.

Somos iguais ao mestre? Quando estamos ansiosos, qualquer problema vira um monstro. Ficamos instáveis e irritáveis. Nossa gentileza se esfacela, nossa lucidez se evapora, motivo pelo qual agredimos facilmente as pessoas que nos circundam. Alguns, infelizmente, fazem dos seus íntimos um depósito da sua ansiedade. Descarregam neles seu lixo emocional. Praticam uma violência não prevista nos códigos penais, mas que lesa o cerne da alma, o direito personalíssimo ao prazer de viver. A construção de pensamentos do homem Jesus estava hiperacelerada na sua última noite, pois ele não parava de pensar em tudo o que iria viver em seu cálice. Mas não perdeu o controle da sua inteligência, não se afogou nas tramas da instabilidade emocional e da irritabilidade. Lucas descreve que a ansiedade do mestre era tão intensa que produziu importantes sintomas psicossomáticos. Certamente seu coração batia mais rápido e sua freqüência respiratória devia estar aumentada. Enquanto orava,

seus poros se abriam e o suor escorria pelo seu corpo e molhava a terra aos seus pés.

Os sintomas da síndrome do pânico e os da ansiedade do mestre

Cristo teve um ataque de pânico no jardim do Getsêmani? Vamos fazer um breve comentário sobre a síndrome do pânico e analisar as reações emocionais e psicossomáticas que ele teve naquela noite insidiosa.

A síndrome do pânico é uma das doenças psíquicas ansiosas que mais produz sofrimentos na psiquiatria. Atinge pessoas de todos os níveis sociais. O perfil psicológico com propensão para desenvolver a síndrome do pânico se caracteriza por hipersensibilidade emocional, preocupações excessivas com o próprio corpo, supervalorização de doenças, excesso de introspecção, dificuldades em lidar com dores e frustrações, hiperprodução de pensamentos antecipatórios. Tais características são importantes, mas estão exageradas, o que indica que em diversos casos a síndrome do pânico acomete as melhores pessoas da sociedade.

Cristo não tinha perfil psicológico ligado a preocupações exageradas com doenças, com seu corpo, não vivia em função de pensamentos antecipatórios nem era hipersensível. Estudaremos, no final deste livro, que ele conseguia combinar duas características da personalidade quase que irreconciliáveis: a segurança com a sensibilidade emocional.

A síndrome do pânico é classificada como uma doença pertinente ao grupo das ansiedades. Ela é o teatro da morte. Caracteriza-se por um medo súbito e dramático de que se vai morrer ou desmaiar. Esse medo gera uma intensa reação ansiosa que é acompanhada de sintomas psicossomáticos, tais como a taquicardia, aumento da freqüência respiratória, sudorese. É freqüente a impressão de que sofrerá um infarto, por isso os portadores desta síndrome vão de cardiologista em cardiologista procurando se convencer de que não vão morrer.

Imagine se o leitor pensasse com plena convicção que fosse morrer após terminar de ler esta página. Não conseguiria terminar a leitura. Um turbilhão de idéias ligadas ao fim da existência, à solidão fatal, à

perda dos íntimos passaria em sua mente. Além disso, o pavor da morte provocaria uma descarga no seu córtex cerebral, gerando diversos sintomas psicossomáticos, preparando-o para a fuga. É isto o que ocorre no palco da

mente das pessoas que têm ataques de pânico.

Ninguém morre por ter a síndrome do pânico, mas as pessoas sofrem mais do que alguém que realmente está enfartando ou sob o risco real de morrer.

Discordo da posição de muitos neurocientistas que postulam teoricamente que a síndrome do pânico é causada apenas pelo gatilho dos neurotransmissores, tal como a alteração dos níveis de serotonina*. É

possível que haja este gatilho em determinados casos, mas as causas psíquicas e sociais são grandes fatores desencadeantes.

Alguns psiquiatras, desconhecendo a complexidade do funcionamento da mente e não sabendo os limites de um postulado teórico, usam o postulado dos neurotransmissores como se fosse uma verdade científica, desprezando o diálogo com os portadores dessa síndrome, tratando-os apenas com antidepressivos. A solução estritamente química é inadequada.

Os antidepressivos são importantes, mas conduzir a descaracterização do teatro da morte na memória, resgatar a liderança do eu nos focos de tensão e gerenciar os pensamentos de conteúdo negativo, como fez o mestre de Nazaré nos seus momentos mais tensos, são fundamentais para a resolução definitiva da crise. Caso contrário, haverá recorrências, e a fobia social, ou seja, o medo de freqüentar lugares públicos, se instalará nesses pacientes.

Não é um ataque de pânico isolado que determina a síndrome do pânico. É necessário que os ataques se repitam.

Cristo não sofreu um ataque de pânico no jardim do Getsêmani. Ele apresentou diversos sintomas psicossomáticos e uma emoção tensa e angustiada, mas não sentiu medo de morrer. Tanto assim que discursou diversas vezes seus pensamentos no território daqueles que o odiavam, correndo constante risco de morrer.

Naquela noite fatídica, a ansiedade do mestre não se relacionava ao medo da morte, mas ao tipo de morte e à postura que teria de ter em cada uma das etapas do seu sofrimento. Estudaremos que ele discursava com tanta naturalidade sobre a morte que deixava transparecer que ela abriria as janelas de sua liberdade.

As biografias de Cristo indicam que ele fazia muitos milagres, mas não fazia

milagres na alma, na personalidade. O contato com Jesus produzia um imenso prazer e liberdade, uma intensa mudança interior, mas essa mudança precisava criar raízes pouco a pouco nos sinuosos territórios da vida. Caso contrário, ela se tornava superficial e se evaporava no calor do dia, ao se deparar com as dificuldades inevitáveis. Foi com esse objetivo que proferiu a parábola do semeador. A semente que frutificou foi aquela que caiu num solo (alma) que permitiu a criação de raízes. A personalidade precisa de transformação, e não de milagres. Expandir a arte de pensar, aprender a filtrar os estímulos estressantes, investir em sabedoria nos invernos da vida são funções nobilíssimas da personalidade que não se conquistam facilmente, nem em pouco tempo. Se um milagre pudesse expandir a inteligência e resolver os conflitos psíquicos, por que ele não sanou a fragilidade de Pedro, impedindo que ele o negasse, nem evitou o sono estressante dos seus amigos? Notem que até para aliviar a sua própria dor, Cristo evitou milagres.

Gostamos de eliminar rápida e instantaneamente nossos sofrimentos. Mas não temos êxito. Não há

ferramentas para isso. Temos de aprender com o mestre a velejar para dentro de nós mesmos, enfrentar a dor com ousadia e dignidade e usá-la para lapidar a alma.

A arte de ouvir e de dialogar

O mestre interagia continuamente com o seu Pai. Do mesmo modo, ele agia com seus discípulos. As pessoas que conviviam com o mestre tornavam-se saudáveis, aprendiam a se desarmar de sua rigidez e a falar de si mesmas. Ele as irrigava com a arte de ouvir e dialogar e as estimulava a ser caminhantes dentro de si mesmas.

Muitos são ótimos para dar conselhos, mas péssimos para dialogar e ouvir. O diálogo que dizem ter é de mão única, deles para os outros e nunca dos outros para com eles. Por isso, ouvem o que querem ouvir e nunca o que os outros têm para dizer.

A arte de ouvir e dialogar potencializa até mesmo os efeitos dos antidepressivos. Os profissionais de saúde mental que vêem o mundo dos seus pacientes apenas dentro dos limites do metabolismo do cérebro têm uma visão míope da complexa colcha de retalhos da inteligência. Não conseguirão perceber os pensamentos

clandestinos dos pacientes nem perscrutar o que as palavras deles nunca disseram. Nem sempre atraímos as pessoas com nossa capacidade de ouvir e dialogar. Estamos tão próximos fisicamente de nossos íntimos, mas tão distantes interiormente. A família moderna se tornou um grupo de estranhos. Dividem o mesmo espaço, respiram o mesmo ar, mas não penetram no mundo uns dos outros. Poucos têm coragem de admitir a crise de diálogo e de rever a qualidade das suas relações sóciofamiliares.

O homem moderno vive ilhado dentro da própria sociedade. Ele está exposto a uma série de transtornos psíquicos. É preciso repensar a sociedade estressante onde temos vivido, a competição predatória, o individualismo e a baixa capacidade de sentir prazer, a despeito de termos uma enorme indústria de entretenimento.

O mestre de Nazaré vivia a arte do diálogo. Tinha prazer em interagir com as pessoas. Entrava no lar, na história e no mundo delas. Gastava tempo dialogando com as pessoas que não tinham qualquer status social. Sua presença era agradável e reconfortante. Sob o aconchego de Jesus ninguém se sentia ilhado ou excluído. Solidão era uma palavra estranha aos que o seguiam. É preciso repensar também o bombardeamento de informações negativas gerado pelo sistema de comunicação, um fato nunca ocorrido em outras gerações, e o seu impacto sobre a construção multifocal da inteligência. Todos os dias, a mídia escrita, televisada e falada divulga acidentes em que inúmeras pessoas morrem de câncer, infarto, assassinadas.

O drama da morte e da violência amplamente divulgado na mídia estimula o fenômeno RAM

(registro automático da memória) a registrar contínua e privilegiadamente a violência e a possibilidade do fim nos arquivos inconscientes da personalidade*. Tal registro fica disponível para que o fenômeno ACH** faça uma leitura instantânea capaz de gerar cadeias súbitas de pensamentos negativos. Tais pensamentos, por sua vez, produzem um gatilho emocional instantâneo que gera ansiedade, irritabilidade, angústia e, conseqüentemente, desencadeia sintomas psicossomáticos. As relações entre Jesus e os seus discípulos eram encorajadoras e sem negativismos. Havia um constante clima de tensão pela rejeição às suas idéias por parte dos escribas e fariseus. Todavia, ele não deixava que uma nuvem de pensamentos negativos bombardeasse a mente dos seus íntimos. Apesar das dificuldades, onde ele estava havia um clima que relaxava e tranqüilizava os que

o cercavam. Seu comportamento exalava uma espécie de “perfume emocional” que atraía as pessoas. Por isso, paradoxalmente, até os seus opositores faziam plantão para ouvi-lo. Tomando o cálice como homem e não como filho de Deus

O mestre queria redimir a humanidade. Não poderia, portanto, tomar o seu cálice como filho de Deus, mas como um ser humano, como eu e o leitor. Ele afirmava com todas as letras que era o filho do Deus altíssimo, mas teria de abster-se da sua condição de Deus, teria de beber seu cálice como um homem.

Por um lado, ele almejava retornar à glória que tinha antes que houvesse o mundo, mas primeiro teria de cumprir a sua mais amarga missão. Por outro lado, desejava resgatar o homem e, para isso, teria de passar pelo seu martírio como um homem. E o que é pior, teria de tomá-lo como nenhum homem o fez.

Não poderia pedir clemência no momento em que estivesse sofrendo. Não poderia gritar como toda pessoa ferida, pois era simbolizado pelo cordeiro, que é um dos poucos animais que silencia diante da morte. Não podia odiar e se irar contra os seus inimigos. Pelo contrário, teria de perdoá-los e, mais do que isto, teria de amá-los, caso contrário, trairia as palavras que ele mesmo proclamou aos quatro ventos:

“Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”67.

Não poderia se desesperar. No Getsêmani, enquanto se preparava para tomar o cálice, poderia viver uma intensa ansiedade, mas durante o espancamento, as sessões de tortura e a crucificação, teria de reagir com a mais alta serenidade. Caso contrário, não seria capaz de administrar sua emoção no ápice da dor nem governar seus pensamentos para expressar sabedoria e tolerância num ambiente onde só havia espaço para sentir o medo, a raiva e a agressividade.

Crer em Cristo como filho de Deus depende da fé. Entretanto, não se pode negar que, independente da sua condição divina, ele foi um homem até às últimas conseqüências. Sofreu e se angustiou como um homem. Onde ele reuniu forças para superar o caos que se instalou na sua emoção naquele escuro jardim? Ele foi sustentado por um contínuo e misterioso estado de oração. A oração trouxe-lhe saúde emocional. Diluiu sua angústia e irrigou sua alma com esperança.

Cristo, sabendo que teria de suportar seu cálice como um homem, sem qualquer anestésico e com a mais alta dignidade, teve seu sistema orgânico abalado por sintomas psicossomáticos. Não apenas teve sudorese, mas um raro caso de

hematidrose, só produzido no extremo do stress. Lucas comenta que seu suor se tornou como gotas de sangue68. Há poucos casos na literatura médica que relatam que alguém, submetido a intenso stress, teve ruptura ou abertura dos capilares sangüíneos capaz de permitir que as hemácias fossem expelidas junto com o suor.

Se Cristo tivesse obedecido à linguagem psicossomática do seu corpo, ele não chegaria ao stress extremo, mas teria fugido daquele ambiente. Todo o seu corpo clamava pela fuga. Porém nunca fugiu dos seus ideais. Nem por um milímetro afastou-se da sua missão. Pelo contrário, lutava dentro de si mesmo para realizar a vontade do Pai, que também era a sua, e se preparar para transcender o insuportável.

C A P Í T U L O 9

A REAÇÃO

DEPRESSIVA

DE JESUS:

O ÚLTIMO ESTÁGIO DA

DOR HUMANA

Uma emoção profundamente triste

Quanto mais o corpo de Cristo dava sinais psicossomáticos para que fugisse rapidamente da situação de risco, mais ele resistia e refletia sobre seu cálice. O resultado era que não apenas sua ansiedade se intensificava, mas sua emoção era invadida por um profundo estado de tristeza. O registro de Mateus 26 diz que "Cristo começou a entristecer-se e a angustiar-se profundamente"69. A profunda tristeza que sentiu indica que ele entrou num estado de humor deprimido, e a profunda angústia indica que sentiu uma ansiedade intensa, acompanhada, como comentei, de diversos sintomas psicossomáticos.

Chegou a vez daquele homem que gostava de se envolver com as crianças, que confortava os leprosos, que acolhia as prostitutas, que era amigo dos publicanos, passar pela condição mais dolorosa da emoção, pela experiência do humor deprimido. Chegou a vez daquele homem que contagiava todos com seu poder e segurança experimentar a fragilidade da emoção humana. Conseguirá ele superar seu profundo estado de tristeza e reagir com distinção num ambiente totalmente hostil, inumano? Antes de analisarmos esta questão, precisamos responder duas outras: o que Cristo sentiu no Getsêmani, uma reação depressiva ou uma doença depressiva? Qual a diferença entre uma reação depressiva momentânea e uma depressão?

A personalidade de Cristo estava na contramão da depressão

O mestre tinha de fato uma alegria incomum. Nele não havia sombra de tristeza e insatisfação. A alegria de Cristo não se exteriorizava com fartos sorrisos e com gestos eufóricos, mas era uma alegria que fluía do seu interior, como um rio manso que jorra continuamente suas águas. Aquele que discursara incisivamente para que o homem saciasse a sede da alma, a sede de prazer, agora estava profundamente triste, pois ia cumprir o seu objetivo maior: morrer pela humanidade. Ao interpretar as entrelinhas dos textos das suas biografias, é notório que seu humor deprimido não era decorrente da dúvida em tomar ou não o seu cálice, mas do sabor intragável que ele continha. Vejamos qual a diferença entre uma doença depressiva e uma reação depressiva, para depois julgarmos seu estado emocional.

A depressão é uma doença clássica na psiquiatria. Será, como disse, a doença do século XXI. Sua incidência tem sido alta em todas as sociedades modernas e em todas as camadas sociais. As pessoas idosas e os adultos são mais expostos a elas, mas, infelizmente, essa insidiosa doença tem penetrado também cada vez mais nas crianças, principalmente naquelas que sofrem por doenças, maus-tratos, experiências de abandono e que vivem em lares onde imperam a crise do diálogo e a agressividade. Os adolescentes também estão cada vez mais vulneráveis à depressão. A crise do diálogo, a busca do prazer imediato, a incapacidade de trabalhar estímulos estressantes e o jugo da paranóia da estética têm gerado a necessidade compulsiva de se ter um corpo segundo o modelo estereotipado difundido pela mídia, ocasionando nos adolescentes a depressão e outros transtornos psíquicos, tais como a bulimia e a anorexia nervosa.

A dor da depressão pode ser considerada como o último estágio da dor humana. Ela é mais intensa do que a dor da fome, pois uma pessoa faminta tem o apetite preservado, por isso remói até o lixo para comer e sobreviver, enquanto algumas pessoas deprimidas podem, mesmo diante de uma mesa farta, não ter apetite nem o desejo de viver. Freqüentemente só compreende a dimensão da dor da depressão quem já passou por ela.

Existem diversos graus de depressão. Há depressão leve, moderada e grave; depressão sem ou com sintomas psicossomáticos (dores musculares, taquicardia, cefaléia, nó na garganta, gastrite etc.); depressão sem ou com sintomas psicóticos (desorganização do pensamento, delírios e alucinações); depressão recorrente, caracterizada por freqüentes recaídas; e depressão com apenas um episódio, ou seja, que é tratada de maneira completa e que, portanto, não mais retorna ao cenário emocional. As causas que conduzem uma pessoa a ter um transtorno depressivo são várias: psíquicas, sociais e genéticas. As psíquicas incluem: idéias de conteúdo negativo, dificuldade de proteção emocional, hipersensibilidade, antecipação de situações do futuro etc. As sociais incluem: perdas, competição predatória, crise financeira, preocupações existenciais, pressão social. A carga genética pode influenciar o humor e propiciar o aparecimento de doenças psíquicas, mas é bom que saibamos que não há

condenação genética na psiquiatria, a não ser quando existem anomalias cerebrais decorrentes de alterações cromossômicas. Portanto, pais gravemente deprimidos podem gerar filhos saudáveis. O

desvio de rota da influência genética para o humor dependerá da história de

formação da personalidade dos filhos e do quanto aprendem a gerenciar seus pensamentos nos focos de tensão e a preservar suas emoções diante dos estímulos estressantes.

Não há indícios de que Jesus tenha tido uma carga genética com propensão para o humor deprimido. No próximo livro, estudaremos que Maria, sua mãe, de acordo com Lucas, tinha uma personalidade refinada, especial: era sensata, sensível, humilde e dada à reflexão. Não há nenhum indício de que ela tenha tido depressão.

Lucas descreve que “O menino crescia em estatura e sabedoria”70. Cristo nunca foi um espectador passivo diante da vida; pelo contrário, foi um agente modificador da sua história desde a sua infância. É raríssimo observarmos uma criança crescendo em sabedoria nas sociedades modernas, ou seja, aprendendo a pensar antes de reagir, a lidar com as perdas com maturidade, a ser solidária, tolerante, a enfrentar com dignidade suas dificuldades. Elas crescem falando línguas, usando computadores, praticando esportes, mas não destilando sabedoria. Com apenas doze anos de idade, o menino de Nazaré

já brilhava em sua inteligência, já deixava perplexos os mestres da lei com sua sabedoria e já encantava seus pais com suas atitudes71.

Existem também vários tipos de depressão: depressão maior, distímica, ciclotímica e outras. As doenças depressivas têm uma rica sintomatologia. Farei uma breve síntese delas. A depressão maior

A “depressão maior” é caracterizada por humor deprimido (tristeza intensa), ansiedade, desmotivação, baixa auto-estima, isolamento social, sono alterado, apetite alterado (diminuído ou aumentado), fadiga excessiva, libido alterada (prazer sexual diminuído), idéias de suicídio, déficit de concentração etc. Ela incide em pessoas de todos os níveis socioeconômico-culturais. Muitos pacientes com “depressão maior” têm antes da crise depressiva uma personalidade afetivamente rica, são alegres, ativas, sociáveis. Contudo, por diversas causas, essas pessoas penetram no solo da depressão. As razões que levam uma pessoa extrovertida e sociável ao drama da depressão maior são múltiplas. Vão desde uma influência genética às causas psicossociais, como perdas, frustrações, limitações físicas, pensamentos de conteúdo negativo, ruminação de pensamentos passados, antecipação de situações futuras.

Não basta ter um humor profundamente triste ou deprimido para se caracterizar uma depressão. Tal humor tem de ter uma durabilidade de no mínimo alguns dias ou semanas, embora haja casos de meses e anos. Além disso, ele tem de estar acompanhado por diversos sintomas já citados, principalmente alteração dos sistemas instintivos que preservam a vida (o sono, o apetite e a libido), fadiga excessiva, ansiedade e a desmotivação.

Jesus teve depressão maior? Não! No Getsêmani, seu humor deprimido era tão intenso que só as mais graves doenças depressivas podiam atingir. Contudo, sua tristeza não tinha longa data. Havia iniciado há apenas algumas horas, e era decorrente da necessidade de antecipar os sofrimentos que atravessaria para preparar-se para suportá-los.

Ao longo de sua vida e até nos últimos momentos antes de ser traído e preso, não havia nele sintomas de depressão. Não se isolava socialmente, a não ser quando necessitava meditar. Era muito sociável, gostava de fazer amigos e de jantar com eles. Tinha grande disposição para visitar novos ambientes e proclamar o “reino dos céus”. Não era irritadiço nem inquieto. Ao contrário, conseguia manter a calma nas situações mais adversas. Seu sono era saudável, conseguia dormir até em situações turbulentas, como na passagem em que o mar estava agitado. Enfim, nele não havia sombra de sintomas que pudessem caracterizar uma “depressão maior”.

A depressão distímica

A “depressão distímica” é aquela que acompanha o processo de formação da personalidade. Os pacientes com depressão distímica, ao contrário daqueles com “depressão maior”, que previamente são alegres e sociáveis, desenvolvem uma personalidade negativista, crítica, insatisfeita, isolada. Os sintomas são os mesmos da “depressão maior”, mas menos intensos. A ansiedade é mais branda e, portanto, o risco de suicídio é menor, a não ser que elas intensifiquem a crise depressiva e comecem a desenvolver sintomas tão eloqüentes como na “depressão maior”.

É difícil conviver com as pessoas com “depressão distímica”, devido ao negativismo, insatisfação, baixíssima auto-estima e a enorme dificuldade que têm de elogiar as pessoas e os eventos que a circundam. Só conseguem enxergar sua própria dor. Contudo, são assim não porque querem, mas porque estão doentes. Elas precisam ser compreendidas e ajudadas.

Embora os sintomas sejam menos intensos que os da “depressão maior”, é mais difícil tratá-los, devido à desesperança que esses pacientes carregam, à baixa colaboração no tratamento e à dificuldade que sempre tiveram de extrair o prazer dos pequenos detalhes da vida. Todavia, é possível que tais pessoas dêem um salto no prazer de viver.

Cristo não tinha uma “depressão distímica” nem uma personalidade distímica. Não era negativista e insatisfeito. Embora fosse crítico dos comportamentos humanos e das misérias sociais, suas críticas eram ponderadas e feitas em momentos certos. Era uma pessoa contagiante. Nunca se deixava abater pelos erros das pessoas nem pelas situações difíceis.

As sementes que plantou no coração do homem ainda não haviam germinado, mas, com uma esperança surpreendente, ele pedia aos seus discípulos: “Erguei os olhos, pois os campos já

branquejam”72. Quando disse tais palavras, o ambiente que o rodeava era de desolação e tristeza. Ele já

possuía muitos opositores, e as pessoas procuravam matá-lo. Os discípulos erguiam os olhos e não conseguiam ver nada além de um deserto escaldante. Mas Cristo via além da imagem geográfica e das circunstâncias sociais. Seu olhar penetrante conseguia ver o que ninguém via e, conseqüentemente, se animava com o que fazia outros desistirem.

Nele não havia sombra de desânimo. Se fosse minimamente negativista, ele teria desistido daqueles jovens galileus que o seguiam, pois eles causavam-lhe constantes transtornos. Se estivéssemos em seu lugar, excluiríamos Pedro, por nos ter negado; Judas, por nos ter traído; e os demais por terem fugido timidamente de nossa presença. Entretanto, sua motivação para transformá-los era inabalável. Os executivos e os profissionais de recursos humanos, que estão sempre fazendo cursos sobre motivação, com resultados freqüentemente inexpressivos, deveriam se espelhar na motivação do mestre de Nazaré. Vimos que até mesmo quando discursava sobre o seu corpo e seu sangue, na última ceia, havia nele uma forte chama de esperança em transcender o caos da morte. Ao cair da última folha no inverno, quando tudo parecia perdido, quando só havia motivos para desespero e choro, Cristo ergueu os olhos e viu as flores da primavera, ocultas nos troncos secos da vida. Ao contrário dele, ao primeiro sinal das dificuldades, desistimos de nossas metas, projetos e sonhos. Precisamos

aprender com ele a erguer os olhos e olhar por trás das dificuldades, das dores, das derrotas, das perdas e compreender que os invernos mais rigorosos podem trazer as primaveras mais belas. A depressão ciclotímica

A “depressão ciclotímica” é um transtorno emocional flutuante. Alterna períodos ou fases de depressão com euforia. Cada fase pode durar dias ou semanas e pode haver intervalos entre eles sem crises. Na fase de depressão, os sintomas são semelhantes aos que já citei. Na fase eufórica, ocorrem sintomas opostos aos da fase depressiva, como: excesso de sociabilidade, de ânimo, de comunicação, de auto-estima. Nessa fase, as pessoas se sentem poderosas e tão excessivamente animadas e otimistas que compram tudo o que está à sua frente e fazem grandes projetos sem alicerces para materializá-los. Os pacientes que possuem psicose maníaca-depressiva (PMD) também têm pólos depressivos associados com pólos maníacos (eufóricos), mas perdem os parâmetros da realidade quando estão na crise de mania, enquanto que os que estão na fase eufórica da depressão ciclotímica conservam seu raciocínio e sua consciência, havendo ainda integração à realidade, embora com comportamentos histriônicos, bizarros. É fácil condenar e taxar as pessoas com humor excessivamente flutuantes de imaturas e irresponsáveis. Todavia, elas não precisam de críticas ou julgamentos, mas de apoio, compreensão e ajuda.

Cristo também não tinha depressão ciclotímica nem humor flutuante. Ao contrário, seu humor era estável e suas metas bem estabelecidas. Não agia por impulsos emocionais nem tinha gestos de grandeza para se autopromover. Embora fosse muito comunicativo, era lúcido e econômico no falar. O mundo inteiro podia contrapor-se a ele, mas nada comprometia o cumprimento do seu propósito, da sua missão. Passava pelos vales da vida e ainda assim não se percebia nele instabilidade emocional. Durante a sua jornada, houve uma época em que pressentiu que sua “hora” se aproximava. Então, subitamente, virou sua face para Jerusalém e foi para o território dos seus inimigos. Queria morrer em Jerusalém.

Os transtornos obsessivos associados

à depressão

Os transtornos obsessivos compulsivos (TOC) são caracterizados por idéias fixas não administradas pelo eu. O fenômeno do autofluxo, que é o responsável por produzir o fluxo de pensamentos e emoções no campo de energia psíquica, faz

uma leitura contínua de determinados territórios da memória, gerando uma hiperprodução de idéias fixas*. Tais idéias podem gerar um grande estado de angústia, principalmente quando estão ligadas ao câncer, infarto, derrame cerebral, acidentes, perda financeira e preocupações excessivas com segurança, higiene e limpeza. As pessoas com TOC não conseguem gerenciar as idéias obsessivas. Pensam o que não querem pensar e sentem o que não querem sentir. Algumas vezes os transtornos obsessivos imprimem tantos sofrimentos que podem desencadear uma doença depressiva.

Cristo também não tinha transtornos obsessivos. Não tinha idéias fixas que atormentavam sua mente. Sofrer e morrer na cruz não eram uma obsessão para ele. Deixou claro que só estava tomando o seu cálice porque amava intensamente a humanidade.

Tinha todo o direito de pensar fixamente dia e noite em cada etapa do seu martírio, pois estava consciente de quando e de como iria morrer, mas era completamente livre em seus pensamentos. Previu por pelo menos quatro vezes a sua morte, mas esta previsão não revelava uma mente perturbada por pensamentos antecipatórios, mas objetivava preparar seus discípulos para o drama que iria sofrer e conduzi-los a conhecer o projeto que estava escondido no âmago do seu ser. Nós fazemos o “velório antes do tempo”, sofremos por antecipação. Os problemas ainda não aconteceram e talvez nunca venham a acontecer, mas destruímos nossa emoção por vivê-los antes do tempo. O mestre de Nazaré só sofria quando os acontecimentos batiam-lhe à porta. Somente possuindo uma emoção tão livre como aquela, ele poderia, a menos de 24 horas de sua tortura na cruz, ter disposição para jantar e cantar com seus discípulos e suplicar a Deus para que eles tivessem um prazer completo.

A diferença entre a depressão e uma

reação depressiva

A diferença entre uma doença depressiva e uma reação depressiva não está ligada freqüentemente à

quantidade nem à intensidade dos sintomas, mas principalmente à durabilidade deles. Uma reação depressiva é momentânea, dura horas ou no máximo alguns dias. Dura enquanto está

presente o estímulo estressante ou enquanto não se psicoadapta a ele. Os

estímulos podem ser uma ofensa, uma humilhação pública, a perda de emprego, uma separação conjugal, um acidente, uma doença. Com a psicoadaptação ou remoção destes estímulos, ocorre uma desaceleração dos pensamentos e reorganização da energia emocional e, com isso, retorna o prazer de viver. Se os sintomas de uma reação depressiva perduram por mais tempo, então se instala uma doença depressiva, que chamo de depressão reacional. Esta durará uma semana, duas ou muito mais tempo, dependendo do sucesso do tratamento.

Qual o mecanismo psicodinâmico que gera uma reação depressiva ou um transtorno ansioso? O

mestre de Nazaré era uma pessoa tão afinada com a arte de pensar e tão maduro na capacidade de proteger a sua emoção que ele compreendia de maneira cristalina o mecanismo que vou sinteticamente expor agora.

O fenômeno RAM (Registro Automático da Memória) registra na memória todas as experiências que transitam no palco de nossas mentes. Num computador, escolhemos as informações que queremos registrar; na memória humana não há essa opção. Por que não temos essa opção? Porque se a tivéssemos poderíamos ter a chance de produzir um suicídio da inteligência. Seria possível, numa crise emocional, destruirmos os arquivos da memória que financiam a construção de pensamentos. Neste caso, perderíamos a consciência de quem somos e onde estamos. E, assim, o tudo e o nada seriam a mesma coisa, inexistiríamos como seres pensantes*.

Tudo o que pensamos e sentimos é registrado automática e involuntariamente pelo fenômeno RAM. Este fenômeno tem mais afinidade com as experiências que têm mais “volume” emocional, ou seja, registra-as de maneira mais privilegiada. Por isso, “recordamos” com mais facilidade as experiências que nos deram mais tristezas ou alegrias.

Em uma pessoa que não tem proteção emocional, as experiências produzidas pelos estímulos estressantes, por serem mais angustiantes, são registradas de maneira privilegiada na memória, ficando, portanto, mais disponíveis para serem lidas. Uma vez lidas, geram novas cadeias de pensamentos negativos e novas emoções tensas. Assim, fecha-se o ciclo psicodinâmico que gera determinados transtornos psíquicos, inclusive o TOC.

Cuidamos da higiene bucal, do barulho do carro, do vazamento de água, mas não

cuidamos da qualidade de pensamentos e emoções que transitam em nossas mentes. Estes, uma vez arquivados, nunca mais podem ser deletados, somente reescritos. Por isso, o tratamento psiquiátrico e psicoterapêutico não é cirúrgico, mas um lento processo. Logo, também é difícil, mas não impossível, mudar as características de nossas personalidades.

É mais fácil, como Cristo fazia, proteger a emoção ou reciclá-la rapidamente quando a sentimos do que reescrevê-la depois de registrada nos arquivos inconscientes da memória. Ele gozava de uma saúde emocional impressionante, pois superava continuamente as ofensas, as dificuldades e as frustrações que vivia. Portanto, o fenômeno RAM não registrava experiências negativas em sua memória, pois simplesmente ele não as produzia em sua mente.

Cristo não fazia de sua memória um depósito de lixo, pois não conseguia guardar mágoa de ninguém. Podia ser ofendido e injuriado, mas as ofensas não invadiam o território da sua emoção. A psicologia do perdão que ele amplamente divulgava não apenas aliviava as pessoas perdoadas, mas as transformava em pessoas livres e tranqüilas.

Mesmo quando seu amigo Lázaro morreu, ele não ficou desesperado nem correu para fazer mais um dos seus milagres. Fazia tudo com serenidade, sem desespero e no tempo certo. Não conheço ninguém que tenha a estrutura emocional que ele teve.

Existe uma síndrome que descobri e que tenho estudado exaustivamente*. Esta síndrome se instala no processo de formação da personalidade e tem uma grande incidência na população em geral. A síndrome tri-hiper é caracterizada por três características hiperdesenvolvidas na personalidade: hipersensibilidade emocional, hiperconstrução de pensamentos e hiperpreocupação com a imagem social.

A hipersensibilidade se expressa por meio de uma enorme desproteção emocional. Pequenos problemas têm um impacto emocional enorme. Uma ofensa é capaz de estragar o dia ou a semana dessas pessoas.

A hiperconstrução de pensamentos se expressa por uma produção excessiva de pensamentos. Pensamentos antecipatórios, ruminação de pensamentos sobre o passado, pensamentos sobre os problemas existenciais. A conseqüência desta hiperprodução de pensamentos é um desgaste de energia cerebral enorme.

A hiperpreocupação com a imagem social se expressa por uma preocupação angustiante sobre o que os outros pensam e falam de si. Tal característica faz com que as pessoas administrem mal todo tipo de crítica e rejeição social. Um olhar de desaprovação é capaz de imprimir-lhes uma ansiedade intensa. Nem todas as pessoas têm os três pilares dessa síndrome. Ela costuma acometer as melhores pessoas da sociedade. Todavia, são boas para os outros, mas péssimas para si mesmas. Realmente creio que esta síndrome é mais importante no processo de desencadear uma doença depressiva ou ansiosa do que uma influência genética.

Cristo era um exímio pensador, mas não pensava excessivamente e nem divagava nas idéias. Não gastava energia mental com coisas inúteis. Preocupava-se intensamente com a dor humana, mas não gravitava em torno de sua imagem social, em torno do conceito que tinham sobre ele. Por diversas vezes houve dissensão entre os seus opositores sobre quem ele era, qual a sua identidade. Ocorriam debates acalorados sobre o que fazer com ele.

O mestre sabia que tencionavam prendê-lo e matá-lo, mas embora contagiasse as multidões com sua amabilidade e gentileza, era, ao mesmo tempo, sólido e seguro. Portanto, não era portador da síndrome tri-hiper. Isto explica por que ele transitava ileso pelos vagalhões da vida. O mestre teve uma reação depressiva

Durante toda a sua vida Jesus sofreu intensas pressões sociais. Com dois anos de idade devia estar brincando, mas já era perseguido de morte por Herodes. Seus pais não tinham privilégios sociais. Sua profissão era simples. Passou frio, fome e não possuía moradia fixa. Teve, assim, diversos motivos para ser uma pessoa negativista, ansiosa e irritadiça, mas era uma pessoa satisfeita e bem resolvida. Nunca culpou ninguém por sua falta de privilégios, nem andava ansioso pelo que lhe faltava. Era rico por dentro, embora fosse pobre por fora. Ao contrário dele, muitos têm excelentes motivos para ser alegres, mas são tensos, agressivos e angustiados.

Jesus vivia cada minuto com intensidade. Caminhava incansavelmente de aldeia em aldeia pregando a sua mensagem. Algumas vezes não tinha o que comer, mas não se importava;o prazer de estar em contato com novas pessoas, aliviá-las e iluminá-las com sua mensagem era mais importante. Dizia até, para o espanto dos seus discípulos, que a sua comida era fazer a vontade de seu Pai73. Entretanto, aquele homem alegre, seguro, amável, imbatível, agora estava no jardim do Getsêmani. Lá ele expressou pela primeira vez que estava

profundamente triste. O que ele sentiu: uma depressão ou uma reação depressiva? Creio que por meio das explicações anteriores chegamos facilmente à conclusão de que ele teve apenas uma reação depressiva momentânea, embora intensa e sufocante. Quando começou a refletir sobre seus sofrimentos, uma nuvem de pensamentos dramáticos transitou pelo palco de sua mente.

Sempre soube o que lhe aguardava, mas a hora fatal havia chegado. Precisava se preparar para suportar o insuportável. Penetrou em cada detalhe das suas chagas. Nesse momento, o homem Jesus viveu o mais ardente e insuportável estado de tristeza.

A depressão dos pensadores

Muitos homens ilustres tiveram depressão ao longo de suas vidas. Freud teve crises depressivas. Certa vez, em uma das suas correspondências com seus amigos, ele disse que estava muito deprimido e que a vida havia perdido o sentido para ele. O turbilhão de idéias que transitavam pela sua mente, os pensamentos negativos sobre a existência, o peso das perdas e outros fatores culminaram por deixá-lo deprimido numa fase posterior. A cultura psicanalítica não livrou este pensador de sua miséria interior. Hebert Spencer, um grande pensador inglês do século XIX, comentou certa vez que não valia a pena viver a vida. Durant, historiador da filosofia, procurou defendê-lo*. Comentou que Spencer “enxergava tão longe que as coisas que se passavam debaixo do seu nariz não tinham sentido para ele”. A defesa que Durant faz de Spencer é muito incompleta. Não é pelo fato de ter sido um grande pensador que Spencer perdeu o solo do prazer, mas, entre causas interiores, deve-se ressaltar que ele desenvolveu o mundo das idéias, mas desprezou, pouco a pouco, a arte da contemplação do belo dos pequenos detalhes da vida. De fato, não poucos pensadores viveram uma vida angustiante. Eles caminharam no mundo das idéias, mas não aprenderam a navegar no mundo da emoção. Assim, perderam o sentido da vida, o prazer de viver.

Esses homens foram frágeis? É difícil julgar o outro sem se colocar no lugar dele e penetrar na colcha de retalhos da sua vida. Todos nós temos as nossas fragilidades e passamos por avenidas difíceis de transitar. A vida humana possui perdas imprevisíveis e variáveis, difíceis de se administrar... Alguns dos pensadores se tornaram excelentes negativistas, tais como Voltaire, Schopenhauer, Nietzsche. Imergiram no torvelinho das idéias, mas descuidaram dos pequenos eventos que norteiam a vida. Não souberam irrigar suas emoções

com os lírios dos campos sobre os quais o carpinteiro de Nazaré tão bem discursou para os seus discípulos.

Cristo discursou sobre os mistérios da existência como nenhum filósofo. A eternidade, a morte, a transcendência das dores, a transformação na natureza humana estavam constantemente na pauta das suas idéias. Apesar de ter um discurso intelectual complexo e ser drasticamente crítico da maquiagem social, da falta de solidariedade e do cárcere intelectual das pessoas, ele exalava singeleza e prazer. Grandes pensadores perderam o sentido da vida ao desenvolver o mundo das idéias. Todavia, Cristo, apesar de ir tão longe no discurso dos pensamentos, ainda achava tempo para contemplar os lírios dos campos.

Temos de tomar cuidado com o paradoxo da cultura e da emoção: no território da emoção há

iletrados que são ricos e intelectuais que são miseráveis. Não poucos deles se isolaram socialmente e deixaram de ser pessoas socialmente agradáveis. Não perceberam que um sorriso é tão importante como uma brilhante idéia. Não compreenderam que a cultura sem o prazer de viver é vazia e morta. Também vivi um período de tristeza e negativismo em minha produção de conhecimento filosófica e psicológica. Pelo fato de produzir uma nova teoria sobre o funcionamento da mente e a construção da inteligência, bem como por investigar exaustivamente a lógica dos pensamentos e os fenômenos que lêem em frações de segundos a memória e constroem as cadeias das idéias, também perdi o solo emocional e imergi numa esfera de negativismo e tristeza. Eu moro num lugar belo, rodeado de natureza. Todavia, paulatinamente, o canto dos pássaros e a anatomia das flores não encantavam mais minha emoção como antes.

Porém, felizmente, compreendi que o mundo das idéias não podia ser desconectado da arte da contemplação do belo. É possível extrair prazer das coisas mais singelas. Estudar a personalidade de Cristo me ajudou muito nessa compreensão. Aprendi que a beleza não está fora, mas nos olhos de quem a vê.

Recordemos a atitude intrigante de Jesus na grande festa judia. Ele levantou-se e exclamou que era uma fonte de prazer para o homem. Não pensem que o ambiente exterior era favorável. Não! Era tenso e ameaçador. Os soldados, a pedido do sinédrio, estavam lá para prendê-lo. Bastava que abrisse a sua boca que seria identificado. Nesse ambiente turbulento, ele bradou, com a maior

naturalidade, que poderia resolver a angústia essencial que está no cerne da alma humana.

Os soldados, perplexos, voltaram de mãos vazias, pois disseram: “Nunca ninguém falou como este homem”74. É incrível, Jesus falou do prazer onde só havia espaço para o medo e a ansiedade. A depressão das pessoas famosas

O mundo das idéias desconectado da emoção retrai o prazer de viver, e a fama inadequadamente trabalhada é incompatível com a saúde emocional. Com o desenvolvimento da comunicação houve uma expansão excessiva e doentia do ser famoso. As crianças desde pequenas querem ser artistas de cinema, de TV, músicos. Todos querem ser famosos. Contudo, o mundo da fama tem abatido homens e mulheres.

Uma análise da personalidade das pessoas famosas evidencia que, no início, a fama produz um êxtase emocional, mas com o decorrer do tempo sofrem nos bastidores de suas mentes a ação do fenômeno da psicoadaptação, que faz com que elas pouco a pouco se entediem com o sucesso e a perda da privacidade, diminuindo, assim, o prazer com os aplausos e os assédios. Para nós que pesquisamos a inteligência e o funcionamento da mente não existe a fama. Ela é um artifício social. Ninguém está acima dos outros ou é mais importante do que eles. É interessante notar que o mestre de Nazaré pensava exatamente desse modo. Tanto as pessoas famosas como aquelas que estão no anonimato possuem o status de ser humano. Portanto, são dignas do mesmo respeito, pois possuem os mesmos fenômenos inconscientes que lêem a memória e constroem as cadeias de pensamentos, a consciência e a totalidade da inteligência.

Apesar das particularidades contidas em nossas personalidades, por termos fenômenos universais que promovem o funcionamento da mente, temos também necessidades psíquicas e sociais universais. As pessoas famosas, ainda que tenham conquistado um Oscar ou um Grammy, têm, tanto como o africano de Ruanda, castigado pela fome, necessidades de sonhar, dialogar, ter amigos, superar a solidão, refletir sobre a existência. Se tais necessidades não são atendidas, contrai-se a qualidade de vida emocional.

Schopenhauer, um ilustre filósofo alemão, disse certa vez que “a fama é uma tolice; a cabeça dos outros é um péssimo lugar para ser sede da verdadeira felicidade do homem”*. De fato, gravitar em torno dos outros e esperar o retorno deles para financiar nossa paz e felicidade é uma péssima escolha. Dentro do

homem deve estar a sua felicidade, e não dentro do que os outros pensam e falam dele. Schopenhauer, embora fosse amante do mundo das idéias, não viveu o que discursou, pois foi um amargo pessimista, não alcançando o prazer dentro de si mesmo. Todavia, Cristo vivia um prazer e uma paz que emanavam do seu interior. Suas mais ricas emoções eram estáveis porque não eram financiadas pelas circunstâncias sociais e nem pelas atitudes dos outros em relação a ele. A fama e o sucesso tão divulgados pelos livros de auto-ajuda, ainda que legítimos, se não bem trabalhados se tornam um canteiro de angústia, isolamento e tédio. Nada é tão fugaz e instável quanto a fama.

Cristo era extremamente assediado. Em alguns momentos queriam aclamá-lo como rei. Em outros, davam-lhe nada menos que o status de Deus. Mas a fama não o seduzia, por isso tinha mais prazer nos pequenos eventos da vida do que nos grandes acontecimentos sociais. Seus mais brilhantes pensamentos não foram proferidos em ambientes públicos, mas no aconchego simples de uma praia, de um jardim ou na casa dos seus amigos.

Um resumo das características que tornavam Cristo uma pessoa saudável A seguir, farei uma síntese das características fundamentais de Jesus que estudamos até aqui. Elas fizeram com que o carpinteiro de Nazaré, que não freqüentou escola nem cresceu aos pés dos intelectuais da sua época, tivesse uma personalidade ímpar, diferente de todas as outras. O brilho que ele emanou atravessou os séculos e continua reluzindo nos nossos dias. Por meio dessas características podemos compreender por que ele não teve nenhum tipo de depressão, nem síndrome do pânico, nem transtorno obsessivo compulsivo (TOC), nem a síndrome trihiper e nenhum outro transtorno psíquico. 01) Protegia sua emoção diante dos focos de tensão.

02) Filtrava os estímulos estressantes.

03) Não fazia de sua memória uma lata de lixo das misérias existenciais. 04) Não gravitava em torno das ofensas e rejeições sociais.

05) Pensava antes de reagir.

06) Era convicto no que pensava e gentil na maneira de expor seus pensamentos. 07) Transferia a responsabilidade de crer nas suas palavras e segui-lo aos próprios ouvintes. 08) Vivia a arte do perdão. Podia retomar o diálogo a qualquer momento com as pessoas que o frustravam.

09) Era um investidor em sabedoria diante dos invernos da vida. Fazia das suas dores uma poesia. 10) Não fugia dos seus sofrimentos, mas os enfrentava com lucidez e dignidade. 11) Quanto mais sofria, mais alto sonhava.

12) Não reclamava nem murmurava. Supervalorizava o que tinha, e não o que não tinha. 13) Gerenciava com liberdade seus pensamentos. As idéias negativas não ditavam ordem em sua mente. 14) Era um agente modificador da sua história, e não vítima dela. 15) Não sofria por antecipação.

16) Rompia todo cárcere intelectual. Era flexível, solidário e compreensível. 17) Brilhava no seu raciocínio, pois abria as janelas da sua memória e pensava em todas as possibilidades.

18) Contemplava o belo nos pequenos eventos da vida.

19) Não gravitava em torno da fama e jamais perdia o contato com as coisas simples. 20) Vivia cada minuto da vida com intensidade. Não havia nele sombra de tédio, rotina, mesmice e angústia existencial.

21) Era sociável, agradável, relaxante. Estar ao seu lado era uma aventura contagiante e estimulante. 22) Vivia a arte da autenticidade.

23) Sabia compartilhar seus sentimentos e falar de si mesmo.

24) Vivia a arte da motivação. Conseguia erguer os olhos e ver as flores antes que as sementes tivessem brotado, antes do cair das primeiras chuvas.

25) Não esperava muito das pessoas que o rodeavam, nem das mais íntimas, embora se doasse intensamente por elas.

26) Tinha enorme paciência para ensinar e não vivia em função dos erros dos seus discípulos. 27) Nunca desistia de ninguém, embora as pessoas pudessem desistir dele. 28) Tinha enorme capacidade para encorajá-las, ainda que fosse com um olhar. Usava os seus erros como adubo da maturidade, e não como objeto de punição.

29) Sabia estimular as suas inteligências e conduzi-las a pensar em outras possibilidades 30) Conseguia ouvir o que as palavras não diziam e ver o que as imagens não revelavam. 31) A ninguém considerava seu inimigo, embora alguns o considerassem uma ameaça para a sociedade. 32) Conseguia amar com um

amor incondicional, um amor que ultrapassava a lógica do retorno. Os mais eloqüentes filósofos, pensadores e cientistas, se tivessem estudado a personalidade de Cristo, teriam compreendido que ele atingiu não apenas o ápice da inteligência, mas também o apogeu da saúde emocional e intelectual.

C A P Í T U L O 1 0

O CÁLICE DE CRISTO

Dois pensamentos inesperados

O homem Jesus sempre abalou os alicerces da inteligência de todos aqueles que cruzavam sua história. Dos discípulos aos opositores, dos leprosos às prostitutas, dos homens iletrados aos mestres da lei, enfim, todos ficavam intrigados com sua perspicácia, rapidez de raciocínio, eloqüência, amabilidade, delicadeza de gestos e reações que demonstravam poder. Entretanto, no Getsêmani, ele verbalizou dois pensamentos inéditos ao seu vocabulário.

O primeiro, que já estudamos, foi dirigido aos homens. Disse: “A minha alma está profundamente angustiada”. Agora, no segundo, ele foi mais longe e disse: “Pai, se possível, afaste de mim este cálice, todavia não faça o que quero, mas sim o que Tu queres”75.

O que significa esse segundo pensamento? Significa sofrer por antecipação? Aquele homem sólido e aparentemente inabalável hesitou diante do seu martírio? Ele recuou?

Certa vez, Jesus pressentiu que sua “hora” havia chegado. Quando ele pressentiu isso? Poucos dias antes do Getsêmani, quando alguns gregos vieram visitá-lo. Sua fama estava ficando incontrolável. Ela já havia atingido o país da filosofia, a Grécia, por isso alguns gregos queriam vê-lo. É provável que em outras nações houvesse um murmurinho a seu respeito. Na Galiléia, Herodes Antipas estava ansioso por conhecê-lo, pois tinha ouvido sobre sua fama e esperava vê-lo fazer algum milagre76. Cristo preferia o anonimato, mas era impossível alguém como ele passar desapercebido. Os homens do sinédrio não falavam em outra coisa a não ser do medo de que seu comportamento e o movimento das multidões ao seu redor pudessem ser considerados como uma sedição a Roma, o que estimularia uma intervenção em Israel e o comprometimento dos privilégios dos seus dirigentes77. O mestre começou a divulgar seus pensamentos a partir dos trinta anos. Divulgou-os por apenas três anos e meio. Nesse curto período, ele causou

um tumulto sem precedentes naquela nação. As multidões, para a inveja da cúpula judaica, seguiam-no atônitas.

Se tivesse vivido mais dois ou três anos, ainda que não fizesse qualquer marketing pessoal, talvez não apenas os povos de outras nações se dirigissem a ele, mas também abalassem o império de Tibério, o imperador romano.

Com a aproximação dos gregos, pressentiu que o tempo de sua partida tinha chegado. Disse: “É

chegada a hora”78. Sabia que seu comportamento e o que ele exaustivamente divulgava jamais seriam aceitos. Devido à sua fama e aos seus atos, o povo estava querendo aclamá-lo rei. Mas aquele dócil homem dizia, para a perplexidade de todos, que o seu reino não era deste mundo. As pessoas, obviamente, não entendiam sua linguagem. Se a multidão continuasse alvoroçada, uma guerra se instalaria. Roma interviria com vigor, como ocorreu 37 anos depois, no ano de 70 d.C. Nessa época, Roma, sob o comando do general Tito, o mesmo que concluiu o Coliseu, iniciado pelo seu pai, o imperador Vespasiano, dilacerou Jerusalém e matou cerca de um milhão de pessoas. Jesus era veementemente contra qualquer tipo de violência. Jamais colocaria a vida de uma pessoa em risco. Aceitava colocar sua vida em risco, mas protegia as pessoas ao seu redor, até os seus opositores, por isso conteve a agressão de Pedro aos soldados que o prendiam. Todavia, sua fama se avolumava cada vez mais. Já não conseguia andar com liberdade. As pessoas o espremiam aonde quer que ele andasse.

Nessa época, alguns judeus, querendo matá-lo, chegaram até a usar uma mulher como fisga, pega em flagrante adultério, e quase a apedrejaram em sua presença. Se não fosse sua exímia sabedoria e ousadia expressa pela frase “Quem não tem pecado atire a primeira pedra!”79, aqueles homens sedentos de sangue jamais se interiorizariam e repensariam sua violência.

Com a aproximação dos gregos, disse aos discípulos: “Que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este objetivo eu vim para esta hora”80. Aqui, quando pensou no seu martírio, mencionou que estava angustiado. No entanto, nesse momento, ele sentiu apenas uma pequena amostra da angústia que sofreria dias depois no Getsêmani. Logo se refez e os discípulos não perceberam a sua breve dor.

Nessa situação, ele ainda demonstrava ser inabalável, pois discorreu sobre o julgamento do mundo. Também discorreu sobre o tipo de morte que teria, dizendo: “Quando eu for levantado da terra”81. Ser

“levantado da terra” significa ser crucificado. Ainda se colocou como a luz que resplandece nos bastidores da mente e do espírito humano. Disse: “Ainda por pouco tempo a luz está entre vós”82. E, além disso, ao invés de dizer, como no Getsêmani, “Pai, se possível afasta de mim este cálice”, disse:

“Mas precisamente para isso que eu vim”83.

Morrer pela humanidade era sua meta fundamental, nada o desviaria desse objetivo. Por que então, dias depois no Getsêmani ele mudou seu discurso e suplicou ao Pai que afastasse dele o cálice? Nesse jardim, a morte batia-lhe às portas. Não passaria mais do que doze horas e ele seria crucificado. Lá, ele mudou sua atitude porque assumiu plenamente sua condição de homem. Se ele sofresse e morresse como filho de Deus, jamais poderíamos extrair experiências dele, pois somos homens frágeis, inseguros e com enormes dificuldades para lidar com nossas misérias, mas como morreu como filho do homem, podemos extrair do seu caos profundas lições de vida. Naquele momento chegou a dizer uma frase interessante: “O espírito está pronto, mas a carne é

fraca”84. Seu ser interior, “seu espírito”, estava preparado para morrer, pois era forte, estável e determinado. Porém, seu ser exterior, “sua carne”, era frágil, fraca e sujeita a transtornos quase que incontroláveis em determinadas situações, como ocorre com qualquer ser humano. Dizer que a carne é fraca significa dizer que o corpo físico, embora complexo, está sujeito a frio, fome, dor, alterações metabólicas. Indica que há uma unidade entre “psique” (alma) e a vida física (“bios”) e que esta vida, por meio dos instintos, prevalece muitas vezes sobre a psique, principalmente quando estamos tensos ou vivenciando qualquer tipo de dor.

O mestre tem razão. Notem que um pequeno estado febril é capaz de nos abater emocionalmente. Uma cólica intestinal pode turvar nossos pensamentos. Uma ofensa pública pode travar a coordenação de nossas idéias. Uma enxaqueca pode nos fazer irritáveis e intolerantes com as pessoas que mais amamos.

Eu me alegro ao analisar um homem que teve a coragem de dizer que estava profundamente angustiado e que teve a autenticidade de clamar a Deus para que

afastasse dele o seu martírio. Se tudo em nossa vida fosse sobrenatural, não haveria beleza e sensibilidade, pois eu sou sujeito a angústias, meus pacientes são sujeitos a transtornos psíquicos e todos nós somos sujeitos a erros e dificuldades. Os homens gostam de ser deuses, mas aquele que se colocava como filho de Deus gostava de ser homem.

Administrando a emoção no discurso do

pensamento

Apesar de sofrer como um homem, Jesus tinha uma humanidade nobilíssima. Notem que ele disse ao seu Pai: “Afaste de mim este cálice”85. O pronome demonstrativo este indica que ele estava se referindo ao que estava ocorrendo em sua mente com respeito ao cálice físico que iria suportar na manhã

seguinte.

Imagine quantos pensamentos e emoções angustiantes não transitavam pela sua mente. Vamos nos colocar no lugar dele. Imaginemos nossa face toda cheia de hematomas pelos murros dos soldados, nossas costas sulcadas pelos açoites, nossa cabeça ferida pelos múltiplos espinhos. Imaginemos também os primeiros pregos esmagando a pele, nervos e músculos de nossas mãos. Qual cálice seria pior: o cálice psíquico, ou seja, dos pensamentos antecipatórios, ou o cálice físico?

Normalmente o cálice psicológico é pior do que o físico, mas no caso de Jesus eram ambos, pois o sofrimento da cruz era indescritível. Entretanto, ele pedia ao Pai que afastasse dele “este” cálice, o cálice psíquico, o que se passava na sua mente, e não o físico. Mas como este cálice também fazia parte do seu martírio, em seguida, emendou: “Mas não faça a minha vontade”86. Com resignação se rendeu à

vontade de seu Pai.

Ele só sofreu por antecipação porque estava às portas do seu julgamento e crucificação. Portanto, ele, como já comentei, precisava pensar sobre as etapas da sua dor para reunir forças para suportá-las como homem de carne e ossos.

O procedimento do mestre da escola da vida evidencia que há um momento em que devemos deixar a nossa despreocupação e tomar total consciência dos

problemas que atravessaremos, caso contrário, nos alienamos socialmente. Nesse momento, devemos penetrar-lhes e analisá-los sob diversos ângulos. Porém, é difícil saber qual é o momento certo para este exercício intelectual . O tempo de lidar com os problemas futuros deveria ser apenas o período suficiente para nos dar condições para nos equiparmos e superá-los. Sofrer por um câncer que não existe, por uma crise financeira que não se sabe se ocorrerá, uma dificuldade ainda distante, é se autoflagelar inutilmente. Infelizmente, uma das características mais universais do homo sapiens, dessa espécie inigualável da qual fazemos parte, é sofrer por antecipação. A construção de pensamentos, que deveria gerar um oásis de prazer, produz muitas vezes um espetáculo de terror, o que nos expõe com freqüência a transtornos psíquicos. Não poucas pessoas cultas e aparentemente saudáveis sofrem secretamente dentro de si mesmas.

Não deveríamos ficar pensando dias, semanas ou meses antes dos fatos acontecerem, a não ser se tivéssemos a capacidade de não envolver a emoção com as cadeias de pensamentos, pois é ela a grande vilã que rouba energia cerebral. A atividade do pensamento, quando está envolvida com tensão, apreensão e angústia, gasta duas, três ou dez vezes mais energia do que se estivesse desvinculada dela. Se pudéssemos usar nossa capacidade reflexiva sem empregar a ansiedade, então poderíamos ficar pensando nos fatos muito tempo antes de eles ocorrerem. Mas eu não conheço quem tenha tal habilidade. Os vínculos da emoção com os pensamentos acompanham toda a história de formação da personalidade.

Uma análise psicológica estrita da personalidade de Cristo indica que ele teve tal habilidade. Só

envolveu a emoção tensa na sua produção de pensamentos horas antes de morrer. Se, durante a sua jornada, não soubesse administrar a sua inteligência, ele estrangularia a sua emoção, pois, por estar consciente do drama que atravessaria, ficaria atormentado continuamente na sua mente, o que não lhe daria condições para brilhar na arte de pensar, ser sereno, afetivo e dócil com todas as pessoas que cruzavam a sua história.

Não vivendo um teatro: o paradoxo entre o

poder e a singeleza

Quando aquele homem dócil e corajoso pediu a Deus que afastasse dele aquele

cálice, tomou a atitude mais incompreensível de toda a sua história. Com essas palavras, como estudamos, ele viveu a arte da autenticidade, mas, por outro lado, essa atitude poderia comprometer a adesão de novos discípulos, pois é próprio da fantasia humana aderir a alguém que nunca expresse qualquer fragilidade. Alguns vêem nessa atitude fragilidade e hesitação, mas após estudar exaustivamente a sua personalidade, vejo nela a mais bela poesia de liberdade. Ela retrata que, se quisesse, poderia ter evitado o seu cálice, mas o tomou livre e conscientemente.

Suas palavras revelam que ele não representava uma peça, mas queria ser ele mesmo, por isso relatou sem maquiagem o que se passava no palco da sua emoção. Jesus de Nazaré era tão grande e desprendido que não tinha nenhuma necessidade de simular o que sentia. Nós, ao contrário, não poucas vezes simulamos o que sentimos, pois temos medo de ser desaprovados e excluídos do ambiente em que vivemos.

Estudar a mente de Cristo é algo muito complexo. Freqüentemente suas atitudes estão ocultas aos olhos da ciência, pois entram numa esfera não investigável, na esfera da fé. Mas não podemos ficar de mãos amarradas, pois é possível garimpar tesouros escondidos nos seus pensamentos. Suas atitudes singelas e o poder descomunal que demonstrava ter equilibravam-se perfeitamente na

“balança” da sabedoria e do bom senso.

As idéias de grandeza são freqüentemente incompatíveis com a saúde psíquica. Se analisarmos a história de qualquer homem que desejou compulsivamente o poder, a exaltação suprema e a necessidade de estar acima dos outros, verificaremos em sua personalidade algumas características doentias, tais como incoerência, impulsividade, atitudes autoritárias e uma enorme dificuldade de se colocar no lugar dos outros e perceber as suas dores e necessidades. Alguns deles, por amarem obsessivamente o poder, se tornaram paranóicos; outros, psicopatas e ainda outros, ditadores violentos. Os ditadores com tais características sempre violaram o direito dos outros, pois nunca conseguiram ver o mundo com os olhos deles. Tome Hitler como exemplo. Uma análise da sua história pode constatar uma mente perspicaz e persuasiva associada com um delírio de grandeza, ansiedade, irritação, incoerência intelectual e exclusão social. Mesmo derrotado, percebia-se nele uma pessoa inflexível, incapaz de reconhecer minimamente seus erros e de possuir sentimentos altruístas. No fim da guerra, logo antes de se suicidar, casou-se com Eva Braun*. A incoerência

não está nesse casamento, que aparentemente poderia demonstrar um brinde ao afeto, mas no fato de que se casaram confessando que eram “arianos puros”. Com isso, mesmo às portas da morte, ele ainda avalizava o holocausto judeu e perseguia a sua insana e cientificamente débil purificação da raça. O povo judeu sempre foi um povo brilhante. Foi dizimado por um ditador psicopata, que foi incapaz de compreender que uma “raça” ou mesmo a cor da pele e a condição cultural jamais poderiam servir de parâmetro para distinguir dois seres da mesma espécie, que têm os mesmos fenômenos que lêem a memória e produzem as insondáveis cadeias de pensamentos, bem como todos os elementos que estruturam a inteligência e a consciência. Até uma criança deficiente mental tem a mesma complexidade na sua inteligência e, portanto, deveria ser objeto do mesmo respeito que o mais puro dos arianos ou qualquer outro ser humano.

Jesus também teve idéias impensáveis de grandeza. Colocava-se acima dos limites do tempo. Inferia que era o Cristo, o filho do autor da existência. Relatava uma indestrutibilidade jamais expressa por um homem. Todavia, ao contrário de todos os homens que amaram o poder, ele preferia a singeleza, a humildade.

Apesar de expressar um poder incomum, jamais excluiu alguém. Amava os judeus com uma emoção ardente e eles o amavam igualmente, exceto a cúpula. Para a felicidade dos leprosos, das prostitutas e das barulhentas crianças, aquele homem que expressava ser tão grande procurava paradoxalmente as pessoas mais simples para se relacionar. E, para o nosso espanto, foi mais longe ainda. Como mencionei, em vez de usar o seu poder para controlar as pessoas e almejar que o mundo estivesse aos seus pés, ele se abaixou e lavou os pés de homens sem privilégios sociais. O amor que o movia ultrapassava os limites da lógica. A psicologia não consegue perscrutá-lo e analisá-lo adequadamente, pois sua personalidade é muito diferente do prosaico.

Um plano superior

Se Cristo objetivasse camuflar as suas emoções, jamais teria expressado a sua dor no Getsêmani e jamais teria manifestado a sua vontade de não beber o cálice.

O objetivo do mestre era muito mais ambicioso do que fundar uma escola de idéias ou corrente de pensamento. Seu objetivo era causar a mais drástica revolução humana, uma revolução clandestina que começaria no espírito humano, fluiria para toda a sua inteligência e modificaria para sempre sua

maneira de ser e de pensar e que, por fim, o introduziria na eternidade, o que indica a universalidade de Jesus Cristo. Ele veio para todos os povos e para os homens de todas as religiões, cultura, raça e condição social.

Se Platão, Sócrates, Hipócrates, Confúcio, Sáquia-Múni, Moisés, Maomé, Tomás de Aquino, Spinoza, Kant, Descartes, Galileu, Voltaire, Rosseau, Einstein e tantos outros homens que brilharam na sua inteligência e contribuíram para enriquecer a qualidade de vida do homem, seja por meio de pensamentos científicos, filosóficos ou religiosos, fossem contemporâneos de Jesus Cristo e vivessem nas regiões da Galiléia e da Judéia, certamente eles não estariam no sinédrio acusando-o, mas fariam parte do rol de seus amigos. Sentariam juntos com ele à mesa e, reclinados folgadamente sobre ela, teriam ricos diálogos. Provavelmente andariam com ele de aldeia em aldeia e chorassem quando ele partiu.

O mestre de Nazaré não veio destruir as culturas, segundo o seu pensamento claramente expresso em todas as suas biografias; ele veio para dar “vida” ao homem mortal, introduzir a natureza de Deus dentro dele, enriquecê-lo com uma fonte inesgotável de prazer e imergi-lo numa vida infindável. Jesus não era uma estrela no meio das pessoas. Ele se misturava com elas, fazia parte da cultura delas e se tornava uma delas. Questionado por que ele se misturava com a ralé e comia sem lavar as mãos, ele disse: “O mal não é o que entra pela boca, mas o que sai dela”87. Não que não valorizasse a higiene, mas queria demonstrar que ele veio para mudar o interior do homem. Para isso estabeleceu princípios universais, tais como o que bradou no sermão do monte. Disse: “Felizes ou bem-aventurados são os pobres de espírito”88, ou seja, aqueles que valorizam mais o “ser” do que o “ter” e se colocam continuamente como aprendizes diante da vida; também chamou de bem-aventurados os pacificadores, os misericordiosos, os puros de coração, os que amam e têm sede de justiça etc. Chegou ainda a dizer, contrariando a história, que são “bem-aventurados os mansos porque herdarão a terra”89. A história relata que freqüentemente os que exerceram a violência, ainda que fosse psicológica, são os que freqüentemente herdaram a terra ou ocuparam os espaços sociais, embora nas sociedades democráticas tenha havido um canteiro de exceções. Até na teoria de Darwin os mais fortes e adaptados são os que dominam os mais fracos. Todavia, segundo a sólida convicção do carpinteiro de Nazaré, os mansos são aqueles que um dia herdarão a terra.

Cristo viveu a mansidão como uma sinfonia de vida. Causou a maior revolução

da história sem desembainhar nenhuma espada, sem produzir qualquer tipo de violência. Inspirou muitos homens ao longo das eras. Um deles foi Gandhi, que o admirava muito. Este, como um poeta da vida, libertou a Índia em 1947 do império britânico sem usar a violência.

Somente os fortes poupam o sangue e são capazes de usar os pequenos orvalhos do diálogo, da afetividade e da tolerância para arar e irrigar o solo árido dos obstáculos que estão à sua frente. A mudança inesperada do discurso de Cristo

Lucas descreve que Jesus dobrava seu rosto sobre seus pés e orava intensamente. Tal posição indicava não apenas a sua humildade, mas o seu sofrimento. Nessa posição, ele navegava para dentro do seu próprio ser e suplicava ao Pai.

No capítulo 17 de João, como vimos, ele fez a sua mais longa oração. Mencionou cerca de 39 vezes o nome do Pai e os pronomes relacionados a Ele. Talvez tenha gastado cinco ou dez minutos neste diálogo. Contudo, aqui no Jardim do Getsêmani, orou pelo menos por duas ou três horas90. Mas, como os discípulos dormiram, não temos o registro. Talvez tenha mencionado o nome do Pai centenas de vezes e O tenha convidado a entrar em cada cena do filme da sua mente, em cada etapa da dor que iria atravessar.

Isso deve realmente ter acontecido, pois analisando as poucas frases que foram registradas nesse ambiente, percebemos uma mudança de discurso do filho em relação ao cálice. O registro de Mateus mostra-nos que na primeira frase ele bradou: “Meu Pai: Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como Tu queres”91. Passada uma hora, após ter tido um rico diálogo não registrado, ele, embora gemendo de dor, mudou seu pensamento e disse:

“Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a Tua vontade”92. Essas palavras indicam que ele se convenceu de que não era possível ficar sem beber o cálice. Essa mudança de discurso revela que ele tinha um Pai que não era fruto de sua imaginação, de uma alucinação psicótica. Uma alucinação e um delírio psicótico são produzidos quando uma pessoa perde os parâmetros da realidade e começa a construir, sem consciência crítica, uma série de pensamentos fantasiosos que ela considera que são reais. Quando produzem imagens ou pensamentos ligados a seres ou pessoas, ela crê contundentemente que eles não foram produzidos por si mesma, mas pertencem a outro ser real que está fora dela. Assim, ouve-se voz inexistente, vêem-se imagens irreais e têm-se

sensações estranhas e idéias infundadas. Por isso, se fizermos um diálogo um pouco mais investigativo com uma pessoa que está em surto psicótico, perceberemos facilmente a incoerência intelectual, a dificuldade consistente no gerenciamento dos pensamentos e a perda dos parâmetros da realidade. Cristo não alucinava ou delirava quando dialogava com o seu Pai. Pelo contrário, além de ser coerente e lúcido, desenvolveu, como tenho dito, as funções da inteligência em patamares jamais sonhados pela psiquiatria e pela psicologia.

Não imaginava nem mesmo fazia um jogo de linguagem quando se referia ao seu Pai. A análise das suas palavras e das suas intenções subjacentes evidencia que seu Pai era tão real que tinha uma existência própria, uma vontade definida. Talvez a vontade deles coincidissem em quase tudo o que planejaram, mas aqui, nesta situação, a vontade do Pai não ia ao encontro da sua. O Pai queria a cruz, e o filho, na condição de homem, expressou, ainda que por algum momento, que desejou evitá-la. Esta situação revela claramente que o martírio de Cristo não foi um teatro. Ele, independente de sua divindade, sofreu como um ser de pele, fibras musculares, nervos. Submeteu-se ao seu Pai, não por temor ou por imposição dEle, mas por amor. Um amor que excede o entendimento. Essa diferença de vontade não era um problema para eles, pois um procurava satisfazer o desejo do outro. Por isso, segundo os evangelhos, o maior conflito do universo foi resolvido em pequenos momentos. Por que entre eles há uma inexprimível harmonia? Ambos possuem uma coexistência misteriosa, um assunto que, se os leitores quiserem se aprofundar, devem procurar os livros dos teólogos. Cristo disse certa vez a Filipe, um dos discípulos: “Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?”93. O Pai e o filho fazem parte, juntamente com o Espírito Santo, de uma trindade incompreensível para a inteligência humana.

A vontade do Pai prevaleceu sobre a vontade do filho. O filho compreendeu que o cálice seria inevitável, por isso rendeu-se à vontade do Pai. Embora não tenhamos elementos investigáveis, subentende-se que o Pai, embora contemplasse os gemidos de dor do filho e tivesse consciência dos açoites e feridas pelas quais ele passaria, o convenceu a tomá-lo. Segundo o pensamento de Cristo, se ele falhasse, o plano de Deus falharia. Neste caso, a redenção da humanidade não ocorreria, o perdão das mazelas e das misérias humanas não se realizaria, nenhuma criatura seria eterna. A vida humana seria uma pequena brincadeira temporal, após ela o nada... Como o Pai deve tê-lo convencido a tomar o cálice? Talvez tenha relatado tudo o que o filho já

sabia, todo o seu plano. Entretanto, como ele sofria intensamente como um homem, precisava ser refrigerado com as palavras do seu Pai. Talvez este tenha mencionado o nome de Pedro, João, Maria Madalena, de Lázaro e de todos os homens, mulheres e crianças que ele conheceu e amou ardentemente. Jesus não teve sua vontade atendida pelo Pai, mas ainda assim orou. Por que orou então? Porque aquele diálogo o sustentou, irrigou sua alma com esperança, renovou-lhe as forças. Os discípulos, estressados, dormiam um pesado sono, mas ele velejava para dentro de si mesmo. Se o filho insistisse em não tomar o cálice, o Pai realizaria o seu desejo, mas ele disse: “faça a Tua vontade...”. Talvez para o Pai morrer na cruz fosse mais fácil do que suportar seu filho sendo espancado e, ainda assim, ficar quieto; ser injuriado e, ainda assim, ser dócil; ser açoitado e, ainda assim, ser tolerante; ser esmagado na cruz e, ainda assim, ter o desprendimento de amar e perdoar. Certa vez Jesus disse que se o homem, que é restrito na sua capacidade de amar, dava boas dádivas aos seus filhos quando eles lhe pediam, Deus muito mais, por ter uma capacidade insondável de amar, daria mais coisas aos homens se eles insistentemente lhe pedissem94. Por meio dessas palavras, inferia que seu Pai era incomparavelmente mais afetivo do que o nosso instável e circunstancial amor. Uma voz vinda do céu ecoava o que o Pai sentia pelo filho: “Este é o meu filho amado em quem tenho prazer”95. Segundo as biografias de Cristo, a sua morte foi o evento mais importante e o mais dolorido para o Deus eterno. Vemos o desespero de Deus e de seu filho e da angústia que ambos viveram para mudar o destino da humanidade.96

Só os mortos realmente sabem se essa mudança de destino foi real ou não. Aqui, no “palco dos vivos”, só nos resta crer ou rejeitar suas palavras. É uma atitude totalmente pessoal, com conseqüências pessoais. Não há como não ficarmos perplexos diante desses acontecimentos. A meta impressionante: “Vós sois deuses”

Agostinho, nos séculos iniciais da era cristã, resumiu resolutamente o seu pensamento sobre a missão e o cálice de Cristo: “Deus se tornou um homem para que o homem se tornasse Deus”*. Agostinho, neste pensamento, quis dizer que o objetivo de Deus é que o homem conquistasse a natureza divina e se tornasse filho de Deus, não para ser adorado, mas para receber todas as dádivas do seu ser. O próprio apóstolo Pedro, na sua velhice, escreveu em uma de suas cartas que através de Cristo

“nós somos cooparticipantes da natureza de Deus”97. Incompreensível ou não era isso que pensavam Cristo e seus mais íntimos seguidores. Como pode o

homem, tão cheio de falhas e tão restrito na sua maneira de pensar, receber a natureza de Deus e ser eterno como ele?

De fato, independente de rejeitar ou não o pensamento de Cristo, uma análise profunda das suas biografias revela que tomar o cálice não tinha conotação de sofrer como um pobre miserável, mas revela o plano mais ambicioso jamais realizado, o plano de Deus; o plano de infundir a imortalidade para dentro do homem temporal.

Um dia, alguns judeus se encharcaram de ira pela blasfêmia de Jesus que, sendo um homem, se dizia Deus. Então Jesus, perturbando-os drasticamente, replicou: “Não está escrito na vossa lei: ‘Eu disse: Sois deuses?’”98. O texto que Jesus citou do Velho Testamento caiu como uma bomba na mente daqueles homens que supunham conhecer as Escrituras antigas. Eles nunca tinham prestado atenção em alguns pontos fundamentais que estavam implícitos neste texto do salmo 86. O mestre continuou a confundi-los: “Se ele chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida, e a Escritura não pode ser anulada, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas, porque eu disse: sou filho de Deus?”99.

Estas palavras revelam o cerne do seu plano transcendental. Ele queria que a criatura humana recebesse a natureza incriada e eterna de Deus. Se para aqueles homens as palavras do carpinteiro de Nazaré, dizendo que era o próprio filho de Deus, já era considerada uma blasfêmia insuportável, imagine o que eles pensaram do objetivo dele de fazer criaturas instáveis e temporais, filhos do Deus altíssimo. Os seus opositores não sabiam como defini-lo. Uns achavam que ele estava louco, outros que ele estava tendo um delírio espiritual (diziam que ele tinha demônio) e outros ainda saíam confusos sem nada concluir.

A medicina é a mais complexa das ciências. Ela é uma fonte concentradora das diversas áreas do conhecimento. Compõe-se da biologia, da química, da física, da matemática e de outras ciências. Todavia, o médico mais culto e experiente pode no máximo dizer que quem crê em seu tratamento pode resolver a sua doença. Todavia, Cristo era tão intrigante que dizia que quem cresse nele teria a vida eterna. Que poder se escondia dentro do carpinteiro de Nazaré para que tivesse a coragem de expressar que transcenderia todas as indescritíveis conseqüências psicológicas e filosóficas do fim da existência?

Há milhares de hospitais e milhões de médicos espalhados pelo mundo inteiro,

objetivando não apenas melhorar a qualidade de vida, mas também retardar o fim da existência humana. Por fim, infelizmente, a morte triunfa e derrota a medicina. Todavia, apareceu um homem há dois milênios cujas palavras causaram o maior impacto da história. Ele discursou, sem qualquer insegurança, que veio com a missão de triunfar sobre a morte. Queria romper a bolha do tempo que envolvia a humanidade e fazer com que o mortal alcançasse a imortalidade. Que propósito impressionante!

C A P Í T U L O 1 1

O HOMEM

COMO SER

INSUBSTITUÍVEL

O mestre da sensibilidade

Chegamos ao final deste livro. Aqui veremos três características fundamentais da personalidade de Jesus Cristo: a sensibilidade, o prazer em passar desapercebido e a preocupação específica por cada ser humano.

Estudá-las contribuirá para compreendermos alguns pensamentos e reações subjacentes da pessoa mais bela e difícil de se compreender que passou por esta terra.

A sensibilidade e a hipersensibilidade

Para elucidar este assunto, permitam-me contar-lhes uma história. M. L. é uma educadora brilhante. Percebe o mundo de maneira diferente da maioria das pessoas. Contempla os pequenos detalhes da vida, capta os sentimentos mais ocultos das pessoas que a rodeiam. O sorriso de uma criança a encanta, até as folhas revoando ao léu a inspiram. Gosta de extrair lições das dificuldades que atravessa. A vida, para ela, não é um espetáculo vazio, mas um show de emoções. Concluindo: M. L. desenvolveu a sensibilidade, que é uma das características mais nobres da inteligência e uma das mais difíceis de ser conquistadas. Contudo, dificilmente alguém consegue desenvolver uma sensibilidade madura, acompanhada de proteção emocional, segurança e capacidade de filtrar os estímulos estressantes. Por isso, normalmente, as pessoas sensíveis se tornam como M. L., ou seja, hipersensíveis.

As pessoas hipersensíveis têm as belíssimas características da sensibilidade, mas, ao mesmo tempo, têm freqüentes crises emocionais e um humor flutuante, que se alterna entre o prazer e a dor. Quando erram ou fracassam, se punem excessivamente. Quando percebem alguém sofrendo, sofrem junto com ele e, às vezes, até mais do que ele. Diante de uma perda, sofrem um impacto emocional inadministrável. Gravitam em torno das dificuldades que ainda não aconteceram

e não conseguem impedir dentro de si mesmas o eco dos estímulos estressantes que as circundam.

Pode-se dizer que as pessoas hipersensíveis são as melhores da sociedade, pois são incapazes de ferir os outros, mas são péssimas para si mesmas. Toleram os erros dos outros, mas não toleram seus próprios erros. Compreendem os fracassos dos outros, mas não suportam os seus próprios fracassos. São especialistas em autopunir-se. Muitos poetas e pensadores eram hipersensíveis, por isso tiveram graves crises emocionais.

A sensibilidade é uma das mais sublimes características da personalidade; sem ela não se desenvolve a arte da contemplação do belo, a criatividade, a socialização. Porém a escola pouco valoriza a educação da sensibilidade, bem como pouco estimula a proteção emocional.

O mestre de Nazaré desenvolveu a sensibilidade emocional no seu sentido mais belo. Nele, ela se tornou mais do que uma característica de personalidade, mas uma arte poética. Era afetivo, observador, criativo, detalhista, perspicaz, arguto, sutil. Destilava o prazer nos pequenos eventos da vida e, ainda por cima, conseguia perceber os sentimentos mais ocultos naqueles que o cercavam. Conseguia ver encanto numa viúva pobre e perceber as emoções represadas numa prostituta. Cristo foi o mestre da sensibilidade. Treinou sua sensibilidade desde criança. À medida que crescia em sabedoria, desenvolvia uma emoção sutil e uma inteligência refinada, por isso tinha uma habilidade psicoterapêutica impressionante, a de perscrutar os pensamentos não verbalizados e de se adiantar às emoções não expressas.

Por que, quando adulto, se tornou um exímio contador de histórias? Porque na sua infância e juventude a rotina e o tédio não cruzaram a sua vida. Enquanto os meninos e até os adultos de sua época viviam suas vidas como meros passantes, ele penetrava e meditava nos mínimos detalhes dos fenômenos que o rodeavam. Devia olhar para o céu e compor poesia sobre as estrelas. Certamente despendia um longo tempo contemplando e admirando as flores dos campos. Os lírios cativavam seus olhos e as aves dos céus o inspiravam100. Até o canto dos pardais, que perturbam ao entardecer, soava como uma música aos seus ouvidos. O comportamento das ovelhas e os movimentos dos pastores não passavam desapercebidos para este poeta da vida.

Por ser um exímio observador, o mestre da sensibilidade se tornou um excelente

contador de histórias e de parábolas. Suas histórias curtas e cheias de significado continham todos os elementos que ele contemplou, admirou e selecionou ao longo da vida. Morreu jovem, tinha pouco mais de trinta anos, mas acumulou em sua humanidade uma sabedoria que o mundo acadêmico ainda não incorporou. A vida não o privilegiou com fartura, mas extraiu riqueza da miséria. Rompeu os parâmetros da matemática financeira; era riquíssimo, embora não tivesse onde reclinar a cabeça. Mergulhou desde a meninice num ambiente estressante, mas destilou mansidão e lucidez do seu "deserto". Tornou-se tão manso e calmo que, quando adulto, considerou-se a própria matriz da tranqüilidade. Por isso fez ecoar nos tensos territórios da Judéia e Galiléia um convite nunca antes ouvido: "Aprendei de mim porque sou manso e humilde de coração"101. Nossa paciência é instável e circunstancial, mas a dele era estável e contagiante. Aqueles que o seguiam de perto não sentiam temores nem abalos emocionais. Sua sensibilidade era tão arguta que quando uma pessoa sofria ao seu lado, ele era o primeiro a perceber e a procurar aliviá-la. As dores e as necessidades dos outros mexiam com as raízes do seu ser. Tudo o que tinha repartia. Era um antiindividualista.

Cristo tinha uma amabilidade surpreendente. Freud excluiu da família psicanalítica os que pensavam contrariamente às suas idéias, mas o mestre de Nazaré não excluiu da sua história aquele que o traiu e aquele que o negou. As pessoas podiam abandoná-lo, mas ele jamais desistia de alguém. Era de se esperar que, pelo fato de ter desenvolvido o ápice da sensibilidade, tivesse todos os sintomas da hipersensibilidade. Ao contrário, ele conseguiu reunir na mesma orquestra de vida duas características quase que irreconciliáveis: a sensibilidade e a proteção emocional. Cuidava dos outros como ninguém, mas não deixava a dor deles invadir a sua alma. Vivia no meio dos seus opositores, mas sabia se proteger, por isso não se abatia quando desprezado ou injuriado. Conseguia mesclar a segurança com a docilidade, a ousadia com a simplicidade, o poder com a capacidade de apreciar os pequenos detalhes da vida.

Ao contrário das pessoas sensíveis, as insensíveis dificilmente expõem suas emoções. São egoístas, individualistas, implacáveis e reconhecem pouco seus erros, por isso são especialistas em reclamar e criticar superficialmente tudo o que as circundam. Elas estão sempre se escondendo atrás de uma cortina de segurança, que reflete não uma emoção tranqüila, mas uma emoção engessada e insegura. Terapeuticamente falando, é muito mais fácil conduzir uma pessoa hipersensível a proteger sua emoção e a aparar algumas arestas da sua hipersensibilidade do que conduzir uma pessoa insensível a despojar-se da sua

rigidez e conquistar a sensibilidade. Todavia, é sempre possível reescrever algumas características da personalidade; o desafio está em sair da condição de espectador passivo para agente modificador do script de sua história.

Os melhores pensadores da psicologia, da filosofia e da literatura conquistaram algumas características da sensibilidade, mas, ao mesmo tempo, sucumbiram nas águas da hipersensibilidade emocional. Diferente deles, o mestre de Nazaré, apesar de ter desenvolvido todas as características da sensibilidade, sabia navegar com habilidade no território da emoção. Embora a sensibilidade freqüentemente penda para a hipersensibilidade, quanto mais uma pessoa aprende a destilar o prazer nos pequenos detalhes da vida, mais ela é saudável emocionalmente. Não espere encontrar, em abundância, homens ricos na matemática da emoção na avenida Paulista, na avenida Champs Elisee, em Wall Street e entre os milionários listados pela Forbes. Procure-os entre aqueles que acham tempo para observar “o brilho das estrelas”.

Alguém poderá argumentar: em São Paulo não podemos ver as estrelas, pois o ar é poluído! Sempre haverá argumentos para adiarmos o desenvolvimento da sensibilidade. Se há uma cortina de poluição que aborta nosso campo visual, há certamente um universo de detalhes que pulsa ao nosso redor: um diálogo aberto, o sorriso das crianças, uma viagem para dentro de si mesmo, uma revisão de paradigmas, a leitura de um livro. Precisamos gastar tempo com aquilo que não dá lucro para o bolso, mas para o interior. Jesus dizia que o tesouro do coração é estável, enquanto o material é transitório102. Ao preservar sua emoção nos focos de tensão e destilar o prazer nos pequenos eventos da vida, o carpinteiro deixou-nos um modelo vivo de que é possível desenvolver a sensibilidade, mesmo num ambiente em que só podia ver pedras e areia...

As características ímpares

do caráter de Deus e de Jesus

Jesus Cristo não foi apenas o mestre da sensibilidade, mas também teve uma característica difícil de ser compreendida, o que torna a sua personalidade paradoxal, diferente de todas as outras que possamos analisar: gostava de passar desapercebido e de ser encontrado por aqueles que enxergam com o coração. Antes de estudarmos essa característica de Cristo, gostaria de convidar o leitor a mergulhar em algumas indagações filosóficas sobre o caráter do autor da existência, Deus. Ao olharmos para o universo percebemos tudo tão belo e

organizado, entretanto onde está o seu autor? Se há um Deus no universo, por que Ele deixa a mente humana em suspense e não mostra claramente a sua identidade? Se Ele é onisciente, ou seja, se tem plena consciência de todas as coisas, inclusive das nossas indagações a seu respeito, por que não resolve as dúvidas que há séculos nos perturbam?

O universo todo, incluindo as milhões de espécies da natureza, acusam a existência de um criador. Todavia, apesar de ter feito uma obra fantástica, Ele não quis assiná-la. Por que não? Não quis porque Ele é um mero fruto da nossa mente e, portanto, não existe, ou porque Ele possui uma personalidade que rejeita o exibicionismo? Essa é uma grande questão! Muitos se tornaram ateus porque não encontraram respostas para suas dúvidas. Outros, no entanto, procuram o Criador com os olhos do coração e, por isso, afirmam encontrar sua assinatura em cada lugar e em cada momento, nas serenatas dos pássaros, na anatomia das flores e até no sorriso das pessoas...

É próprio de um autor assinar a sua obra, ainda que com pseudônimo, mas, ao que tudo indica, o Criador deixou que os inumeráveis detalhes da sua criação falassem por si só, fossem a sua própria assinatura.

Alguns administradores públicos realizam pequenas obras, mas, ao inaugurá-las, fazem grandes discursos. O autor da existência, ao contrário, fez obras admiráveis, tão grandes que todas as enciclopédias do mundo não poderiam descrevê-las, contudo não fez nenhum discurso de inauguração. Ninguém invade a esfera patrimonial de alguém sob pena de, ao fazê-lo, sofrer uma ação judicial. Contudo, estamos vivendo numa propriedade, a terra, onde dela retiramos o alimento para viver, o ar para respirar e ainda fazemos dela um território para morar. Mas onde está o proprietário deste planeta azul, imergido no tempo e no espaço, que se destaca dos trilhões de outros no cosmos? Por que ele não reivindica o que é seu e nos cobra “impostos” para usufruir sua mais excelente propriedade? Estas são questões importantes!

Existiram, em toda a história, homens no campo filosófico e teológico que consumiram grande parte de sua energia mental tentando descobrir os mistérios da existência. E quanto mais perguntaram, mais aumentaram suas dúvidas. Por que o autor da vida não se revela sem rodeios a essa espécie pensante, à

qual pertencemos?

Alguns argumentarão: Ele deixou diversos escritos de homens que tiveram o privilégio de conhecer parte dos seus desígnios. Tome como exemplo a Bíblia. Ela tem dezenas de livros e demorou cerca de 1500 anos para ser escrita. Convenhamos que, ainda que possamos mergulhar nos textos bíblicos e ficar encantados com muitas de suas passagens, temos de reconhecer que Deus é um ser misterioso e muito difícil de ser compreendido. Apesar de onipresente, ou seja, de estar em todo tempo e em todo lugar, Ele não se mostra claramente, por isso usou homens para escrever algo sobre si. Isaías foi um dos maiores profetas das Antigas Escrituras. Em um dos seus textos, ele fez uma constatação brilhante sobre uma característica de Deus que só os mais sensíveis conseguem perceber. Disse: “... verdadeiramente Tu és um Deus que se encobre”103. Isaías olhava para o universo, via um mundo admirável, mas ficava perturbado, pois seu autor não gostava de se ostentar, ao contrário, apreciava se ocultar aos olhos visíveis.

Certo dia, Elias, outro profeta de Israel, atravessava um grande problema. Estava sendo perseguido e corria grave risco de vida. Conflitante, se escondeu da presença dos seus inimigos e perguntava onde estaria o Deus a que ele servia. Este fez surgir um vento impetuoso, mas Ele não estava no vento. Fez surgir um forte fogo, mas também não estava na violência das suas labaredas. Então, para o espanto de Elias, Ele fez surgir uma brisa suave, quase que imperceptível, e lá Ele estava104. Amamos os grandes eventos, mas Deus ama as coisas singelas. É preciso enxergar as coisas pequenas para encontrar Aquele que é grande.

Einstein, o maior cientista do século XX, queria entender a mente de Deus. O autor da teoria da relatividade era mais ambicioso do que se pode imaginar. Como investigador irrefreável, estava interessado em conhecer mais do que os mistérios da física, mais do que a relação tempo/espaço que tanta insônia causa nos cientistas. Queria compreender os pensamentos de Deus. Outros pensadores, como Descartes, Spinoza, Kant, Kierkegaard, fizeram de suas indagações a respeito de Deus objeto constante de suas pesquisas. Gastavam tempo produzindo conhecimento sobre o Criador. Nunca brotou no cerne da inteligência do leitor indagações sobre o que é a existência e quem é

o seu autor?

É próprio do homem amar os aplausos, gostar da aparência, ter prazer no poder e se sentir acima dos seus pares. Pense um pouco. Se o autor da existência aparecesse subitamente na terra, de maneira clara e visível, Ele não mudaria completamente a rotina humana? Os homens todos não se prostrariam aos seus

pés? Não seria Ele estampado nas primeiras páginas de todos os jornais? Sua presença certamente seria o maior acontecimento da história.

Segundo as biografias de Jesus Cristo, esse fato já ocorreu. Há dois mil anos o Deus eterno finalmente resolveu mostrar a sua "face", dar-se a conhecer a suas criaturas terrenas. João 1 diz:

"Ninguém jamais viu a Deus; o filho unigênito, que está no seio do Pai, o revelou"105. Diante dessas palavras, todos poderíamos exclamar: "Agora, afinal, o autor da existência veio revelar sua identidade". Todavia, ao analisar a história de Jesus, em vez de termos resolvido nossas dúvidas, eis que elas aumentaram. Por quê? Porque era de se esperar que o filho do Deus altíssimo nascesse no melhor palácio da terra, no mínimo na fortaleza Antônia, que era o palácio de Pilatos. Para nosso espanto, nasceu entre os animais. No aconchego de um curral ele soltou suas primeiras lágrimas. O ar, saturado de um odor azedo de estrume fermentado, ventilou pela primeira vez seus pequenos pulmões. Também era de se esperar que ele mostrasse ao mundo as suas virtudes e seu poder desde o seu nascimento, mas viveu no anonimato até os trinta anos. Quando resolveu, enfim, se manifestar, fez milagres inacreditáveis, mas, em vez de usá-los para convencer os homens da sua real identidade, pedia insistentemente para que as pessoas não contassem a ninguém o que havia feito. Esse Jesus é tão inusitado que confunde qualquer pessoa que investigar a sua personalidade. Ele, pelo simples poder da sua palavra, rompeu as leis da física como se fossem brinquedos. Curou cegos, ressuscitou mortos, acalmou tempestades, andou sobre as águas, multiplicou a matéria (pães), transfigurou-se, enfim fez tudo o que a física e as ciências mais lúcidas acham impossível ser feito. Fez o que ninguém jamais sonhou em realizar. Por isso, ao investigá-lo, não é possível ter mais do que duas hipóteses: Ou ele é a maior fraude da história ou a maior verdade do universo; ou os discípulos estavam delirando quando o descreveram ou, de fato, estavam relatando a pessoa mais admirável, atraente e difícil de ser compreendida que transitou por esta terra.

Crer ou não em Jesus Cristo é algo totalmente pessoal, algo que diz respeito à consciência individual. Entretanto, independente de rejeitá-lo ou amá-lo, de acordo com a tese que defendi no primeiro livro, Análise..., os discípulos não poderiam ter inventado uma personalidade como a dele. Nem o autor mais fértil conseguiria imaginar um personagem com as suas características, pois suas reações e pensamentos ultrapassam os limites da previsibilidade, da criatividade e da lógica humana. O menino Jesus deveria ter crescido aos pés dos intelectuais

da sua época e ter convivido com a

“fina flor” da filosofia grega. Mas não freqüentou escolas e, ainda por cima, foi entalhar madeiras. Como é possível que aquele que postula ser o co-autor de bilhões de galáxias perca tempo em trabalhar uma tora de madeira bruta? Isto não parece loucura? Loucura aos olhos físicos, mas sabedoria para aqueles que enxergam com o coração, para aqueles que enxergam além dos limites da imagem. Os deuses gregos, se fossem vivos, ficariam boquiabertos ao saber que aquele que postula ser o criador dos céus e da terra, na única vez que veio se revelar claramente ao homem, escondeu-se atrás dos estalidos dos martelos.

O co-autor da existência na

pele de um carpinteiro

João, na sua velhice, fez um relato surpreendente sobre Jesus . Descreveu: “Tudo foi feito nele (Cristo) e sem ele nada do que foi feito se fez”106. Segundo o pensamento desse discípulo, o próprio Jesus projetou junto com o Pai a existência, o mundo animado e inanimado. Ambos, Pai e filho, colocaram o cosmos numa “prancha de arquitetura”. Ambos foram responsáveis pela autoria da existência, por isso disse que sem ele nada se realizou.

João foi mais longe ainda e comentou: “O verbo se fez carne e habitou entre os homens”107. Segundo esse discípulo, o co-autor da existência pisou nesta terra, revestiu-se de um corpo biológico, adquiriu uma humanidade e habitou entre os homens. Por estar escondido na pele de um carpinteiro, é

provável que muitos dos que o elogiam e dizem amá-lo hoje, se estivessem presentes naquela época, tivessem grande dificuldade de enxergá-lo e segui-lo.

A convicção com que ele discorre sobre Jesus é admirável. Segundo sua ótica, aquele que nasceu num curral foi o autor da vida, foi quem confeccionou os segredos dos códigos genéticos, bem como a plasticidade das suas mutações.

Segundo o pensamento dos quatro evangelhos, Deus e seu filho não são uma mera energia cósmica e extremamente inteligente, não são um mero poder superior ou uma mente universal, mas seres dotados de personalidade e com características particulares, como cada um de nós. Diversas características são claramente percebidas, entre elas o prazer de passarem desapercebidos e de darem plena liberdade ao homem de procurá-los ou rejeitá-los.

Um dia, uma criança, filha de Jairo, morreu. Jesus foi até a sua casa. Chegando lá, encontrou muitas pessoas pranteando na sala de espera. Tentando consolá-las, disse com a maior naturalidade: “Não choreis; ela não está morta, mas dorme.”108. Imediatamente aquelas pessoas mudaram seu estado emocional e começaram a rir dele, pois sabiam que ela estava morta. Sem se importar com este fato, adentrou no quarto em que a menina jazia e onde estavam os pais e alguns discípulos. Lá, com incrível determinação, chocou os presentes. Apenas deu uma ordem para a menina se levantar e ela imediatamente reviveu.

Em seguida, teve duas reações inesperadas que mostravam seu caráter de não buscar ostentação. Primeiro, pediu que dessem de comer para a menina. Ora, para quem fez o milagre de ressuscitá-la, não seria fácil alimentá-la sobrenaturalmente? Claro! Contudo, ele se escondeu atrás daquele pedido e, além disso, por meio dele queria mostrar que a vida humana não deveria ser feita de milagres, mas de labutas. O mesmo ocorreu quando ele pediu para que tirassem a pedra do túmulo de Lázaro. Segundo, apesar de os pais da menina terem ficado maravilhados com seu ato, advertiu-os para que não contassem a ninguém o que havia acontecido. Como seria possível esconder aquele fato? Jesus sabia que ele se alastraria como fogo no feno seco. Mas por que pediu o silêncio?

Tal pedido não era seu marketing, ou seja, não advertia as pessoas para ocultarem os seus atos para despertar nelas o desejo de divulgá-los. Não, ele não simulava seu comportamento, pois, como vimos, viveu a arte da autenticidade. Ao fazer esse pedido, estava somente querendo ser fiel à sua consciência, pois nunca fazia nada para se autopromover, mas para aliviar a dor humana. Se quisesse, poderia abalar o Império Romano, mas preferia ser apenas um semeador que planta ocultamente suas sementes. Recusando usar seu poder para aliviar-se

Nós gostamos de ser estrelas no meio da multidão. E, ainda que não confessemos, apreciamos que o mundo gravite em torno de nós. Mas Jesus simplesmente não tinha essa necessidade. Os seus inimigos o tratavam como a um nazareno, como pessoa desprezível, sem cultura e status político, mas isso não o perturbava. Pelo contrário, alegrava-se em não pertencer ao staff dos fariseus. Fazia questão de ser confundido com seus amigos. Muitos querem ser diferentes dos outros, embora não tenham nada de especial. Contudo, Jesus, apesar de ser tão diferente da multidão, agia com naturalidade. Ele alcançou uma das virtudes mais belas da inteligência: ser especial por dentro, mas comum por

fora, ainda que famoso.

Havia uma estrutura dentro dele que nos deixa estarrecidos. Enquanto os seus inimigos estavam tramando como matá-lo, ele estava discursando que era uma fonte de prazer, uma fonte de água viva. Enquanto os seus inimigos preparavam falsas testemunhas para condená-lo, ele ainda achava tempo para falar de si mesmo com poesia, discursava simbolicamente que era uma videira que jorrava uma rica seiva capaz de satisfazer seus discípulos e torná-los frutíferos109. Que homem é este que expressava um ardente prazer de viver num ambiente de perdas e rejeições? Que segredos se escondiam no cerne do seu ser que o inspiravam a fazer poesia onde só havia clima para chorar e não para pensar?

Cristo viveu um paradoxo brilhante. Demonstrou um poder incomum, mas na hora do seu sofrimento, esquivou-se completamente de usá-lo. Vocês não acham isso estranho? Por isso seus acusadores o torturavam aos pés da sua cruz dizendo: “Salvou a outros, mas não salvou a si mesmo”110. Seus detratores jamais poderiam torturar aquele homem que exalava doçura e amabilidade, mas por outro lado eles tinham razão de ficar perturbados com o fato de ele ter feito tanto por outros, mas nada para si mesmo. Nunca na história alguém tão forte esquivou-se de usar a sua força em benefício próprio. No Getsêmani, não conteve nem mesmo a sua taquicardia, seu suor e a dor da sua alma. Na cruz não o deixaram morrer em paz: um eco provocativo feria-lhe a emoção já angustiada: “Médico, salva-te a ti mesmo”. Mas, ainda que combalido, resistia. Usou todas as suas células para se comportar como um homem.

O homem, um ser insubstituível

Quando eu era um ateu cético, pensava que Deus fosse apenas uma fantasia humana, um fruto imaginário da mente para abrandar os seus conflitos, uma desculpa da fantástica máquina cerebral que não aceita o caos da finitude da vida. Posteriormente, ao investigar o processo de construção da inteligência e perceber que nele há fenômenos que ultrapassam os limites da lógica, comecei a perceber que as leis e os fenômenos físicos não podem explicar plenamente a psique humana. Em milésimos de segundos entramos nos labirintos da memória e, em meio a bilhões de opções, construímos as cadeias de pensamentos com substantivos, sujeitos, verbos, sem saber previamente qual o lócus deles. Como isso é

possível? Intrigado, comecei a perceber que deve haver um Deus que se esconde

atrás do véu da sua criação.

Perguntei, questionei, indaguei continuamente alguns mistérios da existência. A arte da pergunta ajudou muito a me esvaziar dos preconceitos e abrir as janelas da minha mente. O tamanho das perguntas determina a dimensão das respostas. Só quem não tem medo de perguntar e de questionar, inclusive as suas próprias verdades, pode se fartar das mais belas respostas. Que respostas encontrei?

Não preciso dizê-las. Encontre as suas. Pergunte e investigue quantas vezes for necessário. Ninguém pode fazer essa tarefa por nós. Ninguém pode ser responsável pela nossa consciência. Permitam-me afirmar que o final das biografias de Cristo revelam algo nunca escrito ou pensado, que passo a discorrer. Esses textos compõem a mais bela passagem da literatura mundial. Do ponto de vista filosófico, a vida humana é uma gota existencial na perspectiva da eternidade. Num instante somos moços e noutro instante somos velhos... Morremos um pouco a cada dia. Milhares de genes conspiram contra a continuidade da existência, traçando as linhas da velhice, nos conduzindo para o fim do túnel do tempo.

A história de Cristo mostra-nos que o Deus auto-existente e sempiterno se importa realmente com os complicados mortais. Sem analisar a sua história, é difícil olhar para o universo e não questionar: quem nos assegura que não somos marionetes do poder do Criador? Será que não somos objetos do seu divertimento que mais tarde serão descartados no torvelinho do tempo?

Nas sociedades humanas, mesmo nas democráticas, somos mais um número de identidade, mais um ser que compõe a massa da sociedade. Contudo, apesar de Jesus ser uma pessoa coroada de mistérios, ele não deu margem a dúvidas que tinha vindo com a missão de proclamar ao mundo que o homem era singular para Deus.

Na parábola do filho pródigo111, da ovelha perdida112 e de tantas outras, este agradável contador de histórias empenha a sua própria palavra afirmando categoricamente que o ser humano não é um objeto descartável do Criador, mas cada um deles é um ser insubstituível e inigualável, apesar dos seus erros, falhas, fragilidades e dificuldades. Usou seu próprio sangue como tinta para escrever um tratado eterno entre o Criador e a criatura.

Se os textos dos evangelhos não nos tivessem relatado, não seria possível a

mente humana, seja de um pensador ou do mais ilustre teólogo, conceber a idéia de que o autor da existência tivesse um filho e que, por amar a humanidade incondicionalmente, Ele o enviaria ao mundo para viver as condições mais inumanas e, por fim, se sacrificar por ela113. Como pode o Criador amar a tal ponto uma espécie tão cheia de defeitos, cuja história está mergulhada num mar de injustiça e violação de direitos?

O filho morreu como o mais indigno dos homens e, paralelamente, enquanto ele morria, o Pai chorava intensamente, ainda que possamos não atribuir lágrimas físicas a Deus. Ele chorava a cada ferida, hematoma e estalido de martelo que cravava seu filho na cruz. Os pais não suportam a dor dos seus filhos. Uma pequena ferida de um deles é capaz de fazer alguns entrarem em desespero. Por isso, um dos maiores desejos deles é fechar seus olhos antes dos seus filhos. Vê-los morrer é indubitavelmente a maior dor que podem sofrer. Agora, imagine a dor do Pai pedindo para Jesus se entregar voluntariamente e deixar que os homens o julgassem. Segundo as escrituras neotestamentárias, há dois mil anos aconteceu o evento mais importante da história. O mais dócil e amável dos homens foi espancado, ferido e torturado. O seu Pai estava assistindo a todo o seu martírio. Podia fazer tudo por ele, mas, se interviesse, a humanidade estaria excluída do seu plano. Por isso, nada fez. Foi a primeira vez na história que um pai teve pleno poder e pleno desejo de salvar o seu filho, de estancar a sua dor e punir os seus inimigos e se absteve de fazê-lo. Quem mais sofreu, o filho ou o Pai? Ambos.

O Autor da existência abriu uma profunda vala na sua emoção à medida que seu filho morria lentamente. Ambos viveram o mais impressionante espetáculo de dor. Que entrega arrebatadora! Deus estava soluçando em todos os cantos do universo. O imenso universo ficou pequeno demais para o Todo-poderoso. O tempo, inexistente para o Onipresente, fez pela primeira vez uma pausa, custou a passar. Cada minuto se tornou uma eternidade.

O comportamento do “Deus Pai” e o do “Deus filho” implodem completamente nossos paradigmas religiosos e filosóficos, dilaceram os parâmetros da psicologia. Em vez de exigirem sacrifícios e reverências da humanidade, ambos se sacrificaram por ela. Pagaram um preço indescritível para dar para eles o que consideravam a maior dádiva que um ser humano pode receber, aquilo que Cristo chamava de o “outro consolador”, o Espírito Santo. Que amor é este que se doa até as últimas conseqüências?

Tibério César estava assentado no trono em Roma. Queria dominar a terra com espadas, lanças e máquinas de guerra. Mas o Autor da vida e seu filho, que postulam ser os donos do mundo, queriam sujeitá-lo com uma história de amor. Gostamos das torrentes de águas, mas eles preferem o silêncio da brisa, a umidade anônima dos orvalhos.

O Pai e o filho são fortes ou fracos? Fortes a tal ponto que não precisavam mostrar sua força. Grandes a tal ponto que se misturaram com os homens mais desprezados da sociedade. Nobres a tal ponto que queriam ser amados pelos homens, e não tê-los como seus escravos ou servos. Pequenos a tal ponto que só são perceptíveis àqueles que enxergam com o coração. Somente alguém tão forte e tão grande consegue se fazer tão pequeno e acessível! É impossível analisá-los e não sentir o quanto somos mesquinhos, orgulhosos, individualistas e emocionalmente frios.

As metas de Jesus não eram os seus milagres exteriores. Esses eram pequenos perto do seu real desejo de transformar o interior do homem, reparar as avenidas dos seus pensamentos, arejar os becos das suas emoções e fazer uma faxina nos porões inconscientes de sua memória. Somente uma mudança de natureza conduziria o homem a conquistar as características mais importantes da personalidade que Cristo amplamente viveu. Se cada ser humano, independente da religião que professe, incorporasse em sua personalidade algumas dessas características, a terra não seria mais a mesma. Os consultórios dos psicoterapeutas se esvaziariam. Não haveria mais violência nem crimes. As nações não gastariam mais um tostão com armas. A fome e as misérias seriam extintas. As prisões virariam museus. Os soldados tornar-se-iam romancistas. Os juízes despiriam suas togas. Não haveria mais necessidade da carta magna da ONU (Organização das Nações Unidas), que declaram os direitos universais do homem, pois o amor, a preocupação com as necessidades dos outros, a solidariedade, a tolerância, a busca de ajuda mútua, o prazer pleno, o sentido existencial e a arte de pensar seriam cultivados indefinidamente. As sociedades se tornariam um jardim com uma única estação, a primavera.

O mestre da sensibilidade foi para o caos

Estudamos a trajetória de Cristo até o Getsêmani. Agora, chegou o momento de o mestre da sensibilidade ser preso e julgado. O mundo, a partir de então, conheceria a mais dramática seqüência de dor física e psicológica que um homem já suportou. São mais de trinta tipos de sofrimentos, assunto a ser

estudado no próximo livro da série Análise.... Jamais alguém pagou conscientemente um preço tão alto para executar suas metas, para materializar seu sonho.

Ao estudarmos cada uma das etapas de sofrimento que Jesus Cristo viveu nos instantes finais de sua vida e como ele se comportou diante delas, até morrer de desidratação, hemorragia, exaustão e falência cardíaca, provavelmente nunca mais seremos os mesmos...

Alguns, diante das suas angústias, desistem dos seus sonhos e, às vezes, até da própria vida. Cristo era diferente, amava viver cada minuto da sua vida.Tinha consciência de que o feririam sem piedade, mas ele não se suicidaria. Havia predito que o humilhariam, cuspir-lhe-iam no rosto e o tornariam um show público de vergonha e dor, mas ele permaneceria de pé, firme, fitando os olhos dos seus acusadores. A única maneira de cortá-lo da terra dos viventes era matá-lo, extrair-lhe cada gota do seu sangue.

Nunca alguém que sofreu tanto demonstrou convictamente que a vida, apesar de todas as suas intempéries, vale a pena ser vivida!

Notas

Bibliográficas

1-Mateus 26:39

2-João 12:27

3-Mateus 11:29

4-João 16:33

5-Mateus 6:12

6-João 9:2

7-João 9:3

8-Mateus 5:22

9-Mateus 5:9

10-João 7:37

11-João 5:39-40

12-Mateus 23:1-36

13-Mateus 23:6-7

14-Mateus 22:23

15-Mateus 22:29

16-Lucas 13:33

17-Mateus 22:16

18-Mateus 22:17

19-Mateus 22:20-21

20-Mateus 6:10

21-Mateus 6:33

22-Lucas 22:15

23-João 1:29

24-Mateus 26:26

25-João 6:53

26-Mateus 26:30

27-Mateus 26:30

28-Mateus 26:30

29-João 7:37-38

30-João 16:29

31-João 16:33

32-João 13:34

33-João 14:2

34-João 14:19

35-João 17:1-5

36-João 17:5

37-João 8:58

38-Êxodo 3:14

39-João 17:1

40-Mateus 17:2

41-João 17:2

42-João 12:24

43-João 6:51

44-João 17:12; 20-21a

45-João 17:13

46-João 17:26

47-João 2:16

48-João 2:19

49-João 2:21

50-Efésios 2:19

51-Efésios 2:22

52-João 13:34

53-João 12:3-5

54-Mateus 26:38a

55-Mateus 26:38b

56-Lucas 22:45

57-Mateus 26:40

58-Mateus 26:46

59-Marcos 14:27

60-Mateus 26:35

61-Mateus 5:21-22

62-Mateus 6:3

63-Mateus 8:27

64-Lucas 22:38

65-Lucas 22:57

66-Lucas 22:15

67-Mateus 5:44

68-Lucas 22:44

69-Mateus 26:37

70-Lucas 2:40

71-Lucas 2:48

72-João 4:35

73-João 4:34

74-João 7:46

75-Mateus 26:39

76-Mateus 14:1

77-Mateus 27:17-18

78-Marcos 14:41

79-João 8:7

80-João 12:27

81-João 12:32

82-João 12:35

83-João 12:27

84-Mateus 26:41

85-Marcos 14:36

86-Lucas 22:42

87-Mateus 15:11

88-Mateus 5:3

89-Mateus 5:5

90-Mateus 26:39-45

91-Mateus 26:39

92-Mateus 26:42

93-João 14:10

94-Mateus 7:9

95-Mateus 3:17

96-Mateus 26:38

97-2 Pedro 1:4

98-João 10:34

99-João 10:36

100-Mateus 6:26-28

101-Mateus 11:29

102-Mateus 6:19-20

103-Isaías 45:15

104-1 Reis 19:11-13

105-João 1:18

106-João 1:3

107-João 1:14

108-Marcos 5:39

109-João 15:1-5

110-Mateus 27:42

111-Lucas 15:11-32

112-Lucas 15:3-7

113-João 5:36

Se você quiser fazer um comentário sobre este livro ou quiser divulgá-lo em sua escola, empresa ou grupo social,

por favor entre em contato com

Editora Academia de Inteligência.

Telefax (0XX17) 342-4844

E-mail: academiaint@mdbrasil.com.br

E-mail do autor: jcury@mdbrasil.com.br

Televendas (0XX17) 343-1112

Opiniões de alguns leitores sobre

o primeiro livro da coleção:

ANÁLISE DA INTELIGÊNCIA DE CRISTO -O MESTRE DOS MESTRES.

“Desde que adquiri este livro, ele tem sido meu livro de cabeceira... Parece que cada frase fala comigo”

Cláudia Braga Arquiteta

“Nos últimos capítulos não suportei, comecei a chorar diante de tanta riqueza... Este livro será de grande ajuda para os professores e os alunos do ensino fundamental, médio e superior. Espero que os professores o adotem em salas de aulas...”

Dirce Cabrera Farhate - Educadora

“Em Análise da Inteligência de Cristo, o Cristo é apresentado de forma ideal. Linguagem alta, simples, bela, convincente, precisa, sem perder a poesia. Linguagem de quem viu um ângulo novo desse gênio bimilenar...”

Mário Ribeiro Frigeri - Analista Judiciário do TRT

“Parabéns pela sua obra. Você é um desses raros astros que volta e meia vem iluminar o caos literário que envolve os assuntos de Deus...”

Roberto Fuganholi - Educador e Empresário

“Este livro tem um grande defeito: tem poucas páginas. Sua leitura mudou minha história de vida...”

Ernesto Citta - Agrônomo e Empresário Rural

Uma leitura espetacular. Durante vários momentos revisamos o que fizemos tempos atrás e analisamos como poderíamos ter agido diferente...”

João Henrique - Estudante de direito

“Em meio a muitas angústias e contrariedades, li vários livros, mas foi unicamente através da leitura do livro “ANÁLISE DA INTELIGÊNCIA DE CRISTO – O MESTRE DOS MESTRES” que encontrei respostas para todas elas...” Adenir Pereira da Silva - Juiz Federal

“Esperamos que todos neste país tenham a chance de ler este livro. Ele nos ensina muitas lições sobre nossa existência e nos encoraja a superar nossas dores e perdas. Além disso, ele contribui para expandir nossas inteligências e nos tornar mais tolerantes... “

Juracy Gomes Reis - Fiscal do Trabalho

Miriam M. Reis - Médica Anestesista

“Este livro nos ensina uma nova maneira de ver a vida e reagir ao mundo. Eu o tenho dado de presente para muitos amigos, na esperança que eles aprendam a enxergar com o coração...”

Paula Hunter - Atriz e Cantora

“Sua leitura é tão profunda que pode contribuir para a prevenção da depressão, stress e ansiedade. Eu o tenho recomendado aos meus pacientes...”

Eni Peniche-Psicóloga

A PIOR PRISÃO DO MUNDO

A PIOR PRISÃO DO MUNDO é um livro apaixonante e esclarecedor, escrito

pelo Dr. Augusto Jorge Cury, autor da coleção “Análise da Inteligência de Cristo”. Nele compreendemos que a pior prisão do mundo é aquela que aprisiona a emoção e nos impede de ser livres e felizes...

Diversas doenças, tais como a depressão, a síndrome do pânico, os transtornos obsessivos, as fobias, encarceram a emoção. Entre elas também se encontra a dependência de drogas ou a farmacodependência. Nada afeta tanto a emoção do que gravitar em torno dos efeitos de uma droga. Há milhões de usuários em todo o mundo. Eles são amantes do prazer, mas, sorrateiramente, destroem aquilo que mais os motivam a viver, a liberdade. Quem é prisioneiro no âmago da sua alma, além de perder a liberdade de pensar, faz de sua vida um canteiro de tédio e de angústia. A PIOR PRISÃO DO MUNDO abrirá as janelas de nossas mentes para compreendermos de maneira totalmente nova um dos mais graves problemas da humanidade, o cárcere das drogas. Conduzirá os pais e professores a abordar o assunto com clareza e inteligência, tanto com os jovens que ainda não estão usando drogas, como com aqueles que já estão usando-a. Neste livro, Dr. Cury, evidencia que as relações entre pais e filhos precisam passar por uma verdadeira revolução. Pais e filhos, bem como educadores e alunos, dividem o mesmo espaço, respiram o mesmo ar, mas vivem em mundos diferentes. Estão próximos fisicamente, mas distantes interiormente, o que os tornam um belo grupo de estranhos... O autor enfatiza a necessidade dos jovens expandirem as funções mais importantes da inteligência, pois, somente assim, eles serão livres e saudáveis no território da emoção. Comenta sobre a terapia Multifocal, que abre novos caminhos para o tratamento das doenças psíquicas. Por fim, nos faz resgatar o sentido da vida e nos mostra que aqueles que atravessam o caos emocional e os supera ficam mais experientes e ricos no cerne da alma. A PIOR PRISÃO DO MUNDO interessa não apenas aos que desejam compreender com profundidade o cárcere das drogas e os segredos do funcionamento da mente humana, mas também aos que almejam enriquecer sua qualidade de vida e ser livres dentro de si mesmos.

Este livro se encontra nas principais livrarias do país

Document Outline

- An�se da Intelig�ia de Cristo
- Sum�o
- Pref�o
- Introdu�
- CAP�ULO 1 - A MATURIDADE REVELADA NO CAOS
- CAP�ULO 2 - O SEMEADOR DE VIDA E DE INTELIG�CIA
- CAP�ULO 3 - MANIFESTANDO SUA INTELIG�CIA ANTES DE TOMAR O C�ICE
- CAP�ULO 4 - AS ATITUDES INCOMUNS DE CRISTO NA �TIMA CEIA: A MISS�
- CAP�ULO 5 - UM DISCURSO FINAL EMOCIONANTE
- CAP�ULO 6 - VIVENDO A ARTE DA AUTENTICIDADE
- CAP�ULO 7 - A DOR CAUSADA PELOS SEUS AMIGOS
- CAP�ULO 8 - UM C�ICE INSUPORT�EL: OS SINTOMAS PR�IOS
- CAP�ULO 9 - A REA�O DEPRESSIVA DE JESUS: O �TIMO EST�IO DA DOR HUMANA
- CAP�ULO 10 - O C�ICE DE CRISTO
- CAP�ULO 11 - O HOMEM COMO SER INSUBSTITU�EL
- Notas Bibliogr�cas